



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

VICTOR GABRIEL NOGUEIRA BRITO

**UM ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO EM ARTIGO DE
OPINIÃO COM ALUNOS DO 7º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO VALE DO
JEQUITINHONHA - MG**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
2025

VICTOR GABRIEL NOGUEIRA BRITO

**UM ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO EM ARTIGO DE
OPINIÃO COM ALUNOS DO 7º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO VALE DO
JEQUITINHONHA - MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), para obtenção da qualificação do Mestrado Profissional como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Lima Souza

410
B877e

Brito, Victor Gabriel Nogueira.

Um estudo da argumentação em artigo de opinião com alunos do 7º ano de uma escola pública do Vale do Jequitinhonha - MG. / Victor Gabriel Nogueira Brito. – Vitória da Conquista - BA: UESB, 2025.

139f.

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), para obtenção da qualificação do Mestrado Profissional como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Letras. Sob a orientação do Prof. D. Sc. Luciano Lima Souza.

1. Argumentação - Ensino. 2. Gênero textual – Argumentação - Sequência Didática. 3. Educação - Ensino fundamental. I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, *Campus* de Vitória da Conquista. II. Souza, Luciano Lima. III. Título.

CDD (21): 410

Catálogo na Fonte:

Adalice Gustavo da Silva – CRB 535-5ª Região
Bibliotecária – UESB – Campus de Itapetinga-BA

Índice Sistemático para desdobramentos por Assunto:

1. Gênero textual - Artigo de opinião

Aos professores, pais e pesquisadores que se permitem incentivar o pensamento crítico e fomentam uma educação pautada no que creio como verdadeiro aprendizado: saber ouvir, saber dizer e saber compartilhar.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista, pela chance que me foi dada de pertencer a um ambiente de pesquisa e de aprendizado repleto de novas portas e novos caminhos.

Ao Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) por ser objeto de transformação da nossa prática e da realidade do ensino através deste rico programa de formação.

Aos professores e colegas da turma VIII pelos dias e meses de discussões e momentos de profunda partilha de conhecimentos, experiências, alegrias e dificuldades.

Ao meu orientador, Dr. Luciano Lima Souza, pelos conhecimentos compartilhados, caminhos indicados e por sua didática e coração tão empáticos. Obrigado, professor, pelos ensinamentos e discussões em nossos encontros e por me permitir trilhar este caminho com a paciência e coragem necessárias.

A Deus, que me trouxe até este momento. A confiança Nele é um bálsamo para os dias mais difíceis. Nos momentos de aridez, saber do seu amor era motivo para erguer os olhos, sorrir e prosseguir confiante de que nunca estive sozinho.

À minha família pelo incentivo diário e pelo amor que sempre demonstram nos mais simples momentos. Especialmente à minha mãe, Adinalva, meu pai, Osmano, e às minhas irmãs Amanda e Bruna (obrigado, Fulinha, pelo seu tempo e dedicação em cada citação e tabela). Aos meus amigos/irmãos por dividirem comigo alegrias e aflições e por torcerem ao meu lado em cada pequena batalha.

À minha esposa Naiz, pelo amor, compreensão e pela dedicação constante ao nosso lar e nossa família. Por sua sabedoria em saber lidar com cada pequena circunstância onde eu parecia não achar saída, por entender minhas ausências e minhas faltas em muitos momentos. Seu cuidado é toque suave de Deus.

Ao meu filho Bento, que me ensina todo dia sobre o sentido da existência. Por ele o amor se vê num espelho, me olha de dentro pra fora e me torna tudo que sou.

À Escola Estadual Tancredo Neves, colegas professores e gestão, por tantas falas repletas de incentivo e pelos momentos de alegria compartilhados e que tornam mais leve essa nossa profissão tão dura e desvalorizada.

À Maria Elienete Gonçalves Lacerda (In Memoriam) que tanto me incentivou e pode comemorar comigo minha aprovação antes de partir. Obrigado, Tia Nete, suas palavras de encorajamento foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À minha amada avó, Anelci Mendes Barbosa (In Memoriam), pelo exemplo de resiliência e amor. Sua alegria sempre me acompanhará e jamais será esquecida. Obrigado, Vó Nem, por nossa família, por suas orações, por sua fé. Olhe sempre por nós. Amarei-te para sempre!

RESUMO

O presente estudo propõe uma investigação sobre a argumentação com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Vale do Jequitinhonha – MG, utilizando-se do Artigo de Opinião como um dos gêneros textuais apropriados para o desenvolvimento das habilidades argumentativas inscritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG). Ao considerarmos que a argumentação é uma característica própria da comunicação humana, (Koch, 2002) este estudo defende teoricamente que é necessário que os estudantes adentrem ao ensino médio com estas habilidades bem consolidadas, bem como tornem-se estudantes com capacidade de expor ideias com criticidade e segurança. Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo geral analisar a argumentação de estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Vale do Jequitinhonha – MG, utilizando o Artigo de Opinião como gênero textual para o desenvolvimento das habilidades argumentativas. Ademais, através desta pesquisa procuramos trabalhar em sala de aula por intermédio da utilização do Artigo de Opinião mas, sem desconsiderar as possibilidades de trabalho com outros gêneros textuais, e que, devido às suas características composicionais, nos apresenta como um dos gêneros apropriados para ajudar os estudantes a compreenderem basicamente a argumentação e sua importância em qualquer ato de comunicação. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, em um estudo de caráter descritivo, analítico e interventivo, por trabalhar com as aspirações, crenças e valores dos/das estudantes. Nesta pesquisa, foi utilizada uma atividade diagnóstica e outra atividade interventiva embasada nos pressupostos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Vale do Jequitinhonha – MG, selecionada por critérios específicos para essa investigação, neste caso, devido a serem as turmas em que leciona o professor pesquisador e pelos resultados em avaliações externas obtidos no mesmo ano de escolaridade e na mesma escola da pesquisa. Esta dissertação aborda reflexões sobre o uso dos gêneros textuais em sala de aula segundo os estudos de Bakhtin (1997) e reflexões sobre a argumentação e a criação de sentidos partindo da teoria de Ingedore Koch (2000). Além disso, apresenta o gênero Artigo de Opinião como instrumento capaz de facilitar o trabalho com o texto argumentativo nos anos finais do ensino fundamental. Por fim, traz as considerações finais onde pode-se discutir os resultados obtidos a partir da produção de artigos de opinião pelos alunos e respostas dadas por estes a perguntas sobre outros gêneros lidos e os possíveis caminhos encontrados. Nesta pesquisa, foi possível perceber um uso mais consciente dos estudantes de diversas estratégias argumentativas, bem como da compreensão básica do gênero em estudo e da própria ação de argumentar, que pode organizar-se de forma mais adequada nos textos produzidos. Através desta pesquisa procuramos averiguar de que maneira o uso do Artigo de Opinião pode ajudar na compreensão da argumentação pelos estudantes e esperamos que, ao propormos este trabalho em sala de aula, possamos contribuir na consolidação de habilidades argumentativas dos alunos em anos futuros de sua escolaridade.

PALAVRAS-CHAVE: Artigo de Opinião. Argumentação. Ensino Fundamental. Sequência Didática.

ABSTRACT

This study proposes an investigation into argumentation with 7th-grade students from a public school in the Vale do Jequitinhonha region, in the state of Minas Gerais, Brazil, using the opinion article as one of the textual genres suitable for the development of argumentative skills outlined in the Base Nacional Comum Curricular (BNCC) and the Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG). Considering that argumentation is an inherent characteristic of human communication (Koch, 2002), this study theoretically argues that students should enter high school with these skills well consolidated, becoming individuals capable of expressing ideas with critical thinking and confidence. The general objective of this research is to analyze the argumentation of 7th-grade students from a public school in the Vale do Jequitinhonha, using the opinion article as a textual genre for developing argumentative skills. Moreover, this study aims to work with the opinion article in the classroom—without disregarding the potential of other textual genres—as it presents, due to its compositional characteristics, a suitable format for helping students to understand the fundamentals of argumentation and its importance in any communicative act. The research adopts a qualitative approach, characterized as descriptive, analytical, and interventionist, as it deals with students' aspirations, beliefs, and values. A diagnostic activity and an intervention activity were carried out based on the theoretical assumptions of Dolz, Noverraz, and Schneuwly (2004), involving two 7th-grade classes from the same public school in the Vale do Jequitinhonha. These classes were selected according to specific criteria: the researcher teaches both groups, and the school showed notable results in external evaluations in the same school year. This dissertation includes reflections on the use of textual genres in the classroom, following the studies of Bakhtin (1997), and discussions on argumentation and meaning-making based on Ingedore Koch's theory (2000). Furthermore, it presents the opinion article as a tool capable of facilitating work with argumentative writing in the final years of elementary education. Finally, the concluding chapter discusses the results obtained from students' production of opinion articles, their responses to questions about other genres, and the possible paths identified throughout the research. The study revealed that students began to use a wider range of argumentative strategies more consciously, demonstrating a basic understanding of both the genre and the act of argumentation itself, which was reflected in more organized and coherent written texts. Through this research, we sought to investigate how the use of the opinion article could assist students in understanding argumentation, and we hope that, by implementing this approach in the classroom, it will contribute to the consolidation of students' argumentative skills in future stages of their education.

KEYWORDS: Opinion Article. Argumentation. Elementary Education. Didactic Sequence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Proficiência média	31
Figura 2 - Percentual de acerto	32
Figura 3 - Proficiência Média 9º ano	33
Figura 4 - Percentual de acerto 9º ano	34
Figura 5 - Texto de avaliação	35
Figura 6 - Questão – Distinguir um fato de uma opinião	36
Figura 7 - Fotografia de Almenara-MG.....	44
Figura 8 - Estrutura da sequência didática.....	48
Figura 9 - Recorte de texto de aluno D.....	55
Figura 10 - Produção de texto de aluno B.....	56
Figura 11 - Exemplo de texto de aluno H.....	57
Figura 12 - Exemplo de texto de aluno Y	57
Figura 13 - Exemplo de texto do aluno R.....	59
Figura 14 - Exemplo de texto de aluno W	60
Figura 15 - Texto da aluna S	61
Figura 16 - Texto de aluno D.....	61
Figura 17 - Texto da aluna M.....	62
Figura 18 - Texto de aluno T	63
Figura 19 - Exemplo de texto de aluno P	64
Figura 20 - Exemplo de texto de aluna E	65
Figura 21 - Texto da aluna Y.....	65
Figura 22 - Exemplo de texto de aluno E	68
Figura 23 - Exemplo de texto do aluno T	68
Figura 24 - Texto de aluna H.....	69
Figura 25 - Texto do aluno A.....	70
Figura 26 - Texto do aluno I.....	70
Figura 27 - Texto do aluno G	71
Figura 28 - Texto do aluno U.....	71
Figura 29 - Texto do aluno K	72
Figura 30 - Texto do aluno V.....	72
Figura 31 - Texto do aluno N.....	73
Figura 32 - Texto da aluna L.....	73
Figura 33 - Texto do aluno J	74
Figura 34 - Texto da aluna I.....	74
Figura 35 - Texto da aluna G	75
Figura 36 - Texto do aluno B.....	75
Figura 37 - Atividade 1- Módulo II – aluno G.....	77
Figura 38 - Atividade 1- Módulo II – Aluno I.....	77
Figura 39 - Atividade 1- Módulo II – Aluno M	78
Figura 40 - Resposta do aluno A ao item 2.....	79
Figura 41 - Resposta do aluno C ao item 2.....	79
Figura 42 - Resposta de aluno P ao item 4	80
Figura 43 - Exemplo de texto da aluna E	83

Figura 44 - Exemplo de texto de aluno D	84
Figura 45 - Texto do aluno G	85
Figura 46 - Texto de aluno B.....	87
Figura 47 - Texto de aluno D.....	87
Figura 48 - Texto de aluno R.....	88
Figura 49 - Texto aluno M.....	88
Figura 50 - Exemplo de texto de aluna O	89
Figura 51 - Exemplo de texto de aluna J.....	90
Figura 52 – Continuação de texto da aluna J	91
Figura 53 - Exemplo de texto de aluna S.....	92
Figura 54 - Exemplo de texto de aluno R.....	94
Figura 55 - Exemplo de texto de aluno P	95
Figura 56 - Exemplo de texto de aluno G.....	96
Figura 57 - Exemplo de texto de aluno P	97
Figura 58 - Exemplo de texto de aluna S.....	99
Figura 59 - Exemplo de texto de aluna E	101
Figura 60 - Exemplo de texto de aluna J.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Construção dos sentidos.....	38
Quadro 2 - Detalhamento dos módulos da SD.....	50
Quadro 3 - Descrição do texto do aluno H.....	57
Quadro 4 - Descrição de texto do aluno Y.....	58
Quadro 5 - Descrição de texto do aluno R.....	59
Quadro 6 - Descrição do texto de aluno W.....	60
Quadro 7 - Descrição do texto da aluna S.....	61
Quadro 8 - Descrição do texto de aluno D.....	62
Quadro 9 - Descrição do texto da aluna M.....	63
Quadro 10 - Descrição do texto de aluno T.....	63
Quadro 11 - Descrição do texto do aluno P.....	64
Quadro 12 - Descrição do texto da aluna E.....	65
Quadro 13 - Descrição do texto da aluna Y.....	66
Quadro 14 - Descrição do texto de aluno E.....	68
Quadro 15 - Descrição do texto de aluno T.....	68
Quadro 16 - Descrição do texto da aluna H.....	69
Quadro 17 - Descrição do texto do aluno A.....	70
Quadro 18 - Descrição do texto do aluno I.....	70
Quadro 19 - Descrição do texto do aluno G.....	71
Quadro 20 - Descrição do texto do aluno U.....	71
Quadro 21 - Descrição do texto do aluno K.....	72
Quadro 22 - Descrição do texto do aluno V.....	72
Quadro 23 - Descrição do texto do aluno N.....	73
Quadro 24 - Descrição do texto da aluna L.....	73
Quadro 25 - Descrição do texto do aluno J.....	74
Quadro 26 - Descrição do texto da aluna I.....	75
Quadro 27 - Descrição do texto da aluna G.....	75
Quadro 28 - Descrição do texto do aluno B.....	75
Quadro 29 - Respostas dos grupos.....	76
Quadro 30 - Descrição da resposta do aluno C.....	79
Quadro 31 - Descrição da resposta do aluno P.....	80
Quadro 32 - Argumentos levantados pelos alunos sobre o uso do celular em sala de aula.....	82
Quadro 33 - Descrição do texto da aluna E.....	83
Quadro 34 - Descrição do texto do aluno D.....	84
Quadro 35 - Descrição do texto do aluno G.....	85
Quadro 36 - Descrição de texto de aluna O.....	89
Quadro 37 - Descrição do texto de aluna J.....	90
Quadro 38 - Descrição de texto de aluna J.....	91
Quadro 39 - Descrição do texto de aluna S.....	93
Quadro 40 - Descrição do texto de aluno R.....	94
Quadro 41 - Descrição do texto do aluno P.....	95
Quadro 42 - Descrição do texto do aluno G.....	96
Quadro 43 - Descrição do texto do aluno P.....	98

Quadro 44 - Descrição do texto da aluna S.....	99
Quadro 45 - Descrição do texto da aluna E.....	101
Quadro 46 - Descrição do texto da aluna J	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALFA	Faculdade de Almenara
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAED	Coordenadoria de ações educacionais
CREI	Centro de Referência de Educação Inclusiva
CRMG	Currículo Referência de Minas Gerais
EAD	Ensino à distância
EETN	Escola Estadual Tancredo Neves
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMTI	Ensino Médio em Tempo Integral
FAVENI	Faculdade Venda Nova do Imigrante
IA	Inteligência Artificial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFNMG	Instituto Federal do Norte de Minas Gerais
MG	Minas Gerais
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PROEB	Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica
SD	Sequência Didática
SIMAVE	Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública
SRE	Secretaria Regional de Ensino
SUCEM	Sistema Único de Cadastro e Encaminhamento para Matrícula
TAL	Teoria da Argumentação na Língua
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFVJM	Universidade Federal do Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UNIMONTES	Universidade Estadual de Montes Claros
UNIP	Universidade Paulista

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. ARGUMENTAÇÃO EM GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO	19
2.1. O gênero textual em sala de aula	21
2.2. A argumentação	24
2.2.1. Argumentar é ação para todos	27
2.2.2. A argumentação no contexto do currículo	29
2.2.3. Argumentar e criar sentidos	36
2.3. O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO	40
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.1. Local da pesquisa	43
3.2. Da escola em estudo	45
3.3. Dos participantes da pesquisa	45
3.4. Descrição da Sequência Didática	47
4. REFLEXÕES ACERCA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	53
4.1. Sobre a atividade diagnóstica	55
4.1.1. Sobre o módulo 1	67
4.1.2. Sobre o módulo II	76
4.1.3. Sobre o módulo III	80
4.1.4. Sobre a produção final	85
4.2. Análises Finais	86
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICES	109
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	109
APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	113
APÊNDICE C – SEQUÊNCIA DIDÁTICA: ARTIGO DE OPINIÃO	117
ANEXOS	129
ANEXO I	129
ANEXO II	130
ANEXO III	131

ANEXO IV	132
ANEXO V.....	133
ANEXO VI.....	134
ANEXO VII.....	135

1. INTRODUÇÃO

É necessário compreender cada dia mais a importância da escola na transformação social dos indivíduos de uma sociedade. Haja vista a necessidade do engajamento da equipe gestora, da família e dos/as professores/as para que os/as alunos/as consigam, a partir do que vivenciam na sala de aula, desenvolverem competências que os/as tornem cidadãos/ãs conscientes e atuantes.

Nas aulas de Língua Portuguesa, pensamos ser necessário mostrar os conteúdos, organizados em eixos temáticos, de maneira a produzir nos/as alunos/as um conhecimento real daquilo que os cerca, de modo que saibam utilizar a língua materna adequando-a às diferentes situações da vida cotidiana. Dentre as diversas habilidades que constituem as competências básicas da formação escolar, destacamos a habilidade de argumentar e/ou de defender um ponto de vista de forma consistente.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) determina as habilidades que devem ser desenvolvidas pelos/as alunos/as nos anos finais do ensino fundamental. Dentre as principais habilidades do 6º e 7º ano encontra-se a de que o/a aluno/a deve ser “capaz de identificar e avaliar teses, opiniões e posicionamentos explícitos e argumentos em textos [...] manifestando, também, concordância ou discordância com a opinião veiculada” (Brasil, 2021, p. 161). As habilidades propostas na BNCC dizem respeito tanto às situações de leitura quanto às de produção de textos, já que estas habilidades são essenciais para que o/a aluno/a ingresse no ensino médio com posicionamento crítico bem desenvolvido. Nos anos finais do ensino fundamental, espera-se que “ao se posicionarem, os alunos possam apresentar argumentos que justifiquem o posicionamento assumido com relação aos textos argumentativos analisados” (Brasil, 2021, p. 89). Assim, em conformidade com a sequência das habilidades e competências por ano escolar, esta mesma habilidade é retomada no 8º e 9º anos, na medida em que os estudos sobre operadores argumentativos, gêneros argumentativos e a argumentação se tornam cada vez mais fundamentais para a construção de um indivíduo crítico e consciente, que saiba se posicionar diante dos desafios sociais.

No entanto, na prática docente, é comum percebermos problemas relacionados à ausência e/ou troca de elementos argumentativos, inclusive em atividades orais. Mesmo com a indicação da BNCC que “identificar, em textos, os efeitos de sentido do uso de estratégias de modalização e argumentatividade” (Brasil, 2021, p.173) deve ser uma habilidade específica do 7º ano.

Professor de Língua Portuguesa há sete anos na instituição em que a pesquisa foi desenvolvida, o pesquisador atua, atualmente, com turmas do 7º ano do Ensino Fundamental. A escolha dessas turmas como foco da investigação se justifica não apenas pela atuação direta do pesquisador como docente, mas também pelo fato de que foi nesse segmento que se evidenciou, com maior clareza, a principal questão que orienta esta pesquisa: a dificuldade dos estudantes em produzir enunciados argumentativos com propriedade e coerência. Tal constatação emergiu da observação sistemática em sala de aula, tanto em produções escritas quanto orais, nas quais se notava a fragilidade na organização de ideias, na seleção de recursos linguísticos apropriados e na sustentação de pontos de vista.

Diante desse contexto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a argumentação de estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Vale do Jequitinhonha – MG, utilizando o artigo de opinião como gênero textual para o desenvolvimento das habilidades argumentativas. Para alcançar esse propósito, foram definidos os seguintes objetivos específicos: discutir teoricamente sobre a argumentação e sua relevância no Ensino Fundamental; verificar de que maneira o uso do artigo de opinião pode auxiliar na compreensão da argumentação pelos estudantes do 7º ano; avaliar o desenvolvimento das habilidades argumentativas dos estudantes após a aplicação de uma sequência didática, por meio da análise da produção final de um artigo de opinião; contribuir para a formação de estudantes com capacidade de expor ideias com criticidade e segurança; e, por fim, implementar uma sequência didática (SD) baseada nos pressupostos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) para trabalhar a argumentação com os estudantes, utilizando o artigo de opinião como foco principal, mas sem descartar a possibilidade de trabalhar com outros gêneros textuais.

Neste estudo, a pesquisa se concentra na análise das habilidades como EF69LP15¹, EF67LP05² e EF89LP04³ da BNCC aplicados do 6º ao 9º ano (últimos anos do ensino fundamental) da Escola Estadual Tancredo Neves (EETN), localizada no centro da cidade de Almenara no Nordeste do estado de Minas Gerais. A EETN é a maior instituição escolar da regional e conta com educação técnica, ensino fundamental anos finais, ensino médio regular,

¹ Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos. (Brasil, 2021, p.143) (EF - Ensino Fundamental, 6º - do 6º ano 9º ano, LP - Língua Portuguesa, 05 - número da habilidade.)

² Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos argumentativos (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), manifestando concordância ou discordância. (Brasil, 2021, p.171)

³ Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada. (Brasil, 2021, p.175)

ensino médio integral, educação para jovens e adultos (EJA), além de cursos profissionalizantes, possui um total de 805 alunos distribuídos em três turnos (matutino, vespertino e noturno).

Na EETN, os dados das avaliações diagnósticas da plataforma do Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública (SIMAVE) mostram que uma grande quantidade de estudantes das turmas do 9º ano possui baixo rendimento com habilidades voltadas para as questões de argumentação. Também, na avaliação do Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica (PROEB) (2022), os dados demonstram que, apenas 27% dos/as alunos/as de uma das turmas e 43% de outra desenvolveram a habilidade D17, que é “Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la” (PROEB, 2022), além de dificuldades em descritores básicos de leitura e interpretação. Baseados nestas informações, podemos julgar que as dificuldades apontadas em alunos/as do 9º ano estão diretamente relacionadas às habilidades não consolidadas em anos anteriores.

Deste modo, cabe pensarmos estratégias de ensino que possam favorecer uma melhor apreensão das habilidades argumentativas em alunos do 6º e 7º ano, contribuindo na formação de indivíduos autônomos, capazes de, ao final do ensino fundamental, defender com propriedade um ponto de vista, seja de forma oral ou seja através da escrita.

Nesta pesquisa, propomos um trabalho pedagógico com sequência didática (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004), em duas turmas do 7º ano do ensino fundamental, no estudo da argumentação utilizando, de maneira primordial, o Artigo de Opinião, além de um conjunto de atividades com outros textos e gêneros que complementem o trabalho em sala de aula.

O Artigo de Opinião é um gênero em que o autor evidencia seu ponto de vista sobre assuntos específicos. Geralmente publicado em revistas e jornais, este gênero, segundo Feitoza e Mendes (2010), se propõe a abordar “assuntos polêmicos que circulam na imprensa, na mídia e na sociedade” e a partir do que foi construído, “convencer o leitor à luz do ponto de vista do articulista”.

Ao propormos um trabalho pedagógico entre o artigo de opinião e outros gêneros, julgamos que, para a sua produção bem fundamentada, é necessário que os estudantes, antes, sejam instigados a discutirem sobre a questão polêmica, o que pode ser feito de maneira dialogada e inovadora pelo uso de estratégias diferenciadas na concepção da sequência didática.

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira: Na primeira seção apresentaremos nossas reflexões sobre o uso dos gêneros textuais em sala de aula e sua importância, embasada principalmente nos estudos de Bakhtin (1997); em seguida, trataremos de reflexões sobre a argumentação, ação que deve, segundo o proposto, ser vista como natural e jamais dissociada

do uso da língua; além disso, contemplaremos a relação entre o texto e a argumentação, bem como a criação de sentidos, segundo os estudos de Ingedore Koch (2000); por fim, traremos o estudo sobre os gêneros Artigo de Opinião, apresentando-o como instrumento capaz de facilitar o trabalho com o texto argumentativo nos anos finais do ensino fundamental.

Na segunda seção, explicitaremos os caminhos metodológicos para aplicação da pesquisa e a atividade interventiva; na terceira seção traremos os resultados obtidos após a aplicação da atividade diagnóstica; na quarta seção, explicitaremos a aplicação das atividades seguintes da sequência didática em consonância com a teoria que a fundamenta. E, por fim, traremos as considerações finais onde poderemos discutir os resultados obtidos e os possíveis caminhos encontrados.

2. ARGUMENTAÇÃO EM GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO

Para construção e embasamento desta pesquisa, é necessário que abordemos questões fundamentais de estudos relacionados aos gêneros textuais, bem como aporte teórico sobre a mediação e importância do seu uso em sala de aula. Trabalhar com os gêneros textuais é dar abertura para que os/as alunos/as reconheçam a língua como instrumento social que se adequa a diferentes intenções comunicativas.

O ensino de Língua Portuguesa, ao estar em conformidade com a BNCC (Brasil, 2021), deve ser feito de forma contextualizada, deixando de lado o velho estudo primordialmente conteudista do início do século XX. A BNCC (Brasil, 2021) propõe uma aprendizagem focada em competências e intensifica a noção de que o ensino não são conteúdos soltos e/ou desvinculados da realidade social dos/as alunos/as. Por isso, a importância das instituições de ensino, equipe gestora e professores/as serem capazes de:

[...] contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas (Brasil, 2021, p. 16).

Assim, compreendemos que levar os gêneros textuais para a sala de aula é uma estratégia que favorece a contextualização dos conteúdos dos componentes curriculares fazendo com que os/as alunos/as possam identificá-los no cerne da vida cotidiana e do lugar onde estão socialmente inseridos. Da mesma maneira, a escolha do gênero textual desta pesquisa está de acordo com a compreensão de que é preciso pensar estratégias que conectem os/as alunos/as àquilo que pretendemos que eles/elas sejam capazes de realizar, neste caso, a compreenderem a argumentação como elemento essencial da linguagem humana. E, ainda, que possam desenvolver, nos anos iniciais do ensino fundamental, competências argumentativas descritas nos documentos orientadores do ensino nacional.

Ao tratarmos, então, nesta pesquisa, do uso dos gêneros textuais em sala de aula, as contribuições do estudioso russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) em relação aos gêneros textuais, denominados como “gêneros do discurso”, transformaram a visão dos estudos linguísticos. Os gêneros do discurso são parte essencial da comunicação humana que, mais que estruturas e formas de se escrever, estão diretamente ligados às relações sociais e não se limitam, assim, a meros textos. Os gêneros representam os diversos modos de se dizer, tanto na esfera escrita ou como na oral, além de construírem as relações linguísticas entre os homens. Conforme Bakhtin:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (Bakhtin, 1997, p. 279).

Bakhtin (1997) classifica os gêneros do discurso em gêneros primários e gêneros secundários. Os gêneros primários são aqueles que se apresentam de forma mais básica, como os textos orais, cartas pessoais, os diálogos, por exemplo. E, os gêneros secundários são aqueles mais complexos, que demandam certa elaboração mais formalizada, como os romances ou os textos científicos. Na concepção bakhtiniana, essa compreensão é fundamental e trivial para qualquer estudo que envolva a língua, já que os gêneros fazem parte das atividades humanas. Para o autor:

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (Bakhtin, 1997, p. 282).

A utilização dos gêneros nos seus mais diversos aspectos composicionais e estilísticos é muito mais que um apanhado de regras estruturais, pois o seu uso se configura decididamente naquilo que se deseja expressar.

Assim sendo, ao considerarmos o uso do gênero artigo de opinião para a compreensão da argumentação em sala de aula, estamos, no que tange aos estudos bakhtinianos, levando em consideração a capacidade que este gênero tem de construir, de forma dinâmica, verdadeira comunicação entre os/as alunos. Além de que a argumentação possa ser apreendida de forma natural e de acordo com a necessidade de cada um.

A visão defendida por Bakhtin (1997) também pode ser encontrada em diversos estudos de linguistas brasileiros, entre eles, Marcuschi (2002, 2008, 2010), que ao considerar os gêneros textuais como ferramentas socialmente situadas e influenciadas pela cultura, dialoga com os estudos bakhtinianos e nos indica que os gêneros se adaptam às necessidades dos falantes.

2.1. O gênero textual em sala de aula

O trabalho com os gêneros em sala de aula, para nossa prática docente, tornou-se primordial nos diferentes espaços educacionais. As atividades cada vez mais contextualizadas promoveram uma verdadeira revisão da nossa prática, de maneira a transformar as aulas em ambientes em que os gêneros textuais são os grandes protagonistas dos instrumentos didáticos.

O trabalho com os gêneros em sala de aula, é uma “forma de dar conta do ensino dentro de um dos vetores da proposta oficial dos Parâmetros Curriculares Nacionais que insistem nesta perspectiva” (Marcuschi, 2002, p.36). A BNCC (Brasil, 2021) justifica que “ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela (a criança) vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. (Brasil, 2021, p.40)

O gênero, sob a perspectiva de Marcuschi (2008, p.198), pode ser entendido como “texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, ‘relativamente estável’ do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão bakhtiniana”, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos e como forma de ação social.

Na obra “Da fala para a escrita” (2010, p.15.), Marcuschi afirma que língua e texto devem ser vistos como um “conjunto de práticas sociais”, visto que os contextos sociais básicos onde a escrita é utilizada são: no trabalho, na escola, no dia a dia, com a família, na vida burocrática, na atividade intelectual entre outros. O autor ressalta que, em cada um desses contextos, o uso da língua se configura de variadas e diversas maneiras, e que as:

Inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir, fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas. Seria interessante que a escola soubesse algo mais sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e maleabilidade, servindo até mesmo de orientação na seleção de textos e definição de níveis de linguagem a trabalhar (Marcuschi, 2010, p. 19).

Marcuschi (2010) sugere que os textos escolhidos pelos/as professores/as em sala de aula sejam maleáveis e se adequem ao contexto de uso dos/as alunos/as. Essa análise corrobora a relevância do trabalho com os gêneros textuais, quando pensamos a língua como um instrumento vivo.

Assim, é necessário que se oportunize condições para que a argumentação seja apreendida em seu contexto de uso, muito além da compreensão dos gêneros argumentativos como estruturas formais. Neste enfoque, propomos que os gêneros textuais não se definem

exclusivamente por aspectos formais, mas por “aspectos sócio-comunicativos e funcionais” (Marcuschi, 2002, p. 23).

Ao relatarem sobre o trabalho com os gêneros em sala de aula, Cruz, Duarte e Filho (2017) orientam que, com os gêneros textuais, os professores precisam apresentar aos/as alunos/as a linguagem:

[...] de uma forma contextualizada com a realidade que eles vivenciam em seu cotidiano, ou seja, propor um ensino no qual a língua não seja vista como uma pilha de regras e normas, mas sim, como um recurso que dispomos para interagir no meio social no qual estamos inseridos (Cruz; Duarte; Filho, 2017, p. 2).

Contextualizar o trabalho com os gêneros textuais, propondo que os aproximemos da realidade do discente, é promover um ensino e aprendizagem em concordância com aquilo que é o ponto central deste trabalho. Antes que os/as alunos/as vivenciem o estudo dos gêneros em suas concepções estruturais é necessário que entendam o texto como um instrumento de interação social também entre eles, assim como é a própria linguagem.

Ao considerar o uso dos gêneros textuais no ensino da língua, Marcuschi (2002) nos orienta a respeito do trabalho com estes, na medida em que, se apresentam sempre novos, embora não “absolutamente novos” (Marcuschi, 2002, p.20) já que se baseiam em gêneros tradicionais já existentes. Ademais, estes novos gêneros⁴, criam novas formas de comunicação, principalmente no contexto das mídias, desafiando as relações entre a oralidade e a escrita. Ainda segundo o autor:

Estes gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. A linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica, assemelhando-se a uma coreografia e, [...] nota-se uma tendência a servirem-se de maneira sistemática dos formatos de gêneros prévios para objetivos novos. (Marcuschi, 2002, p.21)

Embora não devamos esquecer dos critérios composicionais de cada gênero, tal como diz o autor em estudo, “não significa eliminar o alto poder organizador das formas composicionais dos gêneros” (Marcuschi, 2002, p.32) em relação à argumentação, compreendemos que normalmente, no cotidiano escolar, os gêneros desta esfera acabam sendo trabalhados de maneira errônea, na medida em que, os estudantes são levados a analisarem de forma mais recorrente suas características composicionais que sua função primordial.

⁴ O autor cita como novos gêneros que emergiram no novo século os editoriais, artigos de fundo, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mail), bate-papos virtuais, aulas virtuais, etc. (Marcuschi, 2002, p20)

Neste enfoque, o trabalho com estes novos gêneros em sala de aula é uma maneira prática de demonstrar a dinamicidade da linguagem e favorecer ao estudante a visão de que o texto se adequa a novos objetivos e a novas realidades. Ainda segundo Marcuschi (2002):

É esta possibilidade de operação e maleabilidade que dá aos gêneros enorme capacidade de adaptação e ausência de rigidez e se acha perfeitamente de acordo com Miller (1948), que considera o gênero como “ação social”, lembrando que uma definição retoricamente correta de gênero “não deve centrar-se na substância nem na forma do discurso, mas na ação em que ele aparece para realizar-se”. Este aspecto vai ser central na designação de muitos gêneros que são definidos basicamente por seus propósitos (funções, intenções, interesses) e não por suas formas. (Marcuschi, 2002, p.32)

Por fim, em concordância com os autores citados, consideramos que o gênero textual que aqui é utilizado é um claro exemplo de texto condizente com o objetivo desta pesquisa: analisar a argumentação de estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Vale do Jequitinhonha – MG, utilizando o Artigo de Opinião como gênero textual para o desenvolvimento das habilidades argumentativas. No entanto, cabe ressaltar, que embora partamos do gênero artigo de opinião, o diálogo com outros gêneros textuais não será descartado pois o seu uso torna-se ferramenta favorável em sala de aula para a compreensão mais aprofundada da habilidade de argumentar, da qual discorreremos a seguir.

2.2. A argumentação

A argumentação textual é procedimento vital para comunicação oral ou escrita, uma vez que, em todo ato de fala, há a presença da argumentação. Desde o início da vida escolar, quando os/as alunos/as são incentivados a usar a língua materna nos mais diferentes contextos, consideramos a argumentação como habilidade fundamental para construção e organização do pensamento das crianças.

Entendemos a argumentação como a habilidade de compreender o mundo à nossa volta, utilizando-nos de estratégias e maneiras de, não apenas convencer o outro daquilo que acreditamos e defendemos, mas de construir conhecimento a partir do uso da língua.

Neste aspecto, é necessário que abordemos as contribuições do linguista e filósofo francês nascido em 1930, Oswald Ducrot (1988), aos estudos sobre a argumentação. Ducrot foi o idealizador da Teoria da Argumentação na língua (TAL), e a compreensão desta teoria é fundamental para que tracemos um caminho para as futuras análises deste trabalho.

Os estudos de Ducrot partem da compreensão semântica de que a argumentação está inscrita na própria língua, assim, determinadas expressões ou palavras imprimem uma determinada direção argumentativa, que muito se relaciona ao contexto de uso da linguagem. Neste sentido, a teoria de Ducrot, surgida dentro da linguística, se aproxima do estruturalismo saussuriano, na medida em que se propõe a uma análise dos signos e das marcas da argumentação que estão no sistema linguístico.

Importante destacar que a teoria, explicitada inicialmente na obra *Polifonia e Argumentação* de 1988, foi sendo modificada e atualizada pelo próprio autor e companheiros de estudo, como Anscombe, demonstrando o caráter dinâmico dos estudos sobre a argumentação. De toda maneira, critérios estabelecidos por ele, desde o início de seus trabalhos, nos orientam quanto ao nosso entendimento de argumentação como parte integrante da linguagem humana.

Inicialmente, segundo o autor, o valor argumentativo de um enunciado já estaria inscrito nas palavras deste. Um exemplo clássico, utilizado por Ducrot, diz respeito ao uso das expressões “pouco” e “um pouco”. Embora pareçam idênticas, em construções como “Pedro estudou pouco” e “Pedro estudou um pouco” as expressões marcadas orientam para direções argumentativas que não necessariamente levam a uma mesma conclusão, o que difere das concepções tradicionais sobre a argumentação. Na concepção tradicional, argumentação seria expor certa justificativa para atingir uma conclusão. Um exemplo pode ser visto a seguir:

(A): Você é amigo de espiões
 (C): Você é um espião
 (L): “Diga com quem andas que direi quem és”

Segundo essa perspectiva, esta sequência argumentativa seria analisada por meio da identificação de uma lei (um princípio geral comum aos falantes – [L]), que somada a um argumento (uma informação específica sobre um estado de coisas do mundo, um fato – [A]), formaria a razão responsável pela conclusão (C). (Campos, 2007, p.140)

Em relação ao exemplo de Ducrot, em síntese, compreendemos que a diferença entre "pouco" e "um pouco" está relacionada à forma como essas expressões são interpretadas no discurso. "Pouco" é uma quantificação mais vaga e absoluta, podendo sugerir uma quantidade reduzida de algo de maneira imprecisa ou indefinida. Já "um pouco" é uma expressão mais relativa, que pode indicar uma quantidade pequena, mas de forma menos extrema e mais contextualmente ajustada. Assim, pouco significaria “não o suficiente”, enquanto um pouco significaria “pode ter sido suficiente”.

Dessa forma, enunciados podem levar a diferentes conclusões. Ao distinguir uma argumentação retórica de uma argumentação linguística, Ducrot concebe que o “sentido de um argumento contém em si mesmo a indicação de que ele deve ser completado pela conclusão.” (Ducrot, 2009, p.22) O autor exemplifica essa concepção, tal como visto a seguir, na relação entre o argumento A e a conclusão C:

Primeiramente, um exemplo simples, aquele em que o segmento A contém uma palavra como *demaix*. Seja, por exemplo, o encadeamento *tu diriges depressa demaix, tu corres o risco de sofrer um acidente* (em que portanto é implícito entre as duas proposições encadeadas). Certos semanticistas pensam, e até mesmo escrevem, que se trata de fato de uma espécie de raciocínio, que passa de uma premissa *tu diriges depressa demaix* a uma conclusão *tu corres o risco de sofrer um acidente*, raciocínio que seria fundamentado num princípio geral implícito quando se dirige depressa demaix, corre-se o risco de sofrer um acidente. Mas essa descrição me parece absurda, porque a própria palavra *demaix* presente no antecedente, só pode ser compreendida em relação ao consequente. O que é dirigir depressa demaix se não é dirigir em uma velocidade que corre o risco de levar a consequências indesejáveis? (...) Dito de outro modo, o próprio conteúdo do argumento só pode ser compreendido pelo fato de que conduz à conclusão (Ducrot, 2009, p. 22).

Neste viés, Ducrot também determina que a argumentação, assim, não está apenas inscrita nas marcas linguísticas, palavras ou expressões. Aqui, vemos o desenvolvimento da teoria dos *topoi argumentativos*, segundo o qual a direção argumentativa dos enunciados também se dá

a partir dos enunciadores (...). O valor argumentativo dos enunciados passa a depender da existência de um enunciador que argumenta, quer ele se identifique com o locutor, quer não se identifique. Duas condições são apresentadas para que o ponto de vista de

um enunciador possa ser considerado argumentativo. A primeira é que ele sirva para justificar uma determinada conclusão, que pode estar explícita ou implícita no enunciado e pode ser assumida ou não pelo locutor. A segunda condição postula a noção de topos, fundamental nessa fase da teoria. O valor argumentativo passa a ser entendido como parte constitutiva do enunciado: o princípio argumentativo, designado de topos, é o responsável pela orientação do enunciado em direção à conclusão; é o intermediário entre o argumento e a conclusão. (Campos, 2007, p.144)

Outro aspecto indicado por Ducrot (1988), diz respeito às conjunções e conectores que fazem o encadeamento das proposições. Estas, podem levar a diferentes direções argumentativas e não podem ser analisadas isoladamente. Aqui desenvolve-se a noção de “operadores argumentativos” pertinentes nos trabalhos de outros estudiosos. É fácil compreender esta teoria quando imaginamos o seguinte exemplo:

Proposição 1: O tempo está quente, por isso vamos ao passeio.

Proposição 2: O tempo está quente, por isso não vamos ao passeio.

Ao observarmos o uso da expressão “por isso” em ambas as proposições percebemos que, em cada sentença a conclusão a que se chega é diferente. Assim, o valor argumentativo apenas se efetiva na relação entre a expressão usada e a conclusão extraída. Ademais, estes operadores têm dupla função: articulação e orientação argumentativa. Segundo Adilson Ventura da Silva (2006), os operadores argumentativos,

(...)introduzidos em uma frase, trazem modificação em seus valores argumentativos, modificação que não é derivada de uma diferença factual entre as informações fornecidas. E, através do estudo desses morfemas, tais como mas, pouco, um pouco, também, etc., ele elabora a sua primeira versão da teoria da argumentação na língua. (Silva, 2008, p.48)

Estas premissas orientam nosso trabalho, pois, pretendemos analisar as produções dos alunos de maneira a verificar as possíveis direções argumentativas a que chegaremos, levando em consideração elementos como as marcas argumentativas, contexto, expressões de encadeamento, entre outros tópicos da teoria ducrotiana, importantíssimos para o nosso estudo e ao estudo de outros teóricos, como Ingedore Koch, que será explicitado no decorrer das nossas discussões.

2.2.1. Argumentar é ação para todos

Quando, em contextos escolares, tratamos da argumentação, nos referimos à habilidade de convencer o interlocutor de nosso ponto de vista ou da capacidade de sustentar este mesmo ponto de vista a partir da escolha das palavras adequadas e argumentos coerentes. Em “Escrever e Argumentar”, Koch e Elias (2016), conceituam que:

Argumentar é tentar convencer o nosso interlocutor por meio de argumentos cuja constituição demanda apresentação e organização das ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista, visando à adesão do interlocutor. Quanto mais argumentos forem sustentados em provas que podem ser fatos, exemplos, opiniões relatadas, dados estatísticos, mais chances teremos de ser bem-sucedidos em nosso intento. (Koch; Elias, 2016, p.34)

Ademais, compreendemos que o/a professor/a, mediador/a do processo educativo, desejoso/a de produzir um ambiente em que a aprendizagem se construa de maneira verídica, necessita proporcionar aos/às alunos/as experiências em que possam, não apenas demonstrar seus conhecimentos, mas ter contato com aquilo que está no mundo do outro. Ao que tange a este trabalho, argumentar é também propor que esta ação está inscrita na própria língua e que suas marcas textuais, entremeadas no uso dos gêneros textuais, podem ser percebidas “no discurso do outro” e utilizadas com eficácia no “seu próprio discurso” (Koch, 2000, p. 110).

Os estudos de Koch e Elias (2016) indicam que “já somos competentes no uso da língua e da argumentação”, contudo, esta competência deve ser aprimorada, já que, nas diversas situações da vida, seremos convidados a argumentar em razão dos “muitos papéis que precisamos assumir” (Koch; Elias, 2016, p. 9-10).

Ainda que a argumentação esteja inscrita na língua, estudar a tipologia argumentativa não é tarefa fácil, principalmente para alunos/as que, a poucos anos, aprenderam, ou ainda estão aprendendo a usar a língua portuguesa em contextos escritos mais elaborados. Seguindo este pensamento, Matei (2016) justifica que:

[...] o estudo da argumentação não é tão simples, por conta da grande variedade de definições com as quais esse termo se depara no fenômeno da linguagem. Apesar disso, o fato de que se aprende a argumentar desde criança é certo. A criança sabe argumentar no momento em que deseja que seu pai, por exemplo, leia para ela uma história antes de dormir. Todo ser humano, nessa perspectiva, é um ser retórico, cuja prática de argumentar segue a trajetória desse ser pela vida afora (Matei, 2016, p. 77).

Ingedore Villaça Koch (2016) também contribui imensamente na percepção de que a argumentação vai muito além da escolha de palavras ou argumentos adequados, mas que, só

pode ser realmente avaliada dentro do contexto do discurso. Para a autora, valores, crenças, vivências, entre outros aspectos, influenciam as escolhas dos falantes e, por consequência, incidem sobre a argumentação. Koch e Elias (2016) salientam que:

Argumentar é humano. Oralmente ou por escrito, em nossas interações, estamos argumentando. Aprendemos a argumentar muito antes do que nos ensinam na escola: nas conversas nossas de cada dia com nossos pais, irmãos, amigos, conhecidos; nas brincadeiras de que participamos e nas histórias que ouvimos, em algum momento, somos solicitados a nos posicionar, a emitir uma opinião, a assumir um ponto de vista (Koch; Elias, 2016, p. 9).

Para Ingedore Koch (2000), a argumentação se configura por marcas linguísticas que se inserem na língua a partir da relação entre o texto e o evento que se constitui a enunciação. Estas marcas, assim, podem ser identificadas nas pressuposições, nas marcas das intenções (implícitas ou explícitas) no texto, na utilização de modalizadores, operadores argumentativos e, por fim, nas “máscaras” que os enunciadores assumem nos atos de fala (Koch, 2000, p. 36).

Podemos delimitar a importância do que é defendido na teoria de Koch (2000), ao considerarmos que, nos contextos discursivos, a argumentação, de fato, se apresenta em marcas que, muitas vezes, surgem entremeadas no próprio discurso. É o que observamos na utilização dos modalizadores, por exemplo, pois, embora um gênero textual estruturalmente impessoal seja estudado ou produzido, é praticamente improvável que o enunciador não utilize palavras ou expressões que denotem opinião, valores ou pontos de vista.

A modalização, segundo Jean Cervoni (1989), se apresenta, numa definição provisória, como “o ponto de vista do sujeito falante” sobre o “dito” (Cervoni, 1989, p. 53). A modalização se configura no uso de advérbios, locuções adverbiais, conjunções e outros elementos textuais que orientem ao ponto de vista do enunciador da mensagem, ainda que esta não tenha sido sua primordial intenção comunicativa. Contudo, não nos caberá neste trabalho adentrarmos teoricamente no conceito de modalização. Segundo o autor supracitado, é difícil delimitar o fenômeno das modalidades, sendo vastos seus estudos e teorias. Ainda assim, a modalização resume-se à compreensão de que “tudo o que o homem pode ser, sentir, pensar, dizer e fazer se insere numa perspectiva particular” (Cervoni, 1989, p. 75).

Ao propormos este trabalho sobre a argumentação no ensino fundamental, compreendemos, inicialmente, que a argumentação acontece e/ou deve acontecer de maneira natural, dados os contextos a que exigimos o uso da língua. Por conseguinte, consideramos que as dificuldades dos/as estudantes não estão simplesmente vinculadas a aspectos lexicais ou

cognitivos, mas que, as habilidades podem e devem ser desenvolvidas partindo do contexto de uso da linguagem deles/as, seus gostos, suas crenças, ideologias e práticas discursivas.

No trabalho aqui proposto, pretendemos que, ao produzirem a atividade futuramente sugerida, os/as alunos/as utilizem a linguagem de uma maneira argumentativa, consigam promover as discussões sobre os trabalhos dos colegas e compreendam como se deve utilizar um discurso com o intuito de promover a aceitação do outro quanto ao seu ponto de vista, ou, simplesmente, que o enunciatário perceba a posição que o enunciador ocupa em relação àquilo que está discutindo.

É importante salientar que, a partir das atividades, os/as alunos/as devem, de acordo aquilo que desejamos, perceber que a argumentação está presente ao seu redor, mas que há maneiras de promovê-la no seu texto, fazendo com que, ao adentrar, nos anos seguintes, nos estudos estruturais dos gêneros argumentativos, essa função linguística se apresente de maneira cada vez mais familiar e natural.

Para tanto, os estudos das teses aqui sintetizadas fundamentam com propriedade aquilo que remonta ao questionamento base deste estudo e nos aponta como o trabalho com o gênero Artigo de Opinião pode contribuir para que os estudantes, envolvidos da realidade em que estão inseridos, adquiram as habilidades de argumentação delimitadas nos descritores dos documentos orientadores da Base Nacional Comum Curricular - BNCC e do Currículo Referência de Minas Gerais - CRMG. Nesta medida, ao determinarmos que a partir do Artigo de Opinião os estudantes estarão livres para trabalharem com a argumentação, corroboramos a conclusão de que argumentar “pressupõe liberdade de pensar e expressar pensamentos” (Koch; Elias, 2016, p. 34).

Neste enfoque, e dada esta importância, partindo dos resultados das avaliações externas e da prática docente, percebemos que existem lacunas nas aprendizagens de descritores argumentativos por alunos/as dos anos finais do ensino fundamental. Estes resultados nos levam a pensar que o trabalho com os gêneros argumentativos esteja sendo realizado de maneira pouco efetiva.

2.2.2. A argumentação no contexto do currículo

Embora a argumentação esteja presente no uso diário da língua, como já exposto, é necessário percebermos que esta habilidade se insere na escola a partir de descritores e competências sugeridas pelos documentos orientadores da nossa prática. Estas habilidades

direcionam o trabalho do/a professor/a e da equipe pedagógica, de maneira a, não apenas formar alunos/as que atinjam os critérios avaliativos a que estes estão expostos, mas também que se formem para a tomada de decisões e como sujeitos autônomos.

Segundo o CRMG (2018), documento que tem como plano de fundo a Base Nacional Comum Curricular, o Plano Nacional de Educação - PNE e os Planos Curriculares Nacionais - PCNs e orienta o trabalho docente durante o ano letivo, são consideradas algumas habilidades argumentativas que devem ser adquiridas no 6º e 7º ano do Ensino Fundamental:

(EF07LP14) Identificar, em textos, os efeitos de sentido do uso de estratégias de modalização e argumentatividade.; (EF67LP05A) Identificar e avaliar teses/opiniões em textos argumentativos (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), manifestando concordância ou discordância.; (EF67LP05B) Identificar e avaliar posicionamentos explícitos e argumentos, manifestando concordância ou discordância. ; (EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e perceber seus efeitos de sentido. (Minas Gerais, 2018, p. 250-251).

Embora o trabalho em sala de aula não deva ser orientado exclusivamente para atender às avaliações externas, habilidades como as descritas acima estão entre as cobradas nestas avaliações e os resultados obtidos por alunos/as ao responderem as questões de múltipla escolha das provas orientam as nossas considerações iniciais. Observemos os dados estatísticos abaixo, retirados dos resultados obtidos na avaliação diagnóstica organizada pelo Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública (SIMAVE)⁵ na escola base desta pesquisa:

⁵ O SIMAVE foi criado em 2000, parceria da Secretaria Estadual de Educação com o Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF). “Ao longo de vinte anos, os resultados obtidos no SIMAVE têm auxiliado na implementação, (re)formulação e monitoramento de políticas educacionais, contribuindo ativamente para a melhoria da qualidade da educação no estado e na promoção da equidade.” (Disponível em: <https://simave.educacao.mg.gov.br/#!/programa>. Acesso em: 29 abr. 2024).

Figura 1 - Proficiência média

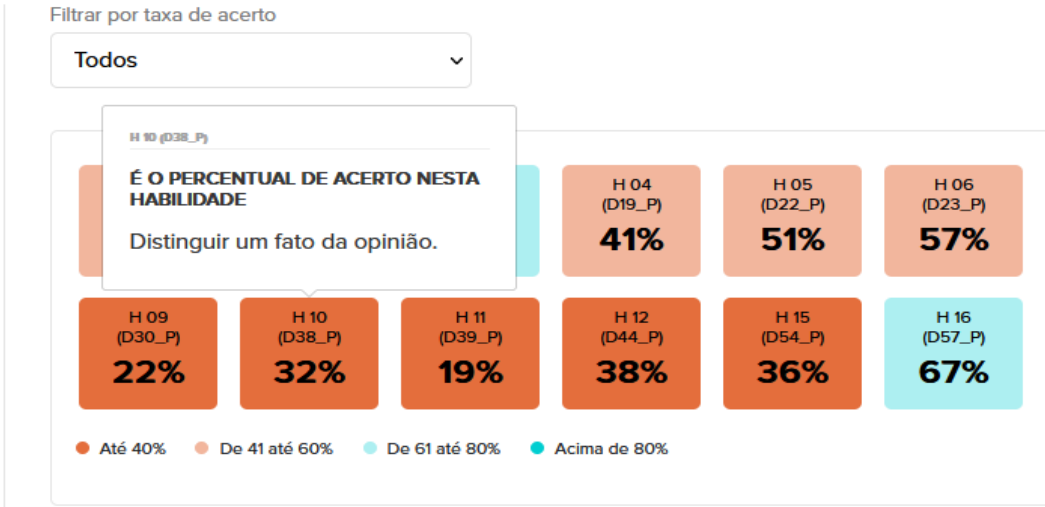


Fonte: Resultados – SIMAVE. Acesso em 28/04/2024.

Os dados acima nos ajudam a perceber, inicialmente, as dificuldades do público-alvo desta pesquisa. Apenas 12% dos estudantes das 3 turmas de 7º ano da escola em estudo apresentam aprendizagem adequada, partindo dos resultados analisados das respostas dadas pelos alunos/as às questões da 1ª avaliação diagnóstica aplicada nas primeiras semanas do ano letivo. As questões da avaliação, elaboradas externamente pela secretaria estadual de educação, contemplam diferentes habilidades determinadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Nosso enfoque de trabalho se alinha ainda mais àquilo que defendemos aqui quando analisamos os resultados das turmas por habilidade. Observemos os dados seguintes:

Figura 2 - Percentual de acerto



Fonte: Resultados – SIMAVE. Acesso em 28/04/2024.

Observando os resultados, pudemos averiguar que apenas 32% dos estudantes do 7º ano adquiriram resultado satisfatório em relação à habilidade H10 – Distinguir um fato da opinião. Ou seja, muitos alunos/as parecem não conseguir perceber, no texto, elementos textuais que determinam a posição ou a opinião daquele que escreve. Quando observamos os resultados das turmas do último ano do ensino fundamental, percebemos que esta dificuldade se mantém ou apresenta número ainda mais preocupante:

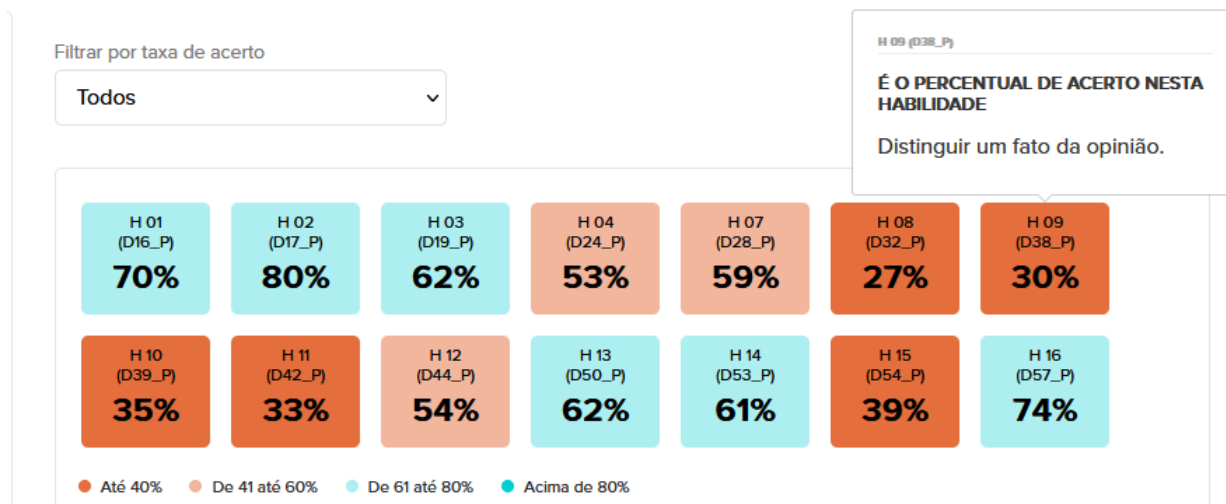
Figura 3 - Proficiência Média 9º ano



Fonte: Resultados – SIMAVE. Acesso em 28/04/2024.

Quanto a proficiência média, apenas 3% dos estudantes apresentaram resultados satisfatórios, segundo os dados da primeira avaliação diagnóstica. Os dados são extremamente preocupantes quando supomos que os discentes analisados estarão, nos próximos anos, no ensino médio e bem próximos de adentrarem o ensino superior ou o mercado de trabalho. Os resultados por habilidade também preocupam, como pudemos analisar a seguir:

Figura 4 - Percentual de acerto 9º ano



Fonte: Resultados – SIMAVE. Acesso em 28/04/2024.

No 9º ano do ensino fundamental a habilidade de distinguir um fato de uma opinião em um texto, inscrita como H 09, só foi adquirida por cerca de 30% dos/as alunos/as avaliados/as. Os resultados nos levam a compreender que as lacunas de compreensão de habilidades argumentativas poderiam ser sanadas já em anos anteriores, o que facilitaria a compreensão dos estudantes nos próximos anos.

Salientamos que, ao não diferenciarem um fato de uma opinião, os estudantes estão distantes de compreender aquilo que defendemos como base da argumentatividade. Utilizar a linguagem para expor um conceito, uma ideia, um ponto de vista, é procurar, com certa intencionalidade direta, convencer o outro daquilo que acreditamos, pois, nossos atos de comunicação já estão repletos de argumentação.

Segundo o SIMAVE:

[...] a percepção de pontos de vista diversos é necessária para que os estudantes sejam capazes de realizar tarefas mais complexas ainda, como identificar ideias semelhantes, divergentes, complementares, assim como os argumentos que são apresentados em defesa dessas ideias. A consolidação dessa habilidade, ao término do Ensino Fundamental, é uma das condições para que os estudantes possam exercer sua cidadania de forma plena, dentro e fora da escola, em diversas situações que demandam a capacidade de ter um olhar crítico sobre os fatos do cotidiano. (Minas Gerais, 2023, p.43)

A partir dos dados expostos, consideramos que os/as alunos/as necessitam compreender o que é argumentar, muito além de produzir um gênero argumentativo como uma resenha crítica

ou um artigo de opinião, é preciso que percebam como se criam os sentidos a partir da argumentação, de que maneira a argumentação pode estar inscrita na sua fala ou em seu texto e como o uso desta habilidade faz parte de uma linguagem que “representa a si mesma, através do jogo extremamente complexo de relações que só podem ser explicadas dentro do próprio discurso.” (Koch, 2000, p.34)

Ao observarmos a avaliação diagnóstica aplicada no 7º ano na escola em estudo, da qual retiramos os dados apresentados anteriormente, podemos perceber a atividade que contempla a habilidade em foco. A questão pode ser analisada na figura a seguir:

Figura 5 - Texto de avaliação

Leia o texto abaixo.

‘O tesouro do pequeno Nicolau’: mais uma aventura com o personagem chega aos cinemas brasileiros

Uma das figuras mais famosas da literatura infanto-juvenil (não apenas francesa, como mundial), o [...] menino francês, Nicolau, está de volta aos cinemas numa nova aventura inédita, ‘O tesouro do pequeno Nicolau’. Desta vez, a trama em questão é inédita até mesmo nos livros [...].

‘O tesouro do pequeno Nicolau’ [...] traz uma história inédita de autoria do diretor do filme, Julien Rappeneau (do recente ‘Meu filho é um craque’). Esta é a terceira aventura com o personagem a ser adaptada para o cinema, depois de ‘O pequeno Nicolau’ (2009) e ‘As férias do pequeno Nicolau’ (2014). O longa [...] chega aos cinemas apropriadamente nesta semana de Natal. É boa diversão indicada para toda a família.

O mundo tranquilo do pequeno Nicolau inclui o papai, a mamãe, a escola e, o mais importante: sua turma de amigos. Eles são chamados de ‘Os Invencíveis’, mas acima de tudo são inseparáveis. Ao menos é o que pensam. Quando o papai de Nicolau é promovido, e a família deve se mudar para o sul da França, o mundo do menino se despedaça. Como seguir em frente sem seus amigos? Com ajuda deles, Nicolau embarca numa jornada em busca de um tesouro que pode evitar seu maior medo – mudar de cidade.

LEÃO, Tom. ‘O tesouro do pequeno Nicolau’: mais uma aventura com o personagem chega aos cinemas brasileiros. In: *Jornal do Brasil*. Disponível em: <<https://bit.ly/3jpo7ue>>. Acesso em: 22 dez. 2022. Adaptado para fins didáticos. Fragmento. (P070524H6_SUP)

Disponível em: Avaliação Diagnóstica – SIMAVE, 2023. Minas Gerais – p.4

O texto, um trecho de uma resenha crítica do filme “O tesouro do pequeno Nicolau”, é utilizado para que os alunos consigam perceber enunciados argumentativos utilizados pelo autor, determinando o que é fato e o que é opinião. A questão pode ser vista na imagem abaixo:

Figura 6 - Questão – Distinguir um fato de uma opinião

08) (P070525H6) Nesse texto, o trecho que apresenta uma opinião é:

- A) "... a trama em questão é inédita até mesmo nos livros...". (1º parágrafo)
- B) "Esta é a terceira aventura com o personagem...". (2º parágrafo)
- C) "É boa diversão indicada para toda a família.". (2º parágrafo)
- D) "... o mundo do menino se despedaça.". (3º parágrafo)

Disponível em: Avaliação Diagnóstica – SIMAVE, 2023. Minas Gerais – p.4

Como já visto, apenas 32% dos estudantes responderam corretamente à questão acima, ou seja, assinalaram a opção C. Na opção correta observamos que o articulista expressa sua opinião ao classificar o filme resenhado como uma “boa diversão para toda a família”.

A partir desta análise, já nos parece que os/as alunos/as necessitam perceber que a argumentação acontece de maneira muito clara através de palavras e expressões comuns da língua, como na utilização da expressão “é boa diversão” o que insere no texto um ponto de vista do locutor.

Neste sentido, é importante que estudemos como a argumentação se configura nos textos produzidos pelos/as alunos/as, e que os auxiliemos na compreensão destas estruturas que promovem a argumentatividade.

2.2.3. Argumentar e criar sentidos

Interessa-nos neste trabalho compreender como a argumentação pode ser construída nos textos produzidos pelos/as alunos/as do 7º ano. Para tanto, é preciso analisar como a linguagem se organiza para este fim, já que, por parte do enunciador é necessário existir certa intencionalidade. A argumentação só se efetiva se, também ao enunciatário, o texto produzir sentido.

Ao articular sobre a construção de sentidos no texto, Ingedore Koch (1997) apresenta, mediante o estudo de diversas teorias linguísticas, a visão de que a compreensão do que é transmitido no texto apenas se configura adequadamente quando se considera a relação entre os diversos elementos linguísticos.

De toda maneira, quanto à argumentação, partimos dos pressupostos da autora, que, ao considerar o contexto de uso da língua por aquele que produz o enunciado, determina que:

O que interessa, assim, ao estudo propriamente linguístico são as formas de organização da linguagem para a realização de fins sociais (o que inclui, evidentemente, o estudo do sistema de signos de que nos valem). Isto é, seu objetivo é verificar como se conseguem realizar determinadas ações ou interagir socialmente através da linguagem (Koch, 1997, p. 13).

Desta maneira, cabe-nos, no perfazer deste trabalho, discutir brevemente sobre elementos que, em seu uso típico na língua, são essenciais para a realização de enunciados argumentativos. Contudo, como já exposto, não nos parece coerente, pelo ano de escolaridade dos participantes da pesquisa, nos aprofundarmos em demasia nestes elementos nas atividades propostas, já que, consideramos mais importante que compreendam, de maneira objetiva, a argumentação como ato necessário e que deve ser construído de maneira coerente e coesa.

Ainda segundo a autora, deve-se considerar a intencionalidade do falante, pois, sem essa intenção, não é possível averiguar o “propósito dos produtores de textos” (1997, p.20). Atrelada a essa intenção está o conjunto de ocorrências verbais que devem ser utilizados adequadamente na constituição de um texto coesivo e coerente. Em sentido amplo, a intencionalidade do falante:

[...] abrange todas as maneiras como os sujeitos usam textos para perseguir e realizar seus objetivos. A aceitabilidade, por sua vez, refere-se à atitude cooperativa dos interlocutores, ao concordarem em "jogar o jogo", de acordo com as regras e encaram, em princípio, a contribuição do parceiro como coerente e adequada à realização dos objetivos visados (Koch, 1997, p. 20).

Em “Argumentação e Linguagem”, após intensificar a compreensão de que a argumentação está inscrita na língua, como já exposto, Koch (2000) descreve as diversas “marcas linguísticas” da argumentação, entre elas, os tempos verbais, as pressuposições, elementos modalizadores e os operadores argumentativos, chamados por ela também de “operadores do discurso” (Koch, 2000, p.132). Todos estes, utilizados nas diferentes construções linguísticas, demarcam a argumentação e sua efetividade.

Em decorrência daquilo que pretendemos demonstrar nesta pesquisa, procuramos explicitar os elementos que se apresentam mais próximos do cotidiano dos estudantes e/ou que aparecem mais corriqueiramente nos conteúdos didáticos do 7º ano, neste caso, os operadores argumentativos, as expressões modalizadoras e como aparecem nas produções.

Os operadores argumentativos são elementos da gramática da língua portuguesa e ajudam a direcionar as ideias do enunciado e determinar sua força argumentativa. Geralmente os operadores conseguem antecipar a intenção comunicativa do falante. Segundo Koch (2000), estes elementos, também presentes na gramática de cada língua, são responsáveis pelas relações

que orientam a sequência dos discursos com outros enunciados capazes de continuá-lo. Ainda segundo a autora:

É importante salientar que se trata, em alguns casos, de morfemas que a gramática tradicional considera como elementos meramente relacionais – conectivos como **mas**, **porém**, **embora**, **já que**, **pois**, etc., e em outros, justamente de vocábulos que [...] não se enquadram em nenhuma das dez classes gramaticais. Rocha Lima chama-as de palavras denotativas e Bechara de denotadores de **inclusão** (até, mesmo, também, inclusive); **de exclusão** (só, somente, apenas, senão, etc.); **de retificação** (aliás, ou melhor, isto é); **de situação** (afinal, então, etc.) (Koch, 2000, p.105).

Nas produções dos/as alunos/as com o gênero artigo de opinião, pretendemos avaliar o uso de elementos como os operadores, em suas mais diversas funções semânticas, de maneira a compreender a força argumentativa dos seus enunciados e se conseguem fazê-lo de maneira consciente.

Para Emediato (2005) os operadores argumentativos são importantíssimos para o encadeamento do texto e a escolha do operador pelo enunciador está ligado a como este decide trabalhar a ordem da sua argumentação. Sobre este encadeamento, observa-se o quadro a seguir, criado a partir de exemplos dado pelo mesmo autor:

Quadro 1 - Construção dos sentidos

O uso do celular com acesso à internet em sala de aula é um desafio (A), ainda que (B) com ele os alunos encontrem respostas para as atividades.
Em (A, ainda que B.) afirma-se que o uso do celular com acesso à internet em sala de aula é um desafio, e concede-se a ele a qualidade de ajudar os alunos a encontrarem as respostas para as atividades. Neste caso, a conjunção (ainda que) é chamada de concessiva. Há também a possibilidade de mudar o sentido proposto pelo enunciador, relacionando as duas sentenças de maneira explicativa. (A, porque B):
O uso do celular com acesso à internet em sala de aula é um desafio (A), porque (B) com ele os alunos encontram respostas para as atividades.
Em (A, porque B) explica-se porque o uso do celular em sala de aula é um desafio. Os alunos encontram as respostas das atividades na internet e não as realizam de maneira individual, prejudicando a aprendizagem. Num outro sentido, pode-se relacionar as duas sentenças de maneira temporal. (A, quando B.):
O uso do celular com acesso à internet em sala de aula é um desafio (A), quando (B) com ele os alunos encontram respostas para as atividades.

Neste caso, de forma temporal e restritiva, compreende-se que o uso dos celulares com internet em sala de aula é um desafio numa situação específica, quando os estudantes encontram as respostas das atividades propostas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Através do quadro acima podemos perceber de que maneira os caminhos argumentativos dos enunciados são direcionados a partir do uso dos operadores argumentativos. Esta compreensão básica nos parece essencial aos/as alunos/as, para que, sabendo daquilo sobre o que pretendem argumentar, possam construir discursos coerentes e efetivos.

Partindo dos sentidos dos operadores expressos nos exemplos expostos e sabendo da necessidade do uso destes nas construções de ordem argumentativa, propomos atividades em que os/as alunos/as possam ter possibilidade de praticar a argumentação de maneira objetiva e construir sentidos utilizando de recursos como os operadores na criação de textos diversos e em que a argumentatividade possa estar presente.

Seguindo o mesmo enfoque, consideramos que o uso dos modalizadores é essencial para a argumentatividade dos enunciados. Leal (2004), explicita, partindo dos estudos de Jean-Paul Bronckart (1999), que os modalizadores se dividem em 4 grupos:

Modalizações lógicas – “consistem em julgamentos sobre o valor de verdade das proposições anunciadas, que são apresentadas como certas, possíveis, prováveis...”[...] Modalizações deônticas – “avaliam o que é anunciado à luz dos valores sociais, apresentando os fatos enunciados como (socialmente) permitidos, proibidos, necessários...” [...] Modalizações apreciativas – “traduzem um julgamento mais subjetivo, apresentando os fatos enunciados como bons, maus, estranhos, na visão da instância que avalia.” [...] modalizações pragmáticas – “julgamento sobre uma das facetas da responsabilidade de um personagem em relação ao processo de que é agente, principalmente sobre a capacidade de ação (o poder – fazer), a intenção (o querer – fazer) e as razões (o dever – fazer).” (Bronckart *apud* Leal, 2004, p.35)

Assim, seja no uso dos operadores argumentativos, seja no uso de expressões modalizadoras e que denotam o ponto de vista do falante, salientamos que, assim como argumenta Leal (2004), as intenções de influenciar os interlocutores podem ser notadas na escolha do tipo de texto, na organização das ideias, na estruturação dos períodos, no uso de expressões, na conjugação verbal, na escolha das palavras, entre outros elementos e que “todas as decisões sobre os aspectos semânticos ou formais são tomadas em função dos efeitos pretendidos.” (Leal, 2004, p.43)

Para isso, proporemos atividades com o gênero Artigo de opinião, explicitado a seguir.

2.3. O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Com a intenção de trabalhar o desenvolvimento das habilidades argumentativas inscritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) e nos PCNs, que nos orienta para um trabalho pedagógico em Língua Portuguesa a partir de gêneros de circulação social em sala de aula, a nossa escolha foi pelo gênero textual artigo de opinião, como foco desta pesquisa. No entanto, é importante salientar que muitos outros gêneros textuais desta natureza, também, poderiam ser utilizados com a mesma finalidade, mas aqui neste estudo daremos destaque ao artigo de opinião.

Assim, com a intenção de elegermos os aspectos a serem considerados na nossa análise, além dos estudos teóricos apresentados anteriormente, recorreremos a estudos relacionados aos gêneros, de modo geral, e aos que caracterizam o artigo de opinião.

O artigo de opinião é um gênero textual argumentativo que tem como objetivo expressar e defender um ponto de vista sobre um determinado tema de relevância social, política, cultural ou científica. Ele é comumente publicado em jornais, revistas, blogs e outros meios de comunicação, sendo uma ferramenta que contribui para a formação de opinião crítica da sociedade.

Segundo Feitoza e Mendes (2010), ao concebermos este gênero como objeto de estudo da esfera jornalística, nos deparamos com um ponto crucial, já que “o artigo de opinião associa-se a um fato consentido e amplamente divulgado pela mídia: a sua imparcialidade acerca dos fatos mencionados” (2010, p.56). Contudo, o artigo de opinião, devido a suas características básicas, torna-se, essencialmente, formador de opinião e capaz de apresentar um tema de relevância social no momento de sua produção. Ainda segundo os autores, nos artigos de opinião,

(...) os temas sempre são questões polêmicas que circulam na imprensa, na mídia e na sociedade. As discussões estão sempre ligadas a acontecimentos recentes e relacionados ao momento histórico em que se inserem. Neste ponto, pode-se encontrar alguma semelhança com a notícia, que busca nos fatos a construção do texto, porém a grande diferença está no fato de que o enunciador[...], sempre explicita uma opinião, diferente da notícia que, tecnicamente, tenta ser imparcial. O ponto de vista da articulista aparece no texto na forma de uma tese. Para sustentá-la, a autora propõe argumentos que, de acordo com o seu ponto de vista pessoal, sustentam a postura defendida no texto. (Feitoza; Mendes, 2010, p.56-57)

De acordo com a perspectiva bakhtiniana de gêneros do discurso, já explicitada anteriormente, o artigo de opinião pode ser compreendido a partir de três elementos essenciais:

conteúdo temático, construção composicional e estilo verbal, além da situação de produção que envolve o querer-dizer de um enunciador para um destinatário em uma esfera de atividade humana.

O conteúdo temático diz respeito a temas que lhe são pertinentes, socialmente relevantes e ligados ao contexto histórico. A construção composicional refere-se à estruturação geral do gênero. No caso do artigo de opinião, analisado por Feitoza e Mendes (2010), observam-se algumas características recorrentes como: título chamativo, assinatura do articulista, quantidade de parágrafos (7 a 10) e a presença da tese (p.58-60).

Quanto ao estilo verbal, é comum que um artigo de opinião apresente linguagem que se adeque ao perfil do leitor, expressões modalizadoras e adjetivos além de sequências explicativas e argumentativas que procuram convencer o leitor da opinião veiculada.

Embora não trate especificamente sobre o artigo de opinião em sua teoria, Bakhtin intensifica a noção, a partir de sua obra *Estética da Criação Verbal* (1997), que o artigo de opinião seria um ato de comunicação vivo, inserido em um contexto histórico e social, onde múltiplas vozes se cruzam. Sua força está não apenas na defesa de uma ideia, mas em sua capacidade de dialogar com outras perspectivas, reconhecendo a natureza intersubjetiva da linguagem. A eficácia do artigo depende, assim, de sua habilidade em orquestrar vozes e engajar o leitor em um debate contínuo.

O artigo de opinião se insere dentro do que Dolz e Schneuwly (*apud* Feitoza; Mendes, 2010) chamam de gêneros da ordem do argumentar. Sendo assim, o domínio da comunicação social é o da discussão de assuntos controversos, na qual o autor visa a um entendimento por parte do leitor e escolhe um posicionamento diante desse.

Em consonância com o proposto, ao compreendermos a importância do uso desse gênero no trabalho realizado, escolhemos como tema para discussão o uso do celular na sala de aula, já que, trata-se de problema comum no cotidiano dos estudantes e capaz de gerar opiniões adversas e debates com relevância social dentro do ambiente escolar.

Cabe ainda ressaltar a presença do gênero “Artigo de Opinião” nos documentos orientadores como a BNCC (2011), como já explicitado no início destas discussões, sendo de fundamental importância o seu uso como ferramenta de discussão em sala de aula. O trabalho com o artigo de opinião, portanto, alinha-se às diretrizes da BNCC (2011) ao promover o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade argumentativa dos estudantes, preparando-os para interagir de forma consciente e engajada nas diversas esferas sociais.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi realizada em duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em município do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, com cerca de 60 alunos/as de 12 a 16 anos pertencentes a classe social média/baixa sendo cerca de 20% residentes na zona rural do município⁶. Este trabalho teve como método a pesquisa de campo com viés qualitativo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa.

Ao adentrarmos, como pesquisadores, o “chão da escola”, e a sala de aula, pretendemos usar este campo como ferramenta de revisão da prática docente, identificando variáveis e contribuindo para estudos posteriores. Sabemos que os resultados podem ser diversos, assim como são diversos os participantes da pesquisa, e estamos conscientes de que não é possível delimitar resultados, mas analisá-los, na medida em que surgirem, de maneira dinâmica e espontaneamente. A “Pesquisa de Campo”, para Ruiz:

[...] consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises. Esta espécie de pesquisa não permite o isolamento e o controle das variáveis supostamente relevantes, mas permite o estabelecimento de relações constantes entre determinadas condições (Ruiz, 2011, p. 50).

Quanto ao caráter qualitativo, a escolha se justifica pelo fato de valorizarmos as contribuições individuais dos participantes da pesquisa, levando em consideração que, embora possam ter dificuldades básicas de leitura ou escrita, suas contribuições vão além daquilo que podemos quantificar. Ao tratarmos de argumentação, pretendemos que seja possível analisar, com a certa subjetividade a que este viés nos proporciona, aquilo que consideramos relevante no que tange a capacidade argumentativa dos enunciados produzidos. Em consonância, na obra “Introdução a Pesquisa Qualitativa” de Uwe Flick, traduzida por Joice Elias Costa (2009), vemos que:

(...) os métodos qualitativos, consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação (...) (Flick, 2009, p.25)

⁶ Dados retirados a partir da observação das matrículas realizadas via SUCEM (Sistema Único de Cadastro e Encaminhamento para Matrícula).

Através do estudo e aplicação de uma sequência didática com produção textual pelos discentes e também de uma pesquisa bibliográfica que auxiliou a compreensão dos dados observados, buscou-se interpretá-los e refletir sobre os resultados contribuindo com a prática docente e com o campo da pesquisa em educação. Cabe ainda salientar que, segundo Minayo:

Interpretar é um ato contínuo que sucede à compreensão e também está presente nela: toda compreensão guarda em si uma possibilidade de interpretação, isto é, de apropriação do que se compreende. A interpretação se funda existencialmente na compreensão e não vice-versa, pois interpretar é elaborar as possibilidades projetadas pelo que é compreendido (Minayo, 2011, p. 623).

Assim, de acordo com Minayo (2011), a interpretação é um processo que acontece de forma contínua e está sempre ligado à compreensão. Isso quer dizer que, ao compreender algo, começamos, ao mesmo tempo, a interpretar o que está sendo compreendido. Compreender, portanto, não é apenas captar uma informação ou um sentido, mas também abrir espaço para refletir sobre aquilo, dar significado e se apropriar do conteúdo de maneira pessoal. Nesse sentido, a interpretação não vem depois da compreensão, mas faz parte dela desde o início. Minayo (2011) destaca ainda que a interpretação se apoia na compreensão, e não o contrário. Isso significa que é a partir do que se compreende que se constroem diferentes interpretações, elaborando sentidos e possibilidades que surgem do próprio entendimento inicial.

3.1. Local da pesquisa

Tendo em vista o problema levantado, neste caso, as dificuldades apresentadas por alunos dos anos finais do ensino fundamental em relação às habilidades de argumentação, seus questionamentos, bem como o intuito desta pesquisa, elegeu-se, como já citado anteriormente, o município de Almenara - MG na região do Vale do Jequitinhonha e uma de suas escolas estaduais como referência para o estudo. O município, pertencente ao chamado “Baixo Jequitinhonha”, possui cerca de 40.364 habitantes segundo o Censo Demográfico (IBGE 2022)⁷.

Com uma área de 2.294.426 km², a região, chamada popularmente de “Princesinha do Vale”, possuía a maior praia fluvial de água doce do mundo, contudo, devido a exploração do ouro, contaminação das águas com mercúrio e assoreamento das margens, o rio perdeu o

⁷ Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/almenara.html>.

volume. Ainda assim, o Rio Jequitinhonha mantém sua beleza e se constitui como grande ponto turístico, assim como as praças da cidade, a igreja Matriz de São João Batista e o Morro do Cruzeiro.

Figura 7 - Fotografia de Almenara-MG



Fonte: Disponível em: <https://www.almenara.mg.gov.br/>. Acesso em: 10/04/2024.

Consoante, a riqueza cultural da cidade vai muito além de seus recursos naturais e suas construções. Almenara se destaca no cenário do Vale do Jequitinhonha pelo seu patrimônio humano, repleto de artistas e artesãos que levam o nome da cidade muito além do que se imagina. Segundo o site “Saberes Plurais”:

Mais marcantes que as belezas naturais de Almenara são as belezas culturais intrincadas na cidade e em seu povo hospitaleiro. Dentre tantas culturas presentes no Vale do Jequitinhonha, a cidade de Almenara também possui fortes expressões culturais próprias disseminadas em meio a sua população. O Coral da Igreja de São João Batista, o Coral de Almenara e o Coral das Lavadeiras são típicas expressões musicais da cidade. Esse último nasceu do convívio das lavadeiras, a partir da criação de uma lavanderia comunitária na cidade, em 1991. Na singularidade do convívio, cantigas com raízes nos batuques, sambas, afoxés, frevos, rodas, modinhas e toadas, foram reveladas para um grande público. Com o passar dos anos, o coral já foi reconhecido pela crítica e imprensa, tendo aparecido mais de uma vez em programas de televisão em rede nacional, o que resulta num grande orgulho para o público de Almenara. Expressões do folclore brasileiro também aparecem em grupos como o de Dona Maria do Bode – trabalho abnegado visando a manutenção da cultura local. Passando aos objetos materiais da cultura, há ainda os trabalhos dos artesãos de Almenara: bordados, cestas, trançados, esculturas. Há uma grande diversidade de criações entre os artistas da cidade, todas reproduzindo a arte típica da região. (Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/saberesplurais/municipio/almenara/> Acesso em: 25 maio 2024).

Além das características já descritas, a cidade também se destaca por ser atualmente um polo acadêmico do baixo Jequitinhonha. O município conta com campi do IFNMG – Instituto Federal do Nordeste de Minas Gerais, UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros e ALFA – Faculdade de Almenara. Há ainda cursos EAD e presenciais disponibilizados em campi da UFVJM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, UNIP – Universidade Paulista e FAVENI – Faculdade Venda Nova do Imigrante.

3.2. Da escola em estudo

A Escola escolhida para pesquisa foi uma das primeiras instituições da região a oferecer o antigo ensino médio ou educação normal. A instituição possui um dos maiores prédios entre as demais escolas estaduais da cidade e conta hoje com ótima estrutura. Conta com laboratório para curso de enfermagem, biblioteca, refeitório, sala de informática e de recursos, pátio extenso, quadra poliesportiva coberta, e salas de aula com lousas de vidro, datashow e ar-condicionado instalados.

No momento desta pesquisa a escola possuía 805 alunos regularmente matriculados em 3 turnos de funcionamento, destes, a maioria no ensino fundamental final (6º ao 9º ano). Desde 2017 a escola atende o EMTI (Ensino Médio em Tempo Integral) sendo uma das escolas modelo para aplicação do Novo Ensino Médio na regional de Almenara-MG. A escola também é um CREI (Centro de Referência de Educação Inclusiva) com profissionais que capacitam todas as escolas da SER – Superintendência Regional de Ensino quanto a educação especial e inclusiva.

Por sua estrutura e número de alunos, conta com uma equipe gestora formada por 5 servidores (1 diretor e 4 vice-diretores), além de 3 especialistas e o maior número de docentes do município. A escola atende hoje a 10 turmas do ensino fundamental anos finais (3 turmas de 6º ano, 3 turmas de 7º ano, 2 turmas de 8º ano e 2 turmas de 9º ano).

3.3. Dos participantes da pesquisa

O trabalho aqui proposto foi realizado em duas turmas do 7º ano da referida escola. Embora a escola contenha 3 turmas do 7º ano, o trabalho aconteceu em apenas duas, haja vista o professor/pesquisador apenas atuar em duas delas, o que justifica a escolha destas e não de todas as turmas. Como responsável por esta investigação, o professor/pesquisador atua na escola em dois cargos distintos. É licenciado há aproximadamente dez anos e integra o corpo

docente da instituição há quase sete. Além da atuação docente, desenvolve produções poéticas nas quais costuma abordar temas relacionados à realidade local e, em especial, à realidade educacional do município. Poeta e pós-graduado em Educação e Desigualdade Social, reforça o compromisso com uma abordagem crítica e sensível às questões sociais e educacionais que atravessam o cotidiano escolar. Assim, esta vivência como educador e artista contribui para uma compreensão mais aprofundada dos contextos analisados neste trabalho.

Quanto às turmas participantes, a primeira, do turno matutino, é denominada 7º regular 1 e possui 27 alunos regularmente matriculados, sendo 15 meninos e 12 meninas. Destes, 7 alunos residem na zona rural do município e precisam de transporte escolar para chegarem até a escola. Cabe dizer que é uma turma tranquila, com alunos que apresentam certo interesse pelos conteúdos, ainda que demonstrem dificuldades. Importante destacar também que 5 alunos da turma (4 meninos e 1 menina) são semianalfabetos ou não conseguem ler e/ou escrever.

A segunda turma, do turno vespertino, é denominada 7º ano regular 3 e possui 37 alunos/as regularmente matriculados/as, sendo 23 meninos e 14 meninas. Destes, 4 alunos/as residem na zona rural do município. Ao contrário da turma descrita anteriormente, esta apresenta alunos/as com dificuldades de aprendizagem e de comportamento, são alunos inquietos e 9 deles apresentam idade em distorção com o ano escolar. 5 alunos/as não sabem ler e escrever, ou apenas reproduzem o que está escrito no quadro ou no livro didático.

A realidade educacional do município nos aponta aspectos importantes e que impactam na aprendizagem dos estudantes. É insuficiente a participação da família na vida escolar dos discentes e ainda há um número grande de alunos/as que trabalham para ajudar a família. Muitos estudantes parecem frequentar a escola por obrigação, de maneira a seguir as condicionalidades exigidas para recebimento de benefícios sociais como o Bolsa Família.

Estes aspectos também orientaram a escolha da linha de pesquisa deste trabalho e na metodologia utilizada. As atividades de interpretação, dinâmicas e discussões foram feitas em grupos, de maneira a permitir que os alunos interajam e se ajudem. Por fim, a partir do exposto, compreendemos que somos motivados a pensar estratégias diversificadas que melhorem nosso trabalho em sala de aula e que auxiliem na aprendizagem dos discentes, centro de nossa atividade profissional.

3.4. Descrição da Sequência Didática

A sequência didática (SD) que serviu como atividade diagnóstica e interventiva seguiu os estudos linguísticos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Segundo os autores, uma sequência didática é definida como um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito. O objetivo principal de uma sequência didática é ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe escrever ou falar de uma maneira mais adequada em uma dada situação de comunicação. As sequências didáticas servem para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis. Segundo os autores:

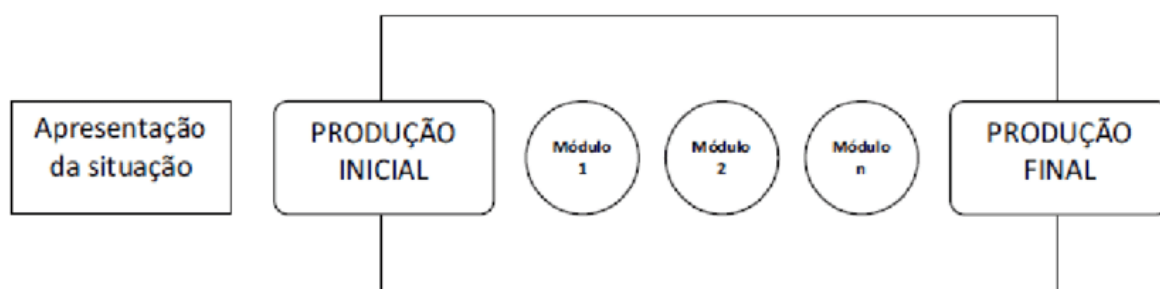
Certos gêneros interessam mais à escola – as narrativas de aventuras, as reportagens esportivas, as mesas redondas, os seminários, as notícias do dia, as receitas de cozinha, para citar apenas alguns. Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente. (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 97)

Sabe-se que, numa sala de aula, são diversas as situações que podem prejudicar o aprendizado dos estudantes. Especificamente nesta pesquisa, procuramos promover o ensino das habilidades de argumentação que, comumente estão relacionadas ao estudo de gêneros com os quais os estudantes não estão familiarizados, como é o caso do artigo de opinião, embora pareça comum no ambiente escolar. Por isso, a escolha do trabalho com sequência didática, seguindo os estudos apontados, se torna primordial e inteiramente proveitoso. Ainda segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly:

As diferenças entre os alunos, longe de serem uma fatalidade, podem constituir um enriquecimento para a aula desde que se faça um esforço de adaptação. Deste ponto de vista, as sequências didáticas apresentam uma grande variedade de atividades que devem ser selecionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades dos alunos, dos momentos escolhidos para o trabalho, da história didática do grupo e da complementaridade em relação a outras situações de aprendizagem da expressão, propostas fora do contexto das sequências didáticas. (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p.110)

De maneira a promover um efetivo aprendizado dos alunos, foi proposta uma organização da sequência didática, segundo os autores supracitados, como pode ser visto na imagem abaixo:

Figura 8 - Estrutura da sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Scheneuwly, 2004, p. 97

De maneira objetiva, na sequência didática visa-se expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado na produção final. Na produção inicial, os alunos tentam elaborar um primeiro texto oral ou escrito, revelando suas representações sobre o gênero e as capacidades que já possuem. Essa produção serve como uma avaliação formativa para o professor, permitindo replanejar as atividades dos módulos. Também permite aos alunos consolidar os elementos da apresentação da situação e se conscientizarem dos problemas do gênero que foi trazido para a sala de aula.

Nos módulos, são trabalhados os problemas que apareceram na primeira produção, oferecendo aos alunos os instrumentos necessários para superá-los. A atividade de produção é decomposta para abordar separadamente seus diversos elementos. Os módulos devem trabalhar problemas de diferentes níveis e variar as atividades e exercícios. Durante os módulos, os alunos também aprendem a falar sobre o gênero, adquirindo um vocabulário técnico que é registrado em uma lista de conhecimentos adquiridos.

Por conclusão, na produção final, o aluno tem a oportunidade de aplicar as noções e instrumentos trabalhados nos módulos e, também, permite ao professor realizar uma avaliação somativa, utilizando os critérios elaborados ao longo de toda a sequência.

Em suma, a sequência didática é um procedimento estruturado e intencional que visa o desenvolvimento das capacidades de expressão oral e escrita dos alunos através do trabalho sistemático com gêneros textuais específicos, passando por etapas de apresentação, produção inicial, desenvolvimento em módulos e produção final.

Assim, utilizando um grupo teste (cerca de 60 estudantes do 7º ano do ensino fundamental), buscamos averiguar e propor atividades diversificadas que se supõem favoráveis para a compreensão dos estudantes sobre os aspectos básicos da argumentação e que possam,

consequentemente, contribuir para sanar futuras lacunas e modificar o quadro de habilidades em argumentação não consolidadas.

O exercício da leitura e da escrita tem se tornado tarefa complexa no ensino fundamental. Além das dificuldades de aprendizagem (leitura, ortografia, interpretação) que muitos ainda apresentam, infelizmente, o que temos percebido em sala de aula são atividades onde os textos são meros caminhos para se estudar a gramática, o que não oferece abertura para que os estudantes compreendam o texto e o exercício da produção escrita como ferramentas de inserção social e humanização.

Desta mesma maneira, o ensino da argumentação tem se pautado na leitura e produção de textos da esfera argumentativa, na repetição de mecanismos estruturais de produção textual, regras formais e elementos gramaticais, sem que o estudante tenha autonomia para compreender a argumentação como expressão legítima do uso da língua pelo enunciador.

Partindo destes pressupostos, a atividade que orientará nosso trabalho seguiu a organização proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), como já exposto anteriormente. As atividades foram sequenciadas como abaixo explicitamos.

Na apresentação inicial, organizamos os alunos em círculo para promover a interação e a observação mútua. Em seguida, os alunos foram questionados sobre o conceito de "ter opinião" e a capacidade de expressá-la adequadamente. Mediamos as discussões para garantir a compreensão. Este momento visa definir o significado de ter opinião para o aluno e sondar seus conhecimentos prévios sobre o tema. Os/as alunos/as foram informados que produziriam um artigo de opinião, de maneira a definir de maneira clara o gênero textual que seria trabalhado.

Ainda na apresentação inicial, mostramos uma capa de um fanzine⁸ que está relacionada ao uso do celular em sala de aula de maneira a estimular os comentários e levantar as primeiras opiniões sobre o assunto. Esta fase também contribui para identificar o conteúdo temático a ser desenvolvido e realizar atividades de leitura da imagem para antecipar discussões.

Seguindo a estrutura proposta por Dolz, Noverraz e Scheneuwly (2004), solicitamos a produção inicial dos estudantes propondo a questão polêmica “O uso do celular em sala de

⁸ O fanzine ou zine é uma publicação próxima aos textos da esfera jornalística. A partir dele o/a autor/a, chamado zineiro/a, usando sua criatividade como forma de expressão, fala daquilo que manifesta interesse, distribuindo-o de acordo ao número de cópias que fizer, ao público que desejar. É como um jornal repleto de arte, subjetividade e opinião, “é um espaço único de divulgação, de comunicação, de posicionamento e compartilhamento” (Almeida, 2020, p. 7).

O termo fanzine surgiu na década de 1940 pelo escritor de ficção Russ Chauvenet. É a redução de fanatic magazine (revista de fanático). Inicialmente referia-se às publicações independentes que refletiam a visão de um fã sobre o objeto cultural de seu apreço: filme, livro, poesia, banda, quadrinho etc. No Brasil, popularizou-se na década de 80 quando se tornou, não exclusivamente a visão de um fã, mas manifestação criativa de cultura.

aula”. Propomos a leitura e discussão de um modelo com a apresentação de trecho do artigo “Abominável Mundo Novo” de Lira Neto, explicando porque ele se classifica como um artigo de opinião. A leitura seguiu por uma discussão oral sobre o problema apresentado pelo autor e as opiniões dos discentes sobre o ponto de vista do articulista. Este momento permitiu que os alunos concretizassem os elementos apresentados na primeira etapa ao analisar um exemplo do gênero e refletir sobre a temática, além de servir como avaliação formativa para o professor identificar as representações iniciais dos alunos sobre o gênero.

Após a produção inicial, as atividades foram organizadas em três módulos, detalhados no quadro a seguir:

Quadro 2 - Detalhamento dos módulos da SD

Módulo 1 - O Artigo de Opinião
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação Formal do Gênero: O professor apresenta o conceito de artigo de opinião de forma clara e objetiva, utilizando um vídeo ("Artigo de Opinião - Como Fazer?") e detalhando conceitos como introdução, tese e proposta de intervenção. Esta etapa visa o aprofundamento do conhecimento sobre o gênero textual. • Análise das Produções Iniciais: O professor comenta trechos dos artigos produzidos pelos alunos (sem identificar os autores), focando nos erros mais comuns. Uma discussão dialogada é promovida para que os alunos comentem os trechos e exponham suas opiniões. Esta atividade configura uma atividade de observação e análise de textos, focando nas dificuldades identificadas na produção inicial. • Discussão sobre Persuasão e Argumentação: O professor questiona os alunos sobre o significado de persuadir e, com base nos trechos analisados, discute se a argumentação utilizada nos textos iniciais foi eficaz. Questões são propostas para que os alunos avaliem seus próprios textos em relação à persuasão e à clareza na expressão de suas ideias. Ao final, o professor reforça a necessidade de assumir um ponto de vista, apresentar exemplos e justificativas claras para construir uma boa argumentação. Esta fase envolve a elaboração de uma linguagem comum sobre os critérios de uma boa argumentação.
Módulo 2 - Escolhendo elementos e argumentos (Gameificação)
<ul style="list-style-type: none"> • Jogo "Mudando o Sentido": Os alunos são organizados em grupos para um jogo com o objetivo de entender como os operadores argumentativos alteram o sentido das frases. São utilizados cartões com operadores argumentativos e frases diversas. Os grupos sorteiam um operador e uma frase para formar uma sentença coerente, sendo pontuados pelo uso adequado do operador. O professor comenta as mudanças de sentido causadas pela alteração dos operadores. Esta atividade prática visa trabalhar a compreensão e o uso dos mecanismos linguísticos específicos da argumentação.

- Atividade 1: Completando Frases com Operadores Argumentativos: Os alunos devem completar frases com o operador argumentativo mais adequado e explicar o sentido que cada um confere à frase. Esta é uma tarefa simplificada de produção focada no uso de conectivos argumentativos.
- Atividade 2: Escolha o Melhor Argumento: Os alunos devem ler proposições e escolher o argumento que melhor as sustenta, justificando sua escolha. Esta atividade visa desenvolver a capacidade de identificar e selecionar argumentos relevantes para sustentar um ponto de vista.
- Discussão e Exemplificação: O professor comenta as respostas das atividades, mostrando como diferentes operadores podem gerar diferentes sentidos na Atividade 1 e como diferentes argumentos podem se relacionar às proposições. São fornecidos exemplos de como conectar proposições e argumentos com diferentes operadores. Estas discussões complementam as atividades de observação e análise ao refletir sobre as escolhas linguísticas e argumentativas.

Módulo 3 - O fanzine e o ponto de vista

- Retomada da Capa do Fanzine e Introdução ao Gênero: A capa do fanzine é novamente apresentada, e o professor comenta brevemente sobre o gênero.
- Análise Compartilhada do Fanzine: Textos e imagens do fanzine são analisados e lidos de forma compartilhada, discutindo o tema "O celular na sala de aula" para estimular o posicionamento crítico dos alunos. O fanzine é apresentado visualmente (datashow ou impresso) para facilitar a discussão. Esta etapa configura uma atividade de observação e análise de textos multimodais, explorando diferentes formas de expressão de opiniões.
- Discussão sobre as Imagens da Página 1: Questões são levantadas sobre o que as imagens (celular monstruoso x celular angelical) querem retratar e com qual imagem os alunos mais concordam, solicitando justificativas. São pedidos exemplos de justificativas para transformar o celular em "monstro" ou "anjo".
- Discussão sobre as Capas de Revistas: São mostradas e discutidas recortes de capas de revistas que abordam o tema do celular, questionando quais capas expressam visões positivas ou negativas e por que o autor do material as colocou lado a lado.
- Discussão sobre Colagens e Citações: Uma página com colagens (celulares, bombas e corações) e citações ("Ei, Se liga!", "Eu sei usar!", "A tecnologia mudou o mundo", "Quem doma a quem?", "A tecnologia move o mundo" - Steve Jobs) é apresentada para discussão, com perguntas sobre o que mais chama a atenção, a relação entre o homem e a tecnologia e o uso correto da tecnologia.
- Análise de Poema e Comentário Pessoal: Um poema de Carlos Drummond de Andrade ("O Menino e o Poder") seguido de um comentário pessoal que relaciona o poema ao uso do celular na escola é

apresentado. Questões são propostas para analisar se a página critica ou apoia o uso do celular, como o autor expõe suas ideias e que outros tipos de textos poderiam ser utilizados no fanzine. Estas discussões visam a ampliação da compreensão da temática e a observação de diferentes estratégias de expressão de opiniões.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em conclusão, na produção final, retomamos o gênero Artigo de Opinião e relembramos suas principais características. Esta etapa serviu como uma forma de sistematização dos conhecimentos adquiridos nos módulos. Importante salientar que convidamos os estudantes a compartilharem o que acharam mais interessante nas discussões em sala e a se prepararem e pesquisarem mais sobre o tema, definindo seus pontos de vista.

Por fim, os estudantes produziram individualmente um novo artigo de opinião sobre o tema proposto “O uso do celular em sala de aula”. Esta foi a produção final, onde os/as alunos/as aplicaram os conhecimentos e habilidades desenvolvidas ao longo da sequência didática.

O trabalho foi encerrado com a apresentação dos artigos produzidos, seguido de uma discussão sobre os recursos que cada aluno utilizou para defender seu ponto de vista. Este momento permitiu a avaliação somativa do aprendizado e a socialização das diferentes perspectivas sobre o tema.

4. REFLEXÕES ACERCA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Tendo como referência os desafios enfrentados em nosso cotidiano na escola, sabemos e acreditamos que esta pesquisa se justifica, pois, diante daquilo que presenciamos, “é preciso transformar as nossas práticas argumentativas em objetos de reflexão” (Koch; Elias, 2016, p.10). Assim, a partir daquilo que acreditamos e propomos defender, somos capazes de promover discussões, decisões e transformações advindas da capacidade humana de argumentar e de expor posições a partir da linguagem.

Logo, em conformidade com nossa compreensão do ato de argumentar, levamos em consideração como os estudos de Ingedore Koch e Vanda Maria Elias (2016) auxiliam nosso trabalho, na leitura que fazem, ao determinarem que “escrever (e falar) é interagir” e que “como lugar dessa interação, o texto esconde mais do que revela em sua superfície linguística, razão pela qual defendemos que o sentido não está apenas no texto, mas é estrategicamente construído pelos sujeitos envolvidos na interação” (Koch; Elias, 2016, p.10).

Ao propormos a atividade diagnóstica, que se desenvolve na produção inicial da sequência didática, procuramos evidenciar que “na produção e compreensão de um texto não basta o conhecimento da língua, é preciso também considerar conhecimentos de mundo, da cultura em que vivemos, das formas de interagir na sociedade” (Koch; Elias, 2016, p.15)

Neste trabalho, debruçamo-nos efetivamente sobre o uso da linguagem e consideramos o texto na medida em que Ingedore Koch e Vanda Elias (2016) o concebem, como um fruto da interação dos sujeitos, e de sua construção como tais. Neste contexto, o texto, produção diagnóstica inicial, nos serve e nos servirá (também nas produções futuras) como objeto de análise que evoca a interação entre os interlocutores, tal como determina Koch (2016). Para a autora, “falamos ou escrevemos sempre para alguém, (ainda que este alguém seja nós mesmos) e não o fazemos à toa, ou de qualquer modo.” (Koch, 2016, p.18) A este tópico, denominado “Princípio de Intencionalidade” podemos elencar outros, como explicitado abaixo:

(...) Com o que dizemos, queremos sempre alguma coisa (princípio de intencionalidade), que pode ser, por exemplo, anunciar, informar, sugerir, pedir, ordenar, desabafar, argumentar etc., e esperamos que o outro nos dê atenção e reaja ao que propomos (princípio de aceitabilidade). Para isso, avaliamos a situação em que nos encontramos e em que se encontra o outro com o qual interagimos (princípio da situacionalidade), pressupomos conhecimentos de textos em comum (princípio da intertextualidade) e fazemos um balanceamento do que precisa ser explicitado ou não (princípio da informatividade). Também cuidamos de linkar ou amarrar as partes que compõem o nosso dizer (princípio da coesão) e, considerando tudo isso, construímos sentidos (princípio da coerência). (Koch; Elias, 2016, p.18-19)

Estes princípios determinados pelas autoras estão diretamente relacionados, segundo nosso estudo, à produção de enunciados argumentativos. Assim, deve-se também analisar como estes parecem ser desenvolvidos nos textos produzidos pelos estudantes. Sabemos e indicamos, como visto em capítulo anterior, que argumentar é criar sentidos e vai além da escolha de vocábulos ou operadores, embora estes sejam necessários, como veremos a seguir, mas se configura, principalmente na busca da coerência, já que se encontra “no centro” do “processo interacional, de forma negociada”. (Koch; Elias, 2016)

A partir de agora, cabe-nos dizer como vemos a ação de argumentar neste trabalho. Como já dito, os conceitos e estudos sobre a argumentação estão em constante discussão e aprimoramento, o próprio Oswald Ducrot (1988), considerado como iniciador dos estudos sobre a argumentação na língua, está em constante atualização de sua teoria. Contudo, é necessário que tomemos um caminho para análise das produções dos estudantes, e neste caso, levamos em consideração a definição de argumentação para Ingedore Koch e Vanda Maria Elias (2016). Para as autoras, argumentar tem ligação direta com uma intenção persuasiva, já que a partir dela queremos “convencer o nosso interlocutor em relação a posições que assumimos e à validade dos argumentos que constituímos para defendê-las.” (Koch; Elias, 2016, p.24).

Em paralelo aos estudos de Charaudeau (2008), Koch e Elias determinam que em um enunciado argumentativo é necessário haver:

- i) uma proposta que provoque em alguém um questionamento, quanto a sua legitimidade; ii) um sujeito que desenvolva um raciocínio para demonstrar a aceitabilidade ou legitimidade quanto a essa proposta; iii) um outro sujeito que se constitua alvo da argumentação. Trata-se da pessoa a quem se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a compartilhar da mesma convicção, sabendo que ela pode aceitar (ficar a favor) ou refutar (ficar contra) a argumentação. (Charaudeau, *apud* Koch; Elias, 2016, p.24)

Assim, compreendemos que argumentação é a ação de convencer alguém, ou para persuadi-lo ou para que mude seu pensamento. Para se construir uma boa argumentação é possível tomar parte de diversas estratégias também elencadas por Koch e Elias (2016) e que serão retomadas nas análises e na atividade de produção dos alunos. As principais estratégias dizem respeito ao uso de operadores argumentativos, inferências e implícitos, uso da intertextualidade, a escolha lexical adequada, uso de citações, explicações, exemplificações, além do uso de articuladores textuais e modalizadores que orientam a argumentação, tal como já propõe Oswald Ducrot (1988), intensificando a noção de que a argumentação está inscrita na própria língua.

Figura 10 - Produção de texto de aluno B

tro bulhas em meu conte... ai tenho

Eu, no Hora etimare, passando para a opinião

e quem não importa Vão matando

e estar com di... emagrecer

esse. Celular no escola muito ruim as

vezes.

O celular é muito importante.

Em casa e de... em geral, só que a quem

Fonte: Dados da pesquisa

A partir da produção do artigo de opinião sugerido, pudemos realizar uma análise inicial da argumentação utilizada pelos estudantes, explicitada, resumidamente, nos trechos que se seguem. Antes, porém, de adentrarmos na análise propriamente dita, vale dizer que nenhum estudante considerou argumentar apenas como favorável o uso do celular em sala de aula. Esta análise nos leva a compreender a teoria de Koch e Elias (2016), pois, sabendo que deveriam entregar o texto para a leitura do professor, os estudantes pareceram preferir discorrer sobre uma opinião que, para eles, estaria mais de acordo com o senso comum, conhecimentos compartilhados, o que comumente escutam, com a nossa opinião, ou, à opinião que acreditam ser a nossa.

Assim, considerar o contexto dos interlocutores é essencial para entendermos como a argumentação se dá no processo de uso da linguagem, já que:

(...) é preciso que o produtor do texto considere a imagem que faz do seu leitor/ouvinte, de seus conhecimentos, interesses, opiniões, enfim, de sua maneira de ver o mundo. Caso essa imagem seja equivocada, o texto não só deixará de produzir os efeitos desejados, como ainda será capaz de indispor o leitor potencial para a leitura. (Koch; Elias, 2016, p.30-31)

Neste sentido, passemos a apontar os principais problemas relacionados à argumentação observados nos textos dos alunos das duas turmas.

Figura 11 - Exemplo de texto de aluno H

Eu particularmente divido opiniões, o celular pode ser um benefício grande na vida do estudante, mais vai de Pessoa Para Pessoa, a Pessoa tem que saber usar o celular. Ele pode te beneficiar com: Pesquisas, atividades em Pdf, ajudar em atividades ou Para casas, é claro que você não pode ficar pegando tudo da internet, até porque se você fizer isso não vai memorizar direito e pode tirar até um 0 zero na prova, mais te ajuda muito, e traz benefícios Para você, como:

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 3 - Descrição do texto do aluno H

"Eu particularmente divido opiniões, o celular pode ser um benefício grande na vida do estudante, mais vai de pessoa para pessoa, a pessoa tem que saber usar o celular. Ele pode te beneficiar com: pesquisas, atividades em pdf, ajudar em atividades ou Para casas', é claro que você não pode ficar pegando tudo na internet, até porque se você fizer isso não vai memorizar direito e pode tirar até um 0 zero na prova..."

Fonte: Dados da pesquisa

Podemos analisar que a aluna H tem dificuldade em assumir um ponto de vista. A expressão "Eu particularmente divido opiniões" comprova essa dificuldade. Não fica claro se a aluna é a favor ou contra o uso do celular. Compreendemos que uma posição mais direta poderia favorecer sua argumentação. Do mesmo modo, a afirmação de que o celular pode ser um "benefício grande" e a preocupação com a falta de memorização podem parecer contraditórias ao interlocutor. Isso pode gerar confusão sobre a real contribuição do celular para o aprendizado. Este mesmo problema pode ser percebido nos textos de outros estudantes, que parecem não conseguir assumir um posicionamento em específico. Observemos o trecho a seguir:

Figura 12 - Exemplo de texto de aluno Y

O uso do celular na sala é bom e ruim ao mesmo tempo porque o lado bom é que quando tiver uma pesquisa na sala de aula da pra você pesquisar e dar e também da pra você tirar foto do quadro do livro que você não tem mais e também você tira uma foto de um livro de uma colega pra você fazer um resumo e também tira uma foto de uma matéria pra mandar pra colega que não veio na aula etc... é o lado ruim é que os alunos ficam mexendo no celular sem precisar sem ter um livro pra tirar foto ou sem ter uma pesquisa pra fazer um trabalho e etc... por isso que é bom e ruim ao mesmo tempo.

Assinatura

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 4 - Descrição de texto do aluno Y

“O uso do celular na escola e bom e ruim ao mesmo tempo por que o lado bom e que quando tiver uma pesquisa na sala de aula da pra você pesquisar o dever e também da pra você tira foto do quadro do dever que você não terminou (...) E o lado ruim e que os alunos fica mechendo no celular sem precisão, sem ter um dever pra tira foto ou sem ter uma pesquisas pra fazer ou trabalho e etc...”

Fonte: Dados da pesquisa

No trecho referenciado acima, podemos perceber a mesma dificuldade em assumir um posicionamento claro diante do assunto, além disso, outros problemas podem ser apontados, como a falta de exemplos mais concretos quando é apresentado o lado negativo do uso do celular. Embora compreendamos que a posição do estudante seja demonstrar que, para ele, não há um consenso, a falta de organização da sua argumentação deixa o trecho bastante raso e com pouca força persuasiva.

Partindo da perspectiva de Koch e Elias (2016), os dois trechos exemplificam que a argumentação dos estudantes é falha devido a falta de exemplos concretos, coesão textual, problemas ortográficos e a falta de um ponto de vista mais claro. Segundo as autoras é importante definir um ponto de vista, pois esse, ao ser indicado logo no início do texto “trata-se de uma boa estratégia para iniciar uma argumentação.” (2016, p. 161) Ainda segundo as autoras:

Nas mais corriqueiras situações do dia a dia, buscamos as versões dos acontecimentos, o ponto de vista que as constrói. Aliás, sobre isso, nos disse o Pai da Linguística Moderna, o suíço Ferdinand de Saussure, que é o ponto de vista que cria o objeto de estudo. Como vemos, o ponto de vista faz toda a diferença na história, na ciência, na argumentação. (Koch; Elias, 2016. p. 162)

Mais um exemplo do problema levantado pode ser visto no texto produzido pelo aluno R, em que, a falta de um ponto de vista claro deixa o texto superficial e pouco coeso, demonstrando que o estudante parece não conseguir desenvolver sua linha de raciocínio.

Figura 13 - Exemplo de texto do aluno R

muita das vezes o celular é muito importante
 exemplo um dever para casa em outra parte um
 celular atrapalha a mente do ser humano vicia mu-
 ito a criança em jogo reliza coisas mais para outra
 parte é muito importante é ajudar muito o ser humano
 em uma parte é muito legal em outra parte é muito ruim

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 5 - Descrição de texto do aluno R

“muitas das vezes o celular é muito importante exemplo um dever para casa em outra parte um celular atrapalha a mente do ser humano vicia muito a criança em jogo (ilegível) para outra parte é muito importante é ajudar muito o ser humano em uma parte é muito legal em outra parte é muito ruim”

Fonte: Dados da pesquisa

É muito importante destacar também os problemas relacionados com a pontuação e ortografia dos trechos, algo que atrapalha a fluidez do texto e contribui para uma argumentação falha, rasa e, muitas vezes, incompreensível.

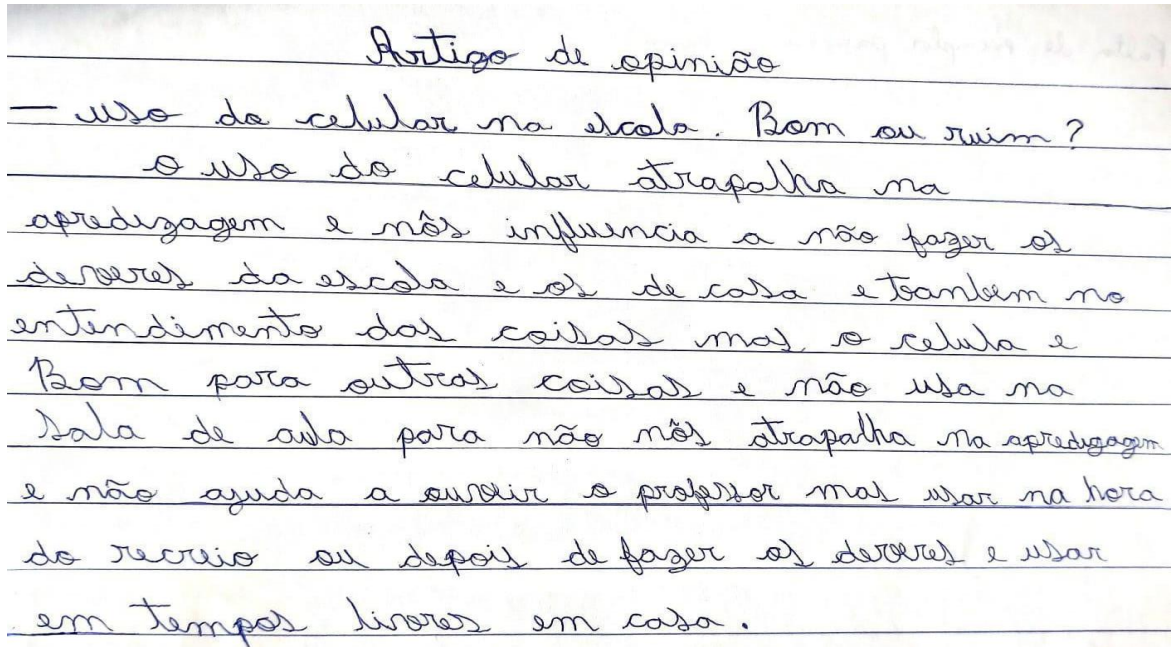
Outro problema muito recorrente nos textos dos estudantes é a dificuldade em conseguir aprofundar a opinião através de exemplos concretos ou diversos. Sabemos que descrever exemplos é importante para provar alguma posição. Exemplificar aquilo que dizemos é uma “ótima estratégia argumentativa de caráter didático que muito pode contribuir para a defesa de uma tese.” (Koch; Elias; 2016, p. 198)

Muitas vezes, embora deixem claro que estão expondo um ponto de vista, a falta de argumentos, que, neste caso, poderiam ser introduzidos por explicações e exemplos, deixa a argumentação bastante comprometida. Segundo Koch e Elias (2016),

Sabemos que argumentar significa apresentar dados, explicações, razões, etc. que fundamentem uma afirmação, uma tomada de posição, um ponto de vista, uma tese. Então, não basta afirmar, por exemplo, que somos contra o voto obrigatório ou que somos favoráveis às cotas raciais. É preciso explicar ou justificar porque assumimos esta ou aquela posição; é preciso apresentar argumentos que a sustentem (Koch; Elias, 2016.p.182).

Em detrimento do exposto, os exemplos abaixo nos ajudam a visualizar este problema.

Figura 14 - Exemplo de texto de aluno W



Artigo de opinião

- uso do celular na escola. Bom ou ruim?

O uso do celular atrapalha na aprendizagem e nós influencia a não fazer os deveres da escola e os de casa e também no entendimento das coisas mas o celular é bom para outras coisas e não usa na sala de aula para não nós atrapalha na aprendizagem e não ajuda a ouvir o professor mas usar na hora do recreio ou depois de fazer os deveres e usar em tempos livres em casa.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 6 - Descrição do texto de aluno W

Artigo de opinião
- uso do celular na escola. Bom ou ruim?
O uso do celular atrapalha na aprendizagem e nós influencia a não fazer os deveres da escola e os de casa e também no entendimento das coisas mas o celular é bom para outras coisas e não usa na sala de aula para não nós atrapalha na aprendizagem e não ajuda ouvir o professor mas usar na hora do recreio ou depois de fazer os deveres e usar em tempos livres em casa.”

Fonte: Dados da pesquisa

Neste trecho percebemos que o estudante utiliza a expressão “entendimento das coisas” sem deixar claro que coisas são estas. Ao mesmo tempo, ao concluir que o celular também pode ser bom (mas o celular é bom para outras coisas) o estudante não exemplifica que “coisas” seriam essas, deixando a argumentação muito vaga. Vale também discutir a dificuldade em apresentar o celular como algo benéfico na sala de aula, justificando o seu uso na “hora do recreio” e em “tempos livre em casa”. Dessa forma, a discussão se distancia do seu foco principal: “O uso do celular em sala de aula.

Observemos agora o texto abaixo, da aluna S.

Figura 15 - Texto da aluna S

O PORQUE DE VOCÊ USAR O CELULAR NA SALA QUE ATRAPALHA OS ALUNOS E O PROFESSOR PORQUE O COLEGA DO SEU LADO PODE PEDIR SEU CELULAR EMPRESTADO OU ATÉ PEGAR O SEU CELULAR ESCONDIDO SEM VOCÊ VER E AI ACABA DANDO UMA CONFUSÃO E TAMBÉM NÃO PODE LEVAR CELULAR PARA ESCOLA E TAMBÉM SÓ PODE USAR QUANDO O PROFESSOR DEIXAR O CELULAR PODE SER USADO NA ESCOLA NA HORA DE PRECISÃO.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 7 - Descrição do texto da aluna S

“O porque de você usar o celular na sala que atrapalha os alunos e o professor porque o colega do seu lado pode pedir seu celular emprestado ou até pegar o seu celular escondido sem você ver e aí acaba dando uma confusão e também não pode levar celular para escola e também só pode usar quando o professor deixar o celular pode ser usado na escola na hora de precisão.”

Fonte: Dados da pesquisa

No exemplo acima, ao dizer que o celular atrapalha os alunos e o professor, a aluna justifica com um caso bastante específico “pegar o seu celular escondido sem você ver e aí acaba dando uma confusão” o que nos parece um exemplo com pouquíssima carga argumentativa, se levamos em consideração a discussão do uso do aparelho em sala como um todo. Nesta mesma linha de compreensão, ao citar que o celular deve ser usado na escola na hora da “precisão”, ou seja, quando for preciso, a aluna não explica em quais momentos o aparelho seria necessário, provando, mais uma vez, que a falta de explicações objetivas torna a argumentação muito falha.

O problema descrito intensifica-se ainda mais no trecho a seguir, do aluno D, do 7º ano Regular 3:

Figura 16 - Texto de aluno D

O uso do celular na escola é ~~uma coisa~~ e bem mal
porque para ~~ajudar~~ em alguma situação mal e o uso do
celular não é bom porque não pode usar ele pode
ajudar em coisas importantes ~~mas não~~

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 8 - Descrição do texto de aluno D

“O uso do celular na escolar não e bom mas serve para ajudar em alguma (incompreensível) mas o uso do celular não e bom porque não pode mas ele pode ajudar em coisas importantes.”

Fonte: Dados da pesquisa

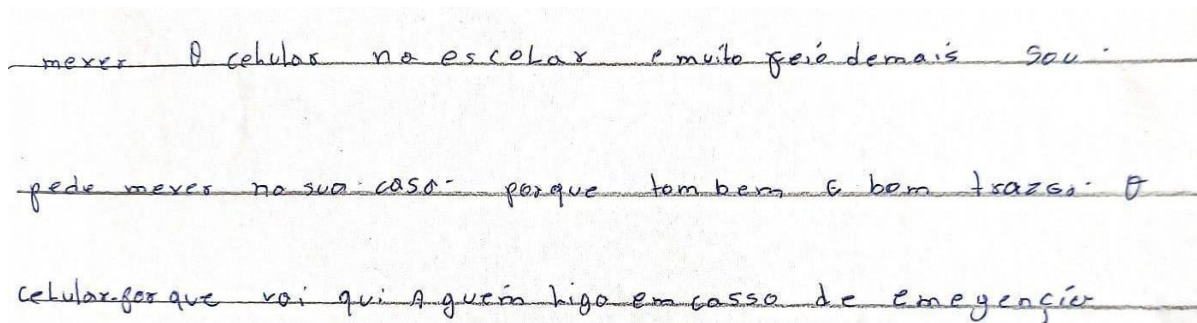
Inicialmente o aluno diz que o uso do celular na escola não é bom, contudo, não diz nada que justifique a sua opinião. Mais adiante, ao repetir que o uso do celular não é bom o aluno explica que isso ocorre “porque não pode”. O trecho exemplifica que não há como dizer que o estudante construiu adequadamente a sua opinião, já que este não consegue tecer nenhum argumento, exemplo ou explicação que a defenda ou justifique.

Ainda sobre os principais problemas percebidos nos textos dos estudantes, um muito recorrente diz respeito ao uso insatisfatório de operadores argumentativos e termos que constroem a relação entre os períodos. Como sabemos, o uso destas expressões é importantíssimo para determinar a direção argumentativa do enunciador, o que nos faz refletir que, em textos escritos, os alunos têm muitas dificuldades com o uso coerente e coeso destas estruturas linguísticas, prejudicando o entendimento geral dos textos. Segundo Koch e Elias em “Escrever e Argumentar” (2016),

Os operadores argumentativos são elementos que fazem parte do repertório da língua. São responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em texto e determinando a orientação argumentativa, o que vem a comprovar que a argumentatividade está inscrita na própria língua. (Koch; Elias, 2016. p.76)

Observemos esta dificuldade relatada nos recortes abaixo:

Figura 17 - Texto da aluna M



mexer o celular na escolar e muito feio demais sou
 pede mexer na sua casa porque também e bem trazer o
 celular por que vai qui a quem higo em casa de emergência

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 9 - Descrição do texto da aluna M

(...) o celular no escolar por nós não deveria mexer O celular na escolar e muito feio demais sou pode mexer na sua casa porque tambem e bom trazer. O celular porque vai qui alguém liga em casso de emegência.

Fonte: Dados da pesquisa

No trecho acima percebemos o uso incorreto do operador “porque”. Após relatar que o celular não deveria ser trazido à escola pois seu uso é “muito feio demais” a aluna M diz que seria bom trazê-lo para o uso em caso de emergência. Notamos que a segunda parte do enunciado se contrapõe à primeira. Logo, o que deveria ser iniciado por um operador de oposição como o “mas”, por exemplo, (mas também seria bom trazer), é iniciado pelo operador “porque”, que, neste caso, introduz uma justificativa ou explicação para o argumento usado anteriormente. Dessa forma, o trecho torna-se incoerente.

Figura 18 - Texto de aluno T

celular na sala de aula e bom por causa se você não conseguir copiar você tirar foto de devê além que você pode usar para responder com (incompreensível) eficiencia e resposta facier além que tira o tédio caso voce tenha nada para fazer, além que tem milhares de jogo e aplicativo de aprendizagem como o Duolingo e entre outros além do Branyli que te ajuda na matematica e outro aplicati mais além disso tudo o celular esta proibido nas escolas e você não pode usar na aula que eu acho bom.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 10 - Descrição do texto de aluno T

“Celular na sala de aula e bom por causa se você não conseguir copiar você tirar foto de devê além que você pode usar para responder com (incompreensível) eficiencia e resposta facier além que tira o tédio caso voce tenha nada para fazer, além que tem milhares de jogo e aplicativo de aprendizagem como o Duolingo e entre outros além do Branyli que te ajuda na matematica e outro aplicati mais além disso tudo o celular esta proibido nas escolas e você não pode usar na aula que eu acho bom.”

Fonte: Dados da pesquisa

No trecho em destaque percebemos vários problemas relacionados ao uso incorreto de operadores. O principal diz respeito ao uso repetidas vezes da expressão “além” e variações como “além que” “além do” e “além disso tudo”.

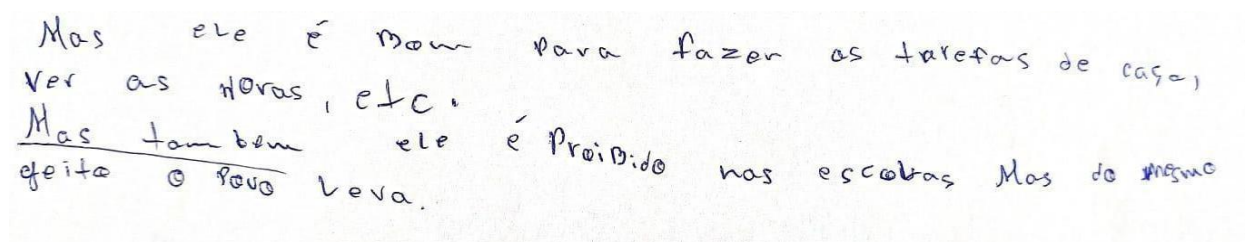
A própria repetição do operador deixa o texto pouco coeso, contudo, o maior problema pode ser visto no trecho “além disso tudo, o celular está proibido na escolas”, pois, o operador “além disso” é utilizado para “somar um novo argumento a favor de uma mesma conclusão” (Koch; Elias, 2016, p.64), o que não ocorre no exemplo dado. Ao dizer que o celular está proibido nas escolas, esta informação se contrapõe aos argumentos que justificam positivamente o uso do celular elencados anteriormente no trecho.

Assim, o estudante T, deveria ter utilizado um operador que determinasse a oposição (mas, porém, todavia...) entre os argumentos utilizados e o fato do celular ser proibido nas escolas.

Podemos sugerir também que, após introduzir os aspectos positivos do uso do celular em sala de aula, o estudante conclui o trecho de forma incoerente, ao dizer que “acha bom” o fato do uso do aparelho ser proibido nas escolas. Este problema seria facilmente resolvido caso o estudante utilizasse o elemento “embora”, em correção, “e você não pode usá-lo na aula, embora eu ache bom.”

O mesmo problema pode ser identificado no texto do aluno P, reescrito abaixo:

Figura 19 - Exemplo de texto de aluno P



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 11 - Descrição do texto do aluno P

<p>“Mas ele é bom para fazer as tarefas de casa, ver as horas, etc. Mas também ele é proibido nas escolas mas do mesmo jeito o povo leva.”</p>
--

Fonte: Dados da pesquisa

No trecho acima, a expressão “mas também” não constrói a oposição necessária entre o argumento introduzido “ser proibido nas escolas” e o argumento anterior “ser bom para fazer

as tarefas de casa, ver as horas, etc.”, demonstrando a dificuldade com a construção coesa e coerente dos enunciados.

Observemos agora o trecho abaixo, do texto da aluna E:

Figura 20 - Exemplo de texto de aluna E

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 12 - Descrição do texto da aluna E

(...) em minha opinião o celular deve ser usado de forma positiva, como quando o professor permitir como por exemplo: fazer uma pesquisa, um trabalho, tirar dúvidas, assistir uma video aula sobre a matéria, mas ser usado de forma adequada e não na hora da aula, pois o celular não afeta apenas (...)

Fonte: Dados da pesquisa

Neste trecho, embora percebamos uma construção mais coerente e coesa que outras produções, a aluna utiliza o operador “mas” após enumerar alguns elementos. Após essa enumeração, seria mais coerente o uso de um termo conclusivo como “logo” ou “dessa forma” já que, os exemplos citados condizem com a “forma adequada” de se usar o aparelho celular em sala de aula.

A partir do exemplo acima, comprovamos o que explicitamos no início do trabalho sobre a troca de operadores ou a falta do uso deles pelos estudantes, o que justifica, mais uma vez, o nosso estudo.

Por fim, exemplificando nossas análises iniciais, o trecho abaixo, da aluna Y, demonstra um uso muito comum dos estudantes, da conjunção aditiva “e”:

Figura 21 - Texto da aluna Y

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 13 - Descrição do texto da aluna Y

O uso do celular não e bom porque o celular tira atenção dos alunos e não deixa os alunos prestar atenção nas aulas dos professores e tira atenção da gente e o celular e um aparelho que deixa os alunos prestativos e ele também não e bom porque se a gente tiver fazendo alguma coisa ele tira a atenção e ele só serve para fazer fazer dever e também pode pegar o celular escondido de seu colega ai vai lá e tira a atenção e não pode mexer no celular sem a permissão do professor etc...

Fonte: Dados da pesquisa

O trecho lido acima apresenta o uso excessivo da conjunção “e”, o que o torna pouco fluido e de difícil leitura. Além disso, esse uso repetido demonstra a falta de domínio comum de outros elementos que poderiam ser utilizados, inclusive a própria pontuação e vírgulas, além de operadores que introduzem sentidos de explicação, conclusão ou oposição.

Uma reescrita mais clara transformaria significativamente o caráter argumentativo do texto, como exemplo, propomos a seguinte versão: "O uso do celular não é bom porque tira a atenção dos alunos e prejudica seu foco nas aulas. Além disso, ele pode distrair os alunos ao realizarem outras atividades, como fazer dever de casa. Muitas vezes, eles pegam o celular escondido de colegas, o que também é uma distração. Por isso, não é permitido mexer no celular sem a permissão do professor."

A partir dos exemplos percorridos neste tópico do trabalho, compreendemos ser necessário um trabalho efetivo com os alunos, de maneira que possam utilizar a argumentação, comprovadamente presente em suas intenções comunicativas, de uma maneira mais objetiva e clara.

Sabemos que algumas dificuldades com o uso da língua (leitura, escrita...) atrapalham significativamente a produção textual, mas acreditamos que uma compreensão básica sobre a argumentação, poderá contribuir diretamente para o trabalho com os gêneros dessa esfera em anos posteriores.

A partir do resultado da atividade diagnóstica, propomos um trabalho em sala de aula a partir de discussões em grupo, atividades escritas, jogos pedagógicos, uso de um Fanzine com o objetivo de favorecer a produção e reescrita do gênero artigo de opinião, de maneira que os/as estudantes possam conseguir expor suas opiniões de maneira mais adequada e facilitada, como veremos na seção seguinte.

Dando continuidade ao trabalho desenvolvido e após as reflexões surgidas a partir da análise da atividade diagnóstica, passamos às próximas etapas da sequência didática que dividiu-se em 3 módulos, seguindo a concepção de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

4.1.1. Sobre o módulo 1

As atividades do 1º módulo desenvolveram-se em duas aulas com 50 minutos cada. Inicialmente, foi apresentado um vídeo aos alunos sobre a estrutura e características principais do gênero Artigo de Opinião. A cada parte do vídeo mediamos as explicações, adentrando em cada tópico e parte da estrutura. Explicamos o que é introdução, tese, desenvolvimento, conclusão e proposta de intervenção. Durante a exposição do vídeo pudemos perceber que os estudantes, embora já conscientes do gênero que deveriam produzir, em sua maioria, não possuíam qualquer familiaridade com as definições apresentadas. Em seguida, mostramos aos estudantes os trechos dos textos (analisados na seção anterior) que eles produziram e foi discutido com os alunos sobre as produções iniciais, de maneira que pudessem perceber os pontos positivos e negativos observados na análise.

Importante ressaltar que essa discussão está de acordo com o que propõem Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), pois, ao observarem os textos feitos no início da sequência, os estudantes podem:

descobrir o que já sabem fazer e conscientizar-se dos problemas que eles mesmos, ou outros alunos, encontram. Através da produção, o objeto da sequência didática delinea-se melhor nas suas dimensões comunicativas e também se manifesta como lugar de aprendizagem necessária das dimensões problemáticas. Assim, a sequência começa pela definição do que é preciso trabalhar a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos que, apropriando-se dos instrumentos de linguagem próprios ao gênero, estarão mais preparados para realizar a produção final. (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p.101)

Assim, durante a exposição, embora não soubessem qual colega havia feito cada trecho apresentado, a discussão foi feita de maneira dialogada e os estudantes puderam expor suas impressões sobre os textos e falar sobre o que lembraram de suas próprias produções. Ao mesmo tempo em que íamos explicando os problemas encontrados, foi sendo feita uma relação com o vídeo apresentado e com as partes e características principais do gênero estudado.

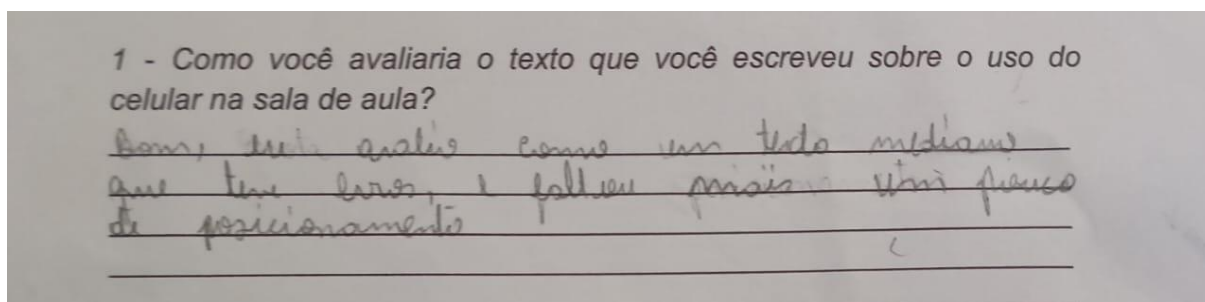
Ao final da primeira aula, discutimos sobre o que seria persuadir. Apresentamos a definição do termo no dicionário e os alunos puderam avaliar o caráter persuasivo ou não de seus textos. Vale destacar que esta definição, relacionada ao gênero artigo de opinião, proposto como um texto em que se precisa convencer outrem sobre um ponto de vista, vem de encontro ao proposto por Ingedore Koch e Vanda Elias (2016) ao dizerem que, no uso de textos escritos argumentativos nós “queremos convencer o nosso interlocutor em relação a posições que

assumimos e à validade dos argumentos que constituímos para defendê-las.” (Koch; Elias, 2016, p.24)

Na segunda aula do módulo 1, após as discussões iniciais, algumas questões foram entregues aos alunos e as respostas dadas foram objeto de análise das linhas seguintes. As questões fazem-nos perceber como os próprios alunos passaram a ver a produção que fizeram e como a discussão nos aponta os possíveis caminhos para a aprendizagem futura.

Na primeira questão, ao responderem sobre como avaliam o próprio texto, os estudantes apresentaram respostas que comprovam a importância das discussões realizadas em sala na aula anterior. Em sua maioria, os estudantes citaram os problemas já levantados na análise inicial. Destacamos algumas destas respostas abaixo, dos alunos E e T, respectivamente:

Figura 22 - Exemplo de texto de aluno E



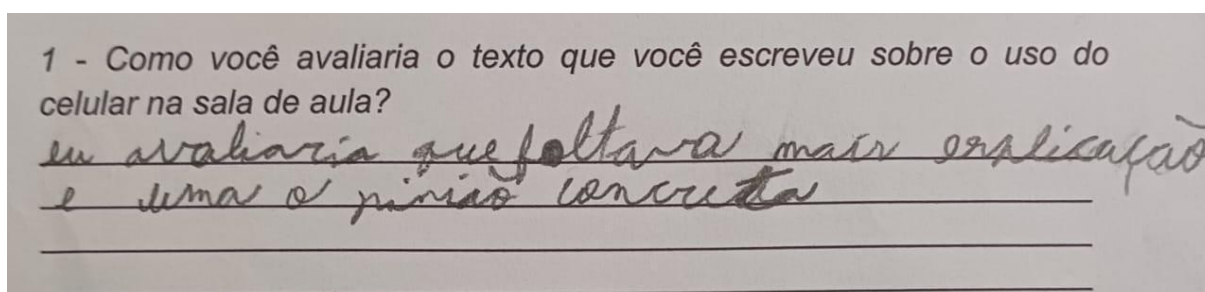
Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 14 - Descrição do texto de aluno E

“Bom, eu avalio como um texto mediano que teve erros e faltou mais um pouco de posicionamento”
--

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 23 - Exemplo de texto do aluno T



Fonte: Dados da pesquisa

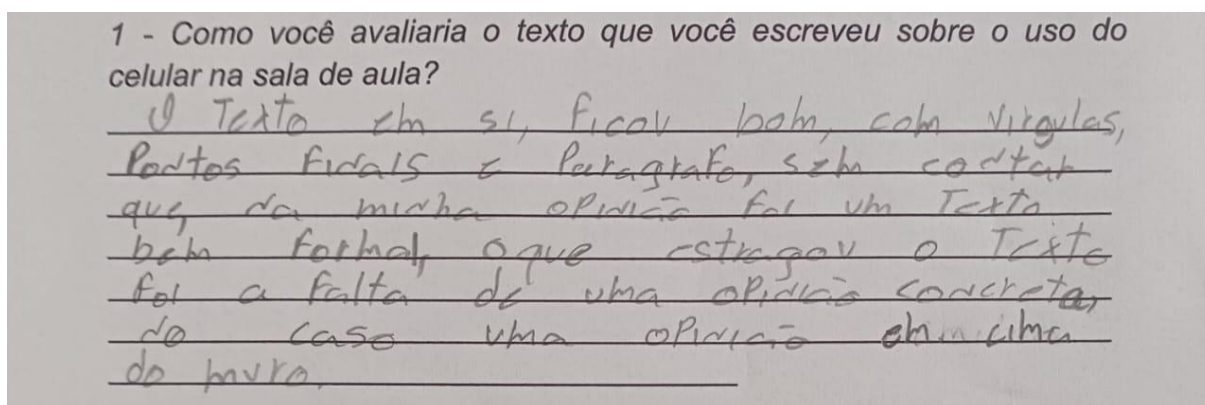
Quadro 15 - Descrição do texto de aluno T

“eu avaliaria que faltava mais explicação e uma opinião concreta”

Fonte: Dados da pesquisa

Nestes dois primeiros trechos, notamos que os alunos, E e T compreenderam a importância de saber se posicionar adequadamente na hora de escrever o texto ou dar a sua opinião sobre um tema específico. O mesmo pode ser encontrado na resposta da aluna H, transcrita abaixo:

Figura 24 - Texto de aluna H



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 16 - Descrição do texto da aluna H

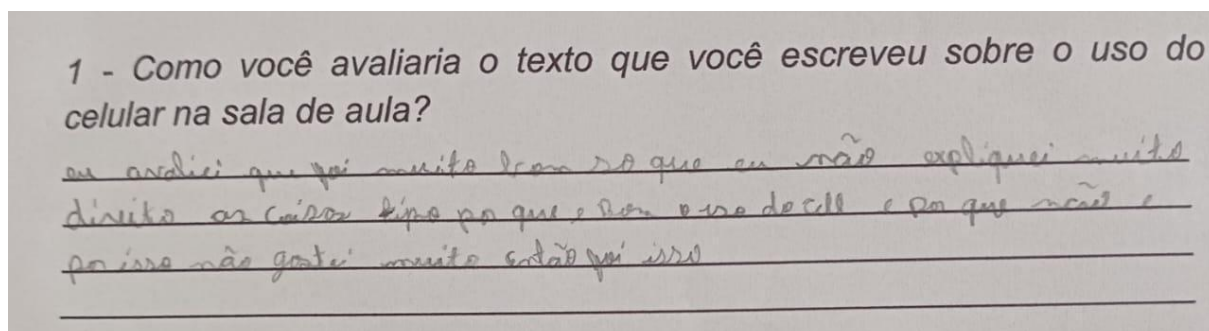
“O texto em si, ficou bom, com vírgulas, pontos finais e parágrafo, sem contar que, na minha opinião foi um texto bem formal, o que estragou o texto foi a falta de uma opinião concreta, no caso uma opinião em cima do muro.”

Fonte: Dados da pesquisa

Nesta resposta, podemos notar que a aluna soube avaliar os pontos positivos do seu texto, a importância da estrutura do gênero com o uso de parágrafos e a colocação adequada de vírgulas e pontos finais, contudo, o mesmo problema apontado pela maioria foi definido, neste caso, a falta de um posicionamento claro, problema já detalhado por nós na atividade diagnóstica.

Assim como o aluno T, outros estudantes também relataram a falta de exemplificações que sustentam uma boa argumentação. Assim, podemos notar que os estudantes conseguiram compreender a necessidade de saber exemplificar, explicar e desenvolver bem os argumentos de seus textos, de modo a persuadir o leitor. O trecho abaixo comprova esta análise:

Figura 25 - Texto do aluno A



Fonte: Dados da pesquisa

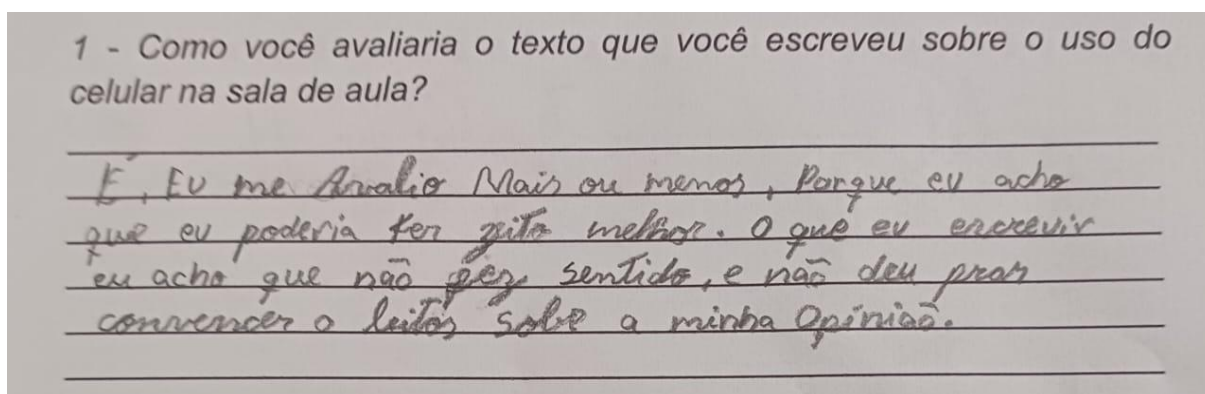
Quadro 17 - Descrição do texto do aluno A

“eu avaliei que foi muito bom so que eu não expliquei muito direito as coisas tipo por que e bom o uso do cell e por que não e por isso não gostei muito então foi isso.”

Fonte: Dados da pesquisa

Por fim, pudemos notar que os alunos também perceberam a importância de se preocupar com o convencimento do leitor e do uso adequado dos conectivos entre os parágrafos, de maneira a produzir um texto coerente e coeso. Vejamos as respostas dadas pelos alunos I e G, abaixo:

Figura 26 - Texto do aluno I



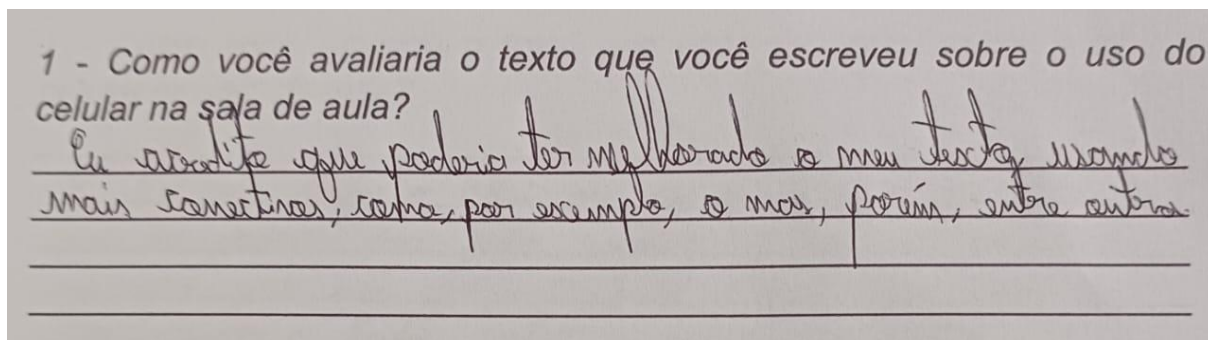
Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 18 -Descrição do texto do aluno I

“É, eu me avalio mais ou menos, porque eu acho que eu poderia ter feito melhor. O que eu escrever eu acho que não fez sentido, e não deu prar convencer o leitor sobre a minha opinião”

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 27 - Texto do aluno G



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 19 - Descrição do texto do aluno G

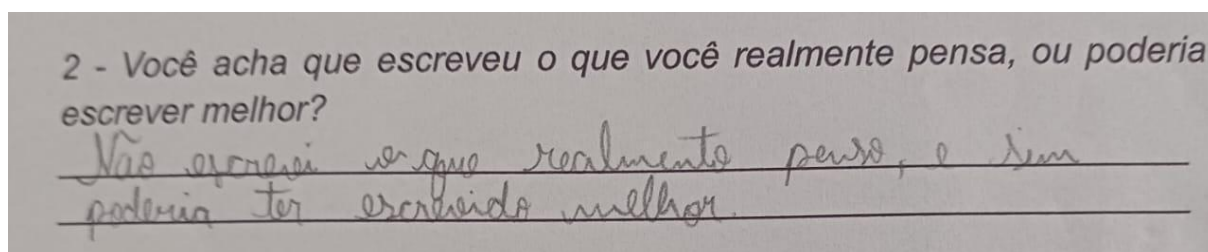
<p>“Eu acredito que poderia ter melhorado o meu texto usando mais conectivos; como, por exemplo, o mas, porém, entre outros.</p>
--

Fonte: Dados da pesquisa

As respostas dadas pelos estudantes supracitados nos mostram que também houve um entendimento sobre questões importantíssimas relacionadas ao ato de argumentar (intenção de convencer e o uso dos operadores) e que serão aprofundadas nas atividades dos módulos seguintes.

A segunda questão da atividade do módulo 1 questionava os alunos a respeito do conteúdo da produção e se eles achavam que conseguiram discorrer sobre o que realmente pensam sobre o assunto. As respostas nos mostram que grande parte dos alunos acredita que a falta de conhecimentos sobre o tema prejudicou a escrita, ou que não souberam usar a criatividade e os conhecimentos que possuíam da melhor forma possível. Observemos algumas dessas respostas abaixo:

Figura 28 - Texto do aluno U



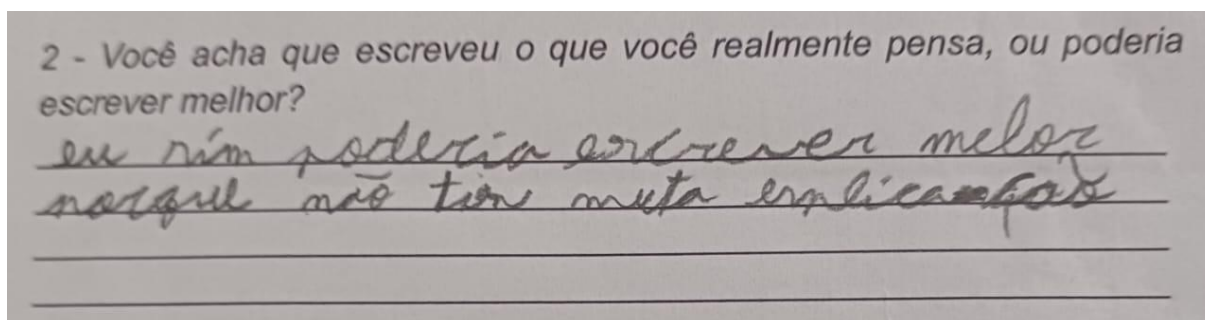
Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 20 - Descrição do texto do aluno U

<p>“Não escrevi o que realmente penso, e sim poderia ter escrito melhor.”</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 29 - Texto do aluno K



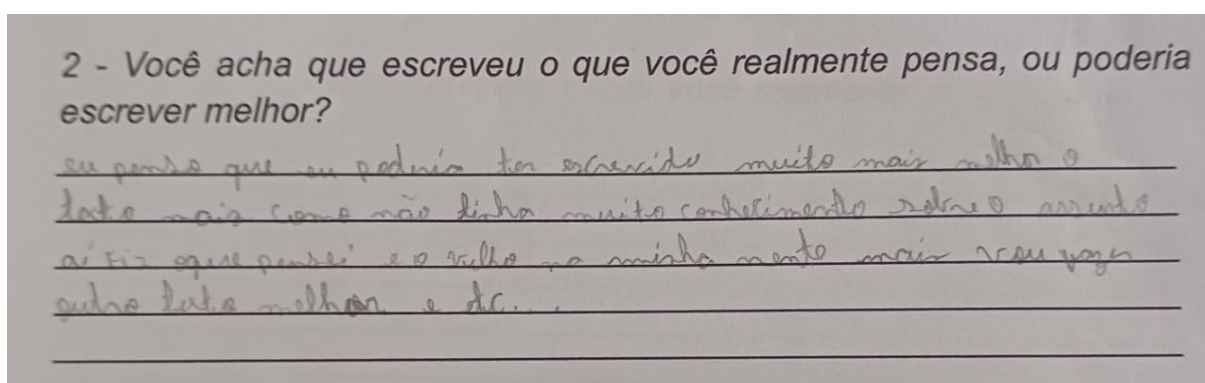
Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 21 - Descrição do texto do aluno K

“eu sim poderia escrever melhor porque não tive muita explicação”

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 30 - Texto do aluno V



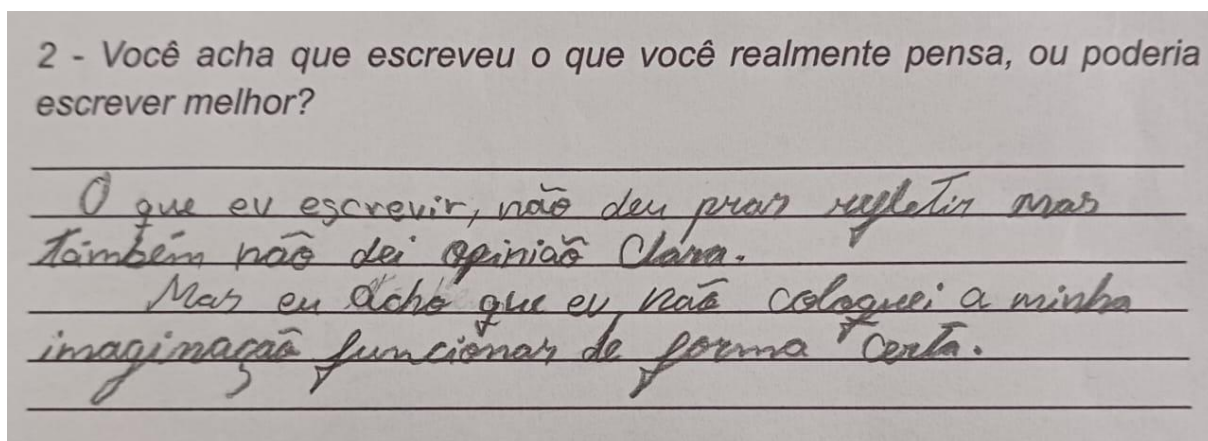
Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 22 - Descrição do texto do aluno V

“eu penso que eu poderia ter escrito muito mais melhor o texto mais como não tinha muito conhecimento sobre o assunto aí fiz o que pensei e o velho na minha mente mais vou fazer outro texto melhor e etc...”
--

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 31 - Texto do aluno N



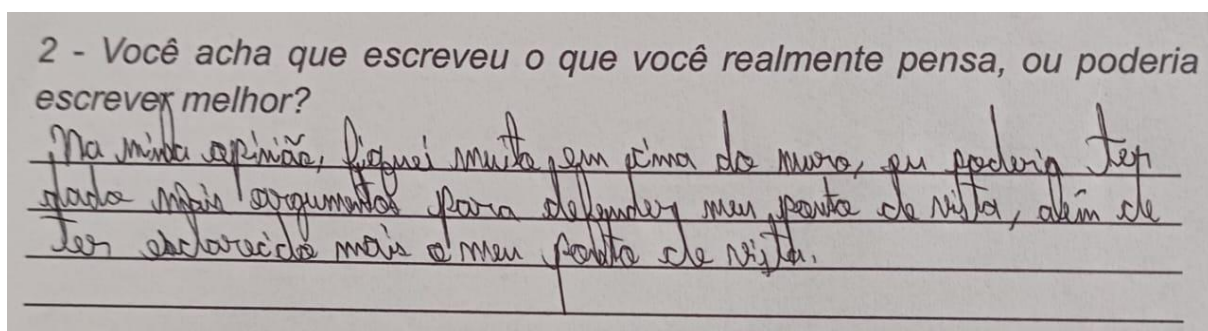
Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 23 - Descrição do texto do aluno N

“O que eu escrever, não deu prar refletir mas também não dei opinião clara. Mas eu acho que eu não coloquei minha imaginação funcionar de forma certa.”

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 32 - Texto da aluna L



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 24 - Descrição do texto da aluna L

“Na minha opinião, fiquei muito em cima do muro, eu poderia ter dado mais argumentos para defender meu ponto de vista, além de ter esclarecido mais o meu ponto de vista.”

Fonte: Dados da pesquisa

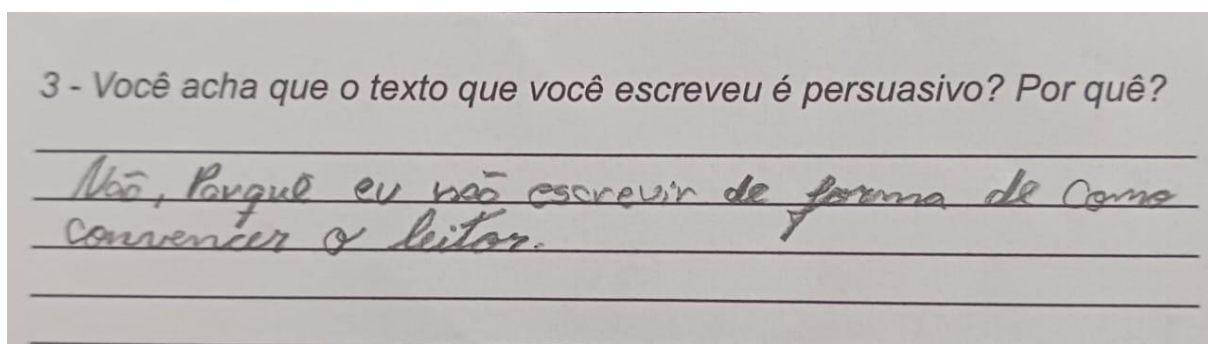
As respostas vistas anteriormente nos apontam aquilo que acreditamos ser um ponto fundamental deste trabalho, já que, propomos que a argumentação pode ser desenvolvida de uma melhor maneira nos anos iniciais do ensino fundamental quando provocamos nos alunos uma discussão sobre aquilo que sabem, na escuta do outro, nas reflexões sobre a própria razão de argumentar e da capacidade que eles possuem de o fazer. Aqui também vemos a importância do uso do fanzine como gênero moderno capaz de provocar estas e novas reflexões.

Nesta concepção, Koch e Elias (2016) indicam que a produção de um texto não envolve apenas a combinação de palavras em orações, períodos ou parágrafos, mas que:

Na verdade, o texto é um objeto complexo que envolve não apenas operações linguísticas como também cognitivas, sociais e interacionais. Isso quer dizer que na produção e compreensão de um texto não basta o conhecimento da língua, é preciso também considerar conhecimentos de mundo, da cultura em que vivemos, das formas de interagir em sociedade. (Koch; Elias, 2016.p.15)

Partindo do exposto, consideramos também para análise as respostas dadas à terceira e última questão da atividade do módulo 1 “Você acha que o texto que você escreveu é persuasivo? Por quê?”. Questionados sobre o caráter persuasivo dos artigos que produziram, praticamente todos os alunos consideram os textos pouco persuasivos e com pouca capacidade de convencer alguém sobre a tese defendida. As imagens abaixo exemplificam algumas destas respostas:

Figura 33 - Texto do aluno J



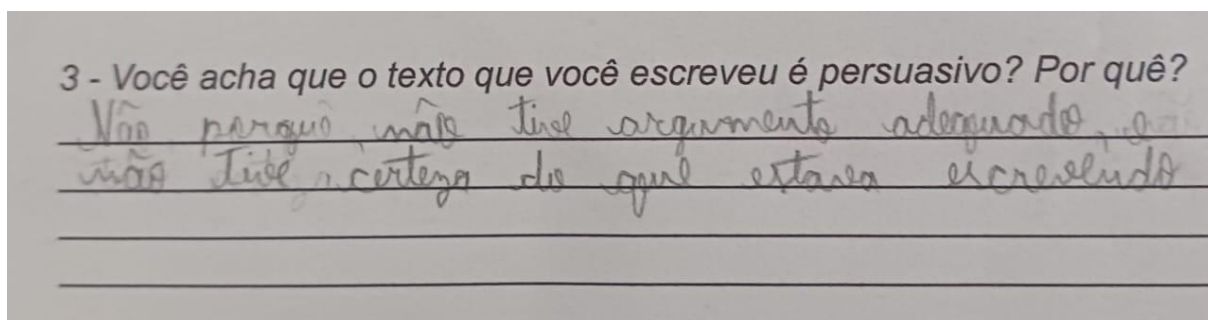
Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 25 - Descrição do texto do aluno J

“Não, porque eu não escrevi de forma de como convencer o leitor”
--

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 34 - Texto da aluna I

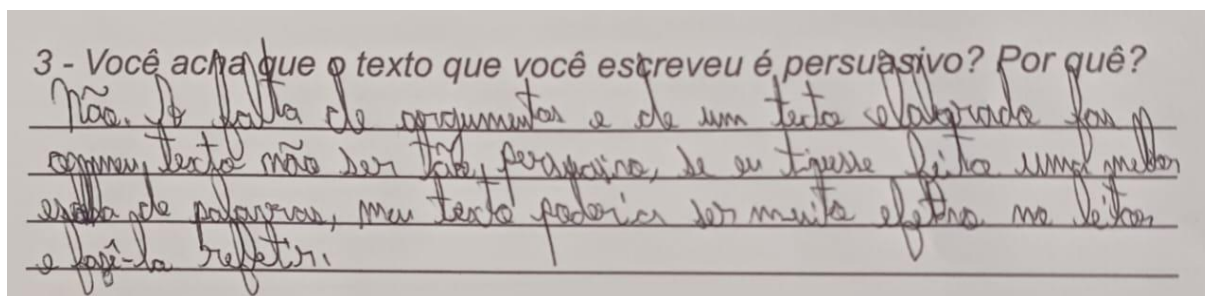


Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 26 - Descrição do texto da aluna I

“Não, porque não tive argumento adequado, e não tive certeza do que estava escrevendo”
--

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 35 - Texto da aluna G


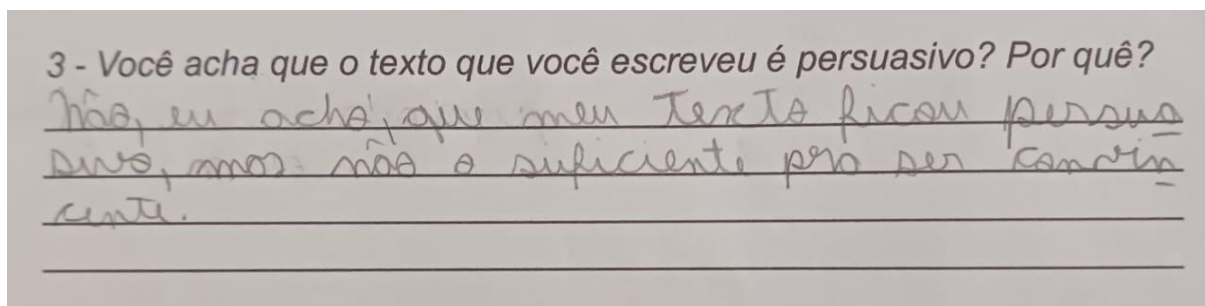
3 - Você acha que o texto que você escreveu é persuasivo? Por quê?
 Não. A falta de argumentos e de um texto elaborado faz o meu texto não ser tão persuasivo, se eu tivesse feito uma melhor escolha de palavras, meu texto poderia ser muito efetivo no leitor e fazê-lo refletir.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 27 – Descrição do texto da aluna G

“Não, a falta de argumentos e de um texto elaborado faz o meu texto não ser tão persuasivo, se eu tivesse feito uma melhor escolha de palavras, meu texto poderia ser muito efetivo no leitor e fazê-lo refletir.

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 36 - Texto do aluno B


3 - Você acha que o texto que você escreveu é persuasivo? Por quê?
 Não, eu acho que meu texto ficou persuasivo, mas não o suficiente pra ser convincente.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 28 - Descrição do texto do aluno B

“Não, eu acho que meu texto ficou persuasivo, mas não o suficiente pra ser convincente.”
--

Fonte: Dados da pesquisa

Levando em consideração as discussões feitas em sala de aula, as respostas dadas às questões e os artigos de opinião produzidos inicialmente, passamos a trabalhar com os estudantes no módulo seguinte da Sequência Didática o uso dos operadores argumentativos e a escolha adequada de argumentos, focando, neste caso, em aspectos que detectamos como dificuldades dos estudantes.

4.1.2. Sobre o módulo II

As atividades do módulo II, desenvolvidas também em duas aulas de 50 minutos cada, concentram-se em discutir sobre os operadores argumentativos e conectivos mais comuns utilizados para o encadeamento das sentenças argumentativas e sobre a escolha adequada de argumentos com intuito de validar uma proposição.

Inicialmente comentamos com os alunos sobre os principais conectivos (mas, porque, e, porém, entre outros) usados por eles nos textos e os diferentes sentidos que eles introduzem. Durante a explanação do conteúdo pudemos perceber as dificuldades de muitos estudantes quanto ao sentido de alguns elementos, principalmente dos que são pouco utilizados na oralidade, como o “entretanto” e o “embora”.

Como forma de verificarmos a efetividade da discussão, propomos um jogo com fichas em que os estudantes precisariam completar frases sorteadas usando algum operador também sorteado por eles. Os estudantes foram subdivididos em grupos e cada grupo deveria completar a mesma frase sorteada com um operador diferente do utilizado pelo grupo anterior.

Embora alguns grupos tenham demonstrado maior dificuldade que outros, demorando um pouco mais para construírem as orações, a proposta foi bastante proveitosa na medida em que os estudantes puderam discutir entre si e perceber como o operador precisa se adequar a ideia da sentença seguinte.

Como exemplo, as frases sorteadas “Eu não vou à escola hoje” e “As salas de aula estão muito limpas” foram complementadas de formas diferentes a partir dos operadores sorteados. O quadro abaixo mostra, como exemplo, as respostas criadas pelos grupos da turma 7º regular 1:

Quadro 29 - Respostas dos grupos

<u>Eu não vou à escola</u>	<u>As salas de aula estão muito limpas</u>
porque não gosto da aula de matemática e vou perder a prova apesar de gostar da Educação Física portanto te ajudarei em casa.	mas joguei papel no chão apesar de as carteiras estarem sujas e os alunos estão felizes porque as faxineiras limpam portanto devemos preservá-las assim.

Fonte: Dados da atividade

Na primeira frase sorteada, um dos grupos não conseguiu responder adequadamente. Na segunda rodada do jogo, o grupo conseguiu responder ao observar as construções dos demais.

Essa dinâmica mostrou-nos a importância das discussões e da aprendizagem que se realiza em conjunto.

O módulo II foi finalizado com uma breve explanação sobre a importância de saber justificar bem um ponto de vista com uma atividade escrita em que os alunos precisavam completar as sentenças com o operador adequado e depois escolher o melhor argumento para justificar uma proposição. As atividades foram, em sua maioria, respondidas de forma correta, destacamos, porém, abaixo algumas dessas atividades, dos alunos G, I e M, respectivamente, e que nos valem como objetos de reflexão.

Figura 37 - Atividade 1- Módulo II – aluno G

ATIVIDADE 1

Complete as frases abaixo com o operador argumentativo que considerar mais adequado entre as opções: **(mas, porém, portanto, porque, entretanto, além disso, logo, ou seja, embora)** e depois explique o sentido que cada um deu à frase.

1. Eu estudei bastante para a prova; Mas, acho que o meu resultado será maravilhoso.
2. Eu não estudei muito para a prova; Porém, acho que o meu resultado será maravilhoso.
3. Ele se preparou bastante para a apresentação; entretanto, não conseguiu se expressar bem.
4. O clima está mudando rapidamente; ou seja, precisamos preservar o meio ambiente.
5. A aula foi muito divertida hoje; embora, a merenda estava deliciosa.
6. Achamos a aula muito interessante; porque, todos estavam prestando atenção.

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 38 - Atividade 1- Módulo II – Aluno I

ATIVIDADE 1

Complete as frases abaixo com o operador argumentativo que considerar mais adequado entre as opções: **(mas, porém, portanto, porque, entretanto, além disso, logo, ou seja, embora)** e depois explique o sentido que cada um deu à frase.

1. Eu estudei bastante para a prova; porque, acho que o meu resultado será maravilhoso.
2. Eu não estudei muito para a prova; mas, acho que o meu resultado será maravilhoso.
3. Ele se preparou bastante para a apresentação; porque, não conseguiu se expressar bem.
4. O clima está mudando rapidamente; Logo, precisamos preservar o meio ambiente.
5. A aula foi muito divertida hoje; mas, a merenda estava deliciosa.
6. Achamos a aula muito interessante; porque, todos estavam prestando atenção.

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 39 - Atividade 1- Módulo II – Aluno M

ATIVIDADE 1

Complete as frases abaixo com o operador argumentativo que considerar mais adequado entre as opções: **(mas, porém, portanto, porque, entretanto, além disso, logo, ou seja, embora)** e depois explique o sentido que cada um deu à frase.

1. Eu estudei bastante para a prova; embora, acho que o meu resultado será maravilhoso.
2. Eu não estudei muito para a prova; mas, acho que o meu resultado será maravilhoso.
3. Ele se preparou bastante para a apresentação; porém, não conseguiu se expressar bem.
4. O clima está mudando rapidamente; portanto, precisamos preservar o meio ambiente.
5. A aula foi muito divertida hoje ; além disso, a merenda estava deliciosa.
6. Achamos a aula muito interessante; porque, todos estavam prestando atenção.

Fonte: Dados da pesquisa

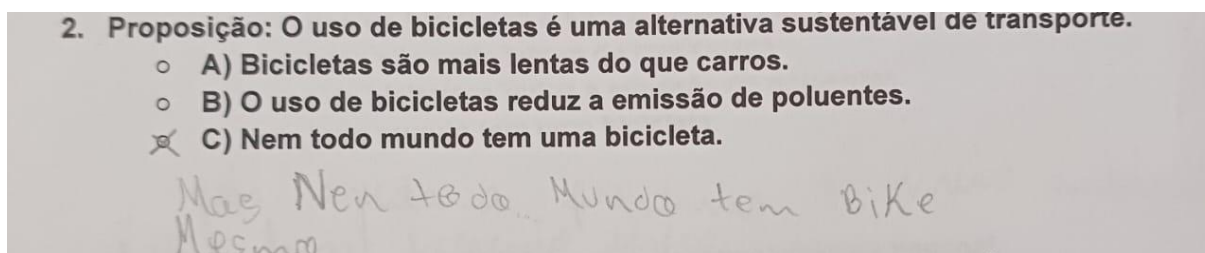
Os exemplos dados acima demonstram que os alunos compreenderam a maioria das assertivas, mesmo que ainda aconteça a escolha por operadores inadequados em determinadas situações. Damos enfoque aqui, contudo, à oração número 5 da atividade que apresenta 3 respostas diferentes. Na primeira imagem, a escolha do aluno pelo operador “embora” comprova nossas análises iniciais quanto à dificuldade de compreensão do sentido deste operador.

Na segunda imagem, além do uso incorreto do operador “mas” na frase 5, destacamos também o uso incorreto do “porque” na frase 3, demonstrando ainda as dificuldades que alguns alunos apresentam. A terceira imagem mostra um exemplo das respostas dadas pela maioria dos alunos.

Finalizando as atividades do módulo em destaque, propomos aos alunos que escolhessem um argumento que melhor justificasse quatro diferentes proposições. Para cada proposição, três argumentos eram dados e os alunos precisavam justificar a escolha de apenas um deles.

Assim como na atividade 1, os alunos compreenderam bem a proposta dada com algumas exceções, como as que podemos ver nas imagens das atividades dos alunos A e C a seguir:

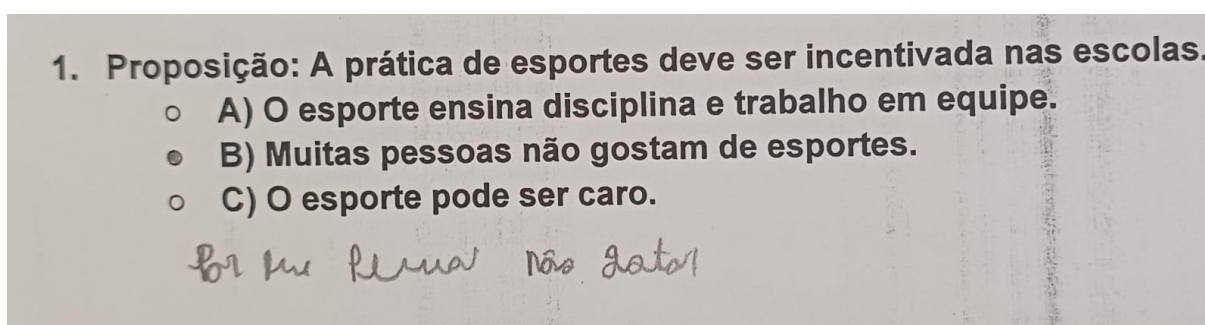
Figura 40 - Resposta do aluno A ao item 2



Fonte: Dados da pesquisa

Na imagem anterior podemos perceber que o estudante A não compreendeu bem qual o melhor argumento, contudo, a explicação dada pelo aluno na escolha da opção C demonstra uma certa consciência da decisão. Além disso, a escolha do “mas” na introdução da explicação indica que o aluno entende que o argumento escolhido está em desacordo/oposição com a tese defendida. O mesmo pode ser percebido na resposta de outro aluno, representada abaixo:

Figura 41 - Resposta do aluno C ao item 2



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 30 - Descrição da resposta do aluno C

“por que pessoas não gostar”

Fonte: Dados da pesquisa

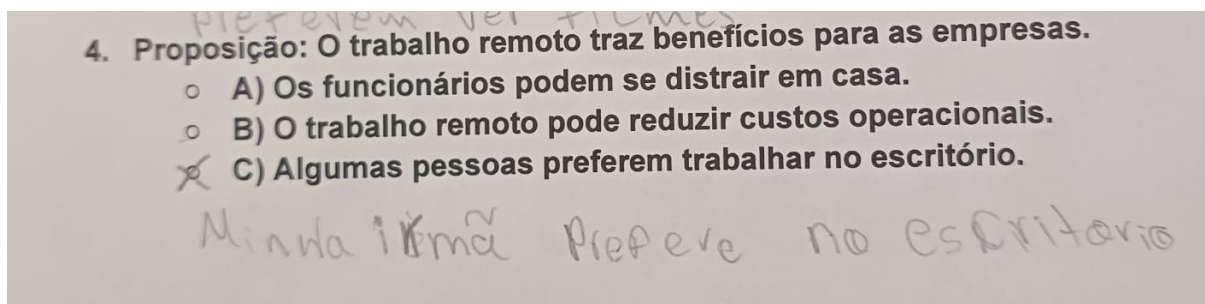
Embora tenha escolhido o argumento inadequado para comprovar a proposição, a explicação dada à escolha, iniciada pelo conectivo “porque” indica que o estudante compreende o sentido que ele introduz.

As respostas e explicações dadas pelos alunos em algumas questões nos remetem também ao que propõem Koch e Elias (2016) ao sugerirem que é uma estratégia argumentativa a produção ou citação de narrativas pessoais que possam envolver o outro. Segundo as autoras,

É muito comum em nossas práticas comunicativas contarmos uma história, a fim de envolver o outro e dele obter uma reação desejada, de justificar um modo de pensar e de agir, uma tomada de decisão, o êxito ou o fracasso em uma atividade etc. Dizendo de outra maneira, produzimos ou recorremos a narrativas que lemos (ou ouvimos ou que tiveram origem em nossas experiências, vivências) como uma estratégia argumentativa. (Koch; Elias, 2016, p.28)

É o que vemos na resposta a seguir, dada pelo aluno P:

Figura 42 - Resposta de aluno P ao item 4



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 31 - Descrição da resposta do aluno P

Minha irmã prefere no escritório

Fonte: Dados da pesquisa

Ao justificar sua escolha com uma experiência pessoal, o aluno demonstra que a capacidade de argumentação também está ligada àquilo que concebemos como o correto, de maneira subjetiva e relacionada a nossas experiências pessoais. Nossas reflexões, por assim dizer, nos apontam que os estudantes já sabem, embora com as dificuldades salientadas, de alguma maneira, argumentar.

4.1.3. Sobre o módulo III

As atividades do 3º módulo da sequência didática tiveram como proposta a promoção de uma discussão sobre o uso do celular em sala de aula no período de duas aulas de 50 minutos cada. A partir do fanzine “Mente Jovem”, já citado na atividade introdutória, a discussão objetivou suscitar nos alunos o pensamento crítico e a produção de argumentos que poderiam auxiliar na produção final do artigo de opinião.

O fanzine, criado por nós e composto de textos diversos, imagens, colagens, frases e poemas, foi distribuído na sala de aula e também projetado em data show para maior visibilidade. Todos os textos do fanzine procuravam apresentar uma visão sobre os aparelhos celulares, especialmente no ambiente escolar, e as discussões foram orientadas por questionamentos sobre os textos que o compunham.

As discussões geradas a partir do uso do fanzine contribuem decididamente com o trabalho em sala de aula, pois, a sua utilização é capaz de apresentar a temática de uma maneira dinâmica e inovadora, segundo Pereira (2018), na obra para professores “Fanzine Pedagógico”, o fanzine é uma plataforma que pode estimular os alunos “no rumo de uma produção textual mais prazerosa e constante, que visa fazer da leitura e da escrita um espaço de consciência individual e social.” (Pereira, 2018, p.2).

Desta forma, embora não trabalhemos com a efetiva construção de fanzines pelos alunos, compreendemos que a sua utilização, inserida nesta sequência didática que visa a produção de um artigo de opinião, é ferramenta capaz de contribuir para a aprendizagem dos alunos, na medida em que ele consegue motivar “os desafios da leitura literária e da prática da produção textual” (Pereira, 2018, p.3)

Neste contexto, as atividades orais de interpretação do fanzine levado para a sala de aula serviram como forma de construção de conhecimentos, e provocaram debates proveitosos sobre o assunto central “O uso do celular em sala de aula”. É importante destacar que os alunos foram conduzidos a refletir sobre as contrariedades da temática e a perceberem o caráter argumentativo contido na revista.

Esta concepção corrobora a teoria sobre argumentação apresentada nessa análise, pois, com a utilização do fanzine percebemos a propiciação daquilo que é fundamental para a produção do texto final, o conhecimento. Só a partir dele os alunos serão capazes de argumentar com mais propriedade e estarão mais bem preparados para a reescrita dos artigos. Segundo Koch e Elias (2016):

Conhecimento de língua, de mundo e de textos são o material dessa construção, pois sem conhecimento não se vai muito longe, suspeitamos até que não se vá a lugar algum. Pois, como escrever sobre um assunto que não se conhece? Pois isso, na atividade de escrita (mas não só!!!) é indispensável a leitura, visto ser essa atividade uma fonte para a construção, reconstrução e constante atualização do nosso conhecimento. (Koch; Elias, 2016, p.159-160)

O mesmo pode ser encontrado nas reflexões de Terezinha de Jesus Bauer Uber (2008) sobre o trabalho com o artigo de opinião, segundo a autora, “para se ter opinião é preciso ter informação. É absolutamente impossível opinar sem conhecer os fatos.” (Uber, 2008, p.7)

Desta maneira, as atividades deste terceiro módulo buscavam promover um ambiente de discussão, escuta, partilha de conhecimentos, levantamento de opiniões e fomento da tomada de decisão, já que, após as aulas, compreendemos que os estudantes estarão mais conscientes da temática discutida, favorecendo uma melhora daquilo que já sabem fazer, argumentar.

A primeira atividade do módulo trazia duas imagens criadas por Inteligência Artificial (IA). Uma mostrava o celular como um monstro e a outra mostrava o celular como um ser angelical. O celular também era mostrado de duas maneiras diferentes nas páginas seguintes do fanzine em que eram apresentados recortes de capas de outras revistas (Revista Época e Revista Superinteressante) mostrando os smartphones em aspectos positivos e negativos.

A discussão feita a partir das imagens foi bastante proveitosa e conduziu-nos a um debate em que a turma precisava apresentar argumentos para cada um dos lados (alunos contra o uso do celular em sala de aula X alunos favoráveis ao uso do celular em sala de aula). Os argumentos levantados pelos grupos das duas turmas podem ser vistos e foram organizados no quadro abaixo:

Quadro 32 - Argumentos levantados pelos alunos sobre o uso do celular em sala de aula

ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> - Podemos fazer pesquisas. - Auxiliar em situações de emergência. - Tirar foto do quadro para facilitar o estudo - Ajuda nos estudos no uso de aplicativos de correção e escrita. - Acesso rápido a vídeos diversos sobre o conteúdo - Uso da agenda ajuda com os prazos de trabalhos e atividades. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tira o foco na sala de aula - Prejudica a comunicação entre os jovens e crianças. - Aumento da ansiedade e depressão - Desinteresse na escrita em sala devido a facilidade em tirar fotos. - Uso indiscriminado ocasiona insônia e faz com que os alunos queiram dormir na sala. - Os alunos refletem menos, pois encontram tudo pronto na internet.

Fonte: Dados da pesquisa

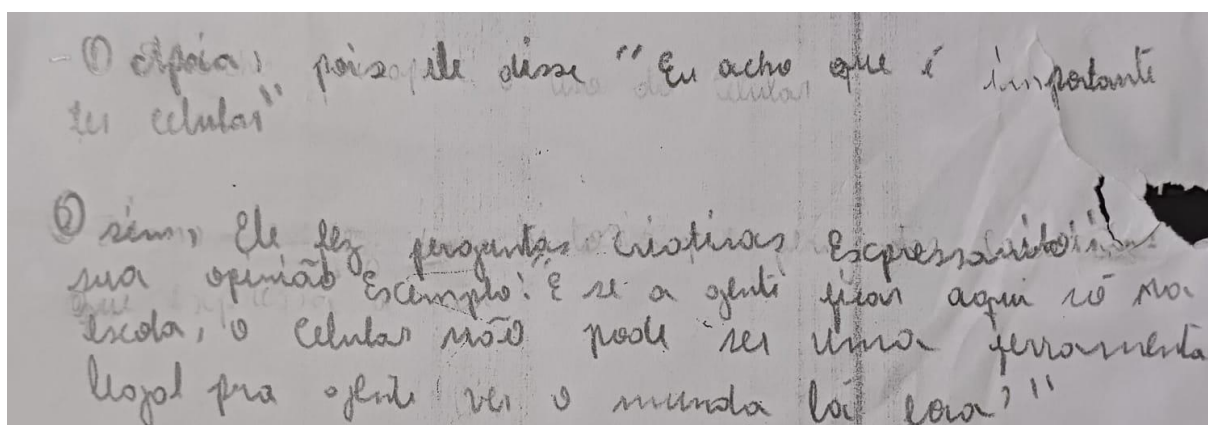
Vale ressaltar que os alunos discutiram utilizando a linguagem de maneira coloquial e os argumentos foram sendo reescritos na lousa de uma forma que os alunos pudessem percebê-los como facilmente aplicáveis em um texto de gênero argumentativo mais formal.

Após as discussões desenvolvidas a partir dos questionamentos feitos pelo professor e da leitura do fanzine, foi entregue aos alunos cópia do poema “O menino e o Poder” de Carlos Drummond de Andrade e do comentário que o segue na página do fanzine. As questões propostas buscavam avaliar se os alunos conseguiam perceber se o autor do fanzine era contra ou a favor do uso do celular em sala de aula e de que maneira essa opinião foi construída por ele.

As respostas dadas pelos alunos, em sua maioria, demonstram que eles compreendiam que o autor era favorável ao uso. Embora, no geral, os textos tenham como enfoque a própria dualidade de opiniões, percebemos nas discussões que os comentários negativos sobre o tema, as imagens e comentários com o mesmo cunho mantinham preferência nas reflexões. De toda maneira, na última atividade, os estudantes perceberam que o autor procurava opinar que é possível o uso adequado dos celulares na sala de aula.

Os alunos foram convidados a responderem às seguintes questões sobre o comentário do autor após a reprodução do poema de Drummond: “Você acha que esta página critica ou apoia o uso do celular na escola?” e “Podemos dizer que o autor soube expor suas ideias de uma maneira interessante? Como ele fez isso?” algumas respostas recortadas para análise e suas descrições podem ser vistas abaixo:

Figura 43 - Exemplo de texto da aluna E



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 33 - Descrição do texto da aluna E

Apoia, pois ele disse “eu acho que é importante ter celular”

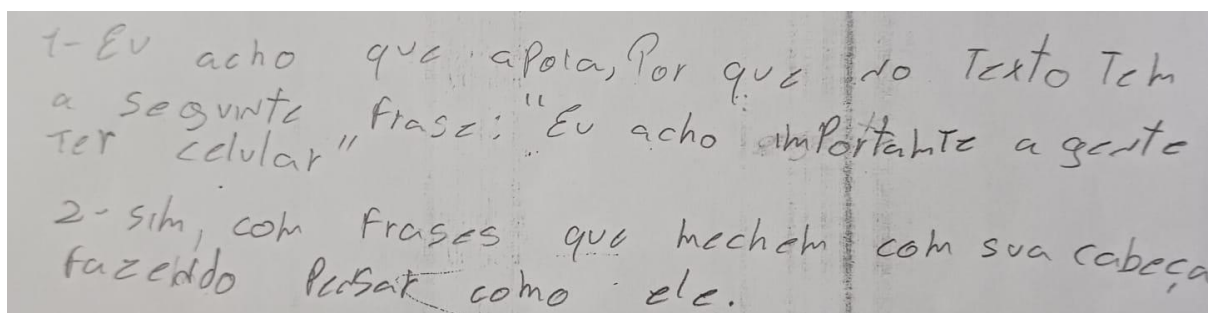
Sim, ele fez perguntas criativas expressando sua opinião exemplo: “E se a gente ficar aqui só na escola, o celular não pode ser uma ferramenta legal pra gente ver o mundo lá fora?”

Fonte: Dados da pesquisa

A aluna E acima conseguiu perceber rapidamente a opinião do autor do texto, além de identificar o uso da pergunta retórica ao final do período como uma estratégia argumentativa. Esta estratégia é detalhada por Koch e Elias (2016), ela funciona como conclusão da argumentação pois uma pergunta que não necessita de resposta, “reforça a posição defendida e motiva o envolvimento do leitor” (Koch; Elias, 2016, p.214)

O mesmo pode ser percebido nas respostas do aluno D abaixo:

Figura 44 - Exemplo de texto de aluno D



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 34 - Descrição do texto do aluno D

Eu acho que apoia, por que no texto tem a seguinte frase: “Eu acho importante a gente ter celular.”
Sim, com frases que mechem com sua cabeça fazendo pensar como ele.”

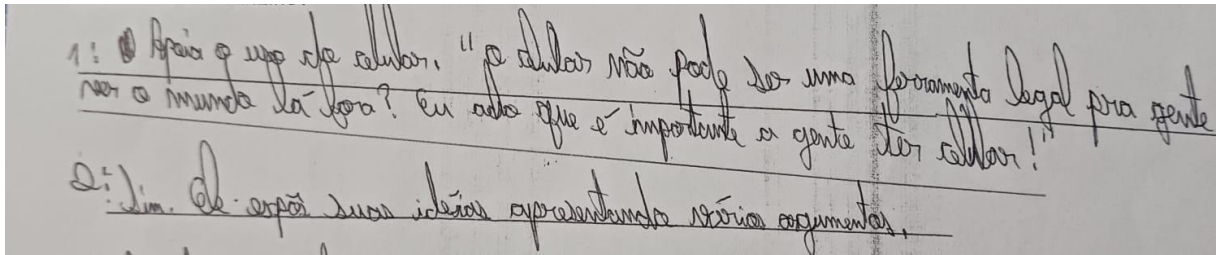
Fonte: Dados da pesquisa

Aqui, o aluno compreende que o autor procura fazer o leitor refletir, e ser convencido a “pensar como ele” a partir da escolha textual que faz. Lembremos que, segundo Koch e Elias (2016).

Argumentação [...] é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva. (Koch; Elias, 2016, p.24)

Este caráter persuasivo do ato de argumentar pode ser percebido também em outras respostas, como a exemplificada no recorte abaixo, do aluno G:

Figura 45 - Texto do aluno G



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 35 - Descrição do texto do aluno G

Apoia o uso do celular, “o celular não pode ser uma ferramenta legal pra gente ver o mundo lá fora?” Eu acho que é importante a gente ter celular!”

Sim. Ele expôs suas ideias apresentando vários argumentos.

Fonte: Dados da pesquisa

As respostas dadas pelo estudante G demonstram que ele faz uma conexão entre usar argumentos e escrever um texto interessante. Dessa forma, as atividades orais e escritas do módulo 3 ajudaram a fazê-lo perceber que argumentar também consiste em produzir um texto que consiga atrair o leitor, fazer com que reflita ou seja persuadido.

Após a aplicação das atividades mencionadas, e depois de promover as reflexões dos estudantes quanto ao tema proposto, passamos à última etapa da sequência didática, explicitada a seguir.

4.1.4. Sobre a produção final

A partir daquilo que os estudantes fizeram nos momentos anteriores da sequência didática, foi proposto que eles reescrevessem o texto (artigo de opinião) seguindo o explicitado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Segundo os autores:

Podemos até dizer que considerar seu próprio texto como objeto a ser retrabalhado é um objetivo essencial do ensino da escrita. O aluno deve aprender que escrever é (também) re-escrever. A estruturação da sequência didática em primeira produção, por um lado, e produção final, por outro, permite tal aprendizagem. (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p 112)

A produção final, parte essencial da sequência didática, configura-se como uma estratégia de adequação do nosso trabalho. Através dela os alunos podem ter a “possibilidade

de pôr em prática as noções e instrumentos elaborados separadamente nos módulos” (2004, p.102), e nos permite, como professores, construir também nossa avaliação que é uma “questão de comunicação e de trocas” (2004, p.107) e nos orienta “para uma atitude responsável, humanista e profissional” (2004, p.107).

Todo o trabalho, desenvolvido sobre o artigo de opinião, baseia-se em concepções já discutidas sobre o trabalho com gêneros discursivos. Através do artigo de opinião, do estudo de suas características básicas e do contato com este gênero já nesta etapa do ensino fundamental, acreditamos que se propiciará a formação de “cidadãos que tenham condições de compreender criticamente as realidades sociais” e que saibam “enxergar os diferentes pontos de vista e formar o seus próprios, através da comparação e da reflexão” (Uber, 2008, p.3)

As atividades de reflexão promovidas e as discussões dos módulos anteriores serviram aos alunos para a produção final, detalhada e analisada a seguir.

Inicialmente, revisamos com os estudantes a estrutura do artigo de opinião, explicitando cada uma de suas partes principais e características fundamentais. A explicação foi feita, neste momento, através de mapa mental na lousa e com momento para sanar as dúvidas de forma oral. Após esta introdução, solicitamos que os estudantes refizessem o artigo de opinião sobre o uso do celular em sala de aula e entregassem a produção.

A produção final desenvolveu-se em duas aulas de 50 minutos com um total de 26 artigos desenvolvidos pelos estudantes. A seguir, a análise da argumentação em parte dos textos.

4.2. Análises Finais

Dos 34 artigos entregues pelos estudantes (20 da turma do 7º Regular 1 e 14 da turma do 7º Regular 3), 29 (17 da turma do 7º Regular 1 e 12 da turma do 7º Regular 3), puderam ser analisados devido a impossibilidade de leitura dos 5 restantes, dificuldade já apontada na análise inicial e explicitada mais uma vez nas imagens a seguir, mostrando textos ilegíveis produzidos pelos alunos B, D, R e M respectivamente, que possuem dificuldades básicas, ainda na fase de alfabetização:

Figura 46 - Texto de aluno B

[illegible]

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 47 - Texto de aluno D

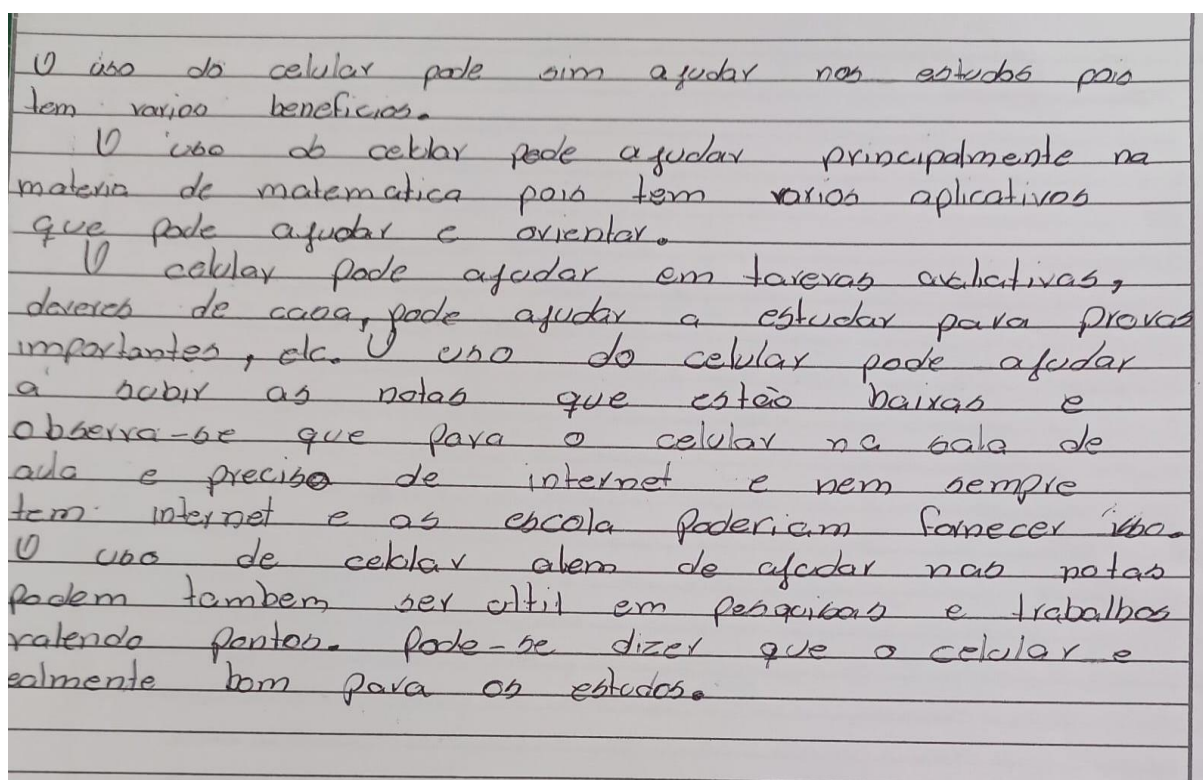
A origem de epinão
 celular
 apomardi não vive celular isso não
 enzime. por que ele

Fonte: Dados da pesquisa

De toda maneira, num contexto geral, muitos alunos, nas novas produções, se preocuparam com a estrutura do texto, introduzindo o assunto, apresentando a opinião de forma clara e buscando fundamentá-la. Alguns ainda, apresentaram proposta de intervenção para o problema relatado, como sugere nosso trabalho em sala de aula.

Como primeiro ponto de análise, destacamos também que, desta vez, alguns alunos decidiram defender o uso do celular em sala de aula, opinião que não apareceu nas produções diagnósticas, fundamentando o texto com muitos dos argumentos apresentados no debate oral realizado em módulo da sequência didática. Vejamos trechos dos textos a seguir:

Figura 50 - Exemplo de texto de aluna O



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 36 - Descrição de texto de aluna O

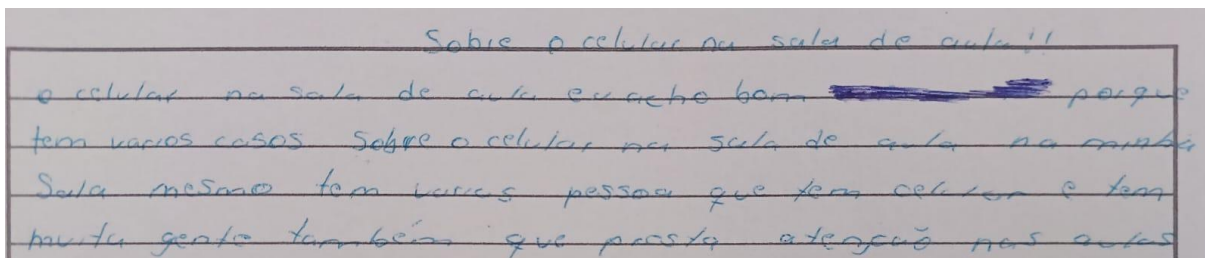
O uso do celular pode sim ajudar nos estudos pois tem varios beneficios.
O uso do celular pode ajudar principalmente na materia de matematica pois tem varios aplicativos que pode ajudar e orientar.
O celular pode ajudar em tarefas avaliativas, deveres de casa, pode ajudar a estudar para provas importantes, etc. O uso do celular pode ajudar a subir as notas que estão baixas e observa-se que para o celular na sala de aula e preciso de internet e nem sempre tem internet e as escola poderiam fornecer isso. O uso de

celular alem de ajudar nas notas podem tambem ser util em pesquisas e trabalhos valendo pontos. Pode-se dizer que o celular e realmente bom para os estudos.

Embora não tenha seguido adequadamente a estrutura do artigo de opinião, a estudante “O” dedicou-se a apresentar seu ponto de vista logo no início do texto. Além disso, ao dizer que a escola deve fornecer internet aos discentes, a aluna apresenta sua argumentação, sugerindo que, mesmo com os celulares em sala de aula, os estudantes não conseguem usá-los da maneira correta.

Importante também destacar que a estudante diz que há vários benefícios do uso do celular em sala de aula e logo após se propõe a citá-los, o que demonstra conhecimento da importância de sustentar o seu ponto de vista. O mesmo pode ser percebido no trecho da produção da aluna J, abaixo:

Figura 51 - Exemplo de texto de aluna J



Sobre o celular na sala de aula!!
o celular na sala de aula eu acho bom ~~porque~~ porque
tem varios casos sobre o celular na sala de aula na minha
sala mesmo tem varias pessoa que tem celular e tem
muita gente também que presta atenção nas aulas

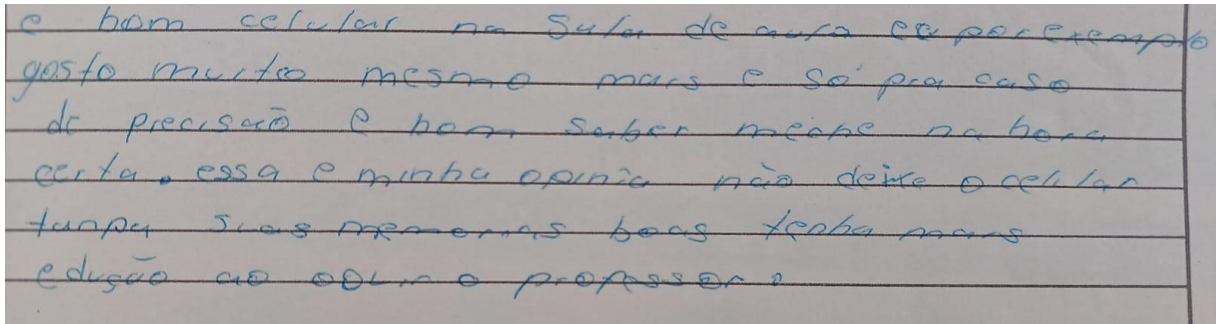
Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 37 - Descrição do texto de aluna J

o celular na sala de aula eu acho bom porque tem varios casos sobre o celular na sala de aula na minha sala mesmo tem varias pessoa que tem celular e tem muita gente também que presta atenção nas aulas

Fonte: Dados da pesquisa

Notamos que a estudante J apresentou sua opinião logo no início do texto e justificou seu ponto de vista dizendo que muitos alunos de sua turma têm celulares e mesmo assim prestam atenção nas aulas. A argumentação da aluna é retomada ainda em outras partes do texto, como no trecho final abaixo:

Figura 52 – Continuação de texto da aluna J


e bom celular na sala de aula eu por exemplo gosto muito mesmo mais e só pra caso de precisão e bom saber meche na hora certa. essa e minha opinia não deixe o celular tanpa suas memorias boas tenha mais educação ao ouvir o professor.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 38 - Descrição de texto de aluna J

<p>e bom celular na sala de aula eu por exemplo gosto muito mesmo mais e só pra caso de precisão e bom saber meche na hora certa. essa e minha opinia não deixe o celular tanpa suas memorias boas tenha mais educação ao ouvir o professor.</p>
--

No trecho final, embora se perca um pouco ao tentar manter sua linha de raciocínio, é interessante notar que a estudante propõe um uso positivo do celular em sala, desde que este não “tampe as memórias boas” ou seja caso de falta de educação com o professor.

Ainda sobre esta temática, a aluna S nos entregou a seguinte produção, analisada a seguir:

Figura 53 - Exemplo de texto de aluna S

O celular na sala de aula:
Um amigo ou inimigo?

O celular na sala de aula, é um tema que gera muitos debates entre alunos, professores e até pais, uns falam que o celular é importante para o aprendizado, já outros falam que é uma grande distração.

Na minha opinião, o celular pode sim ser um aliado ótimo na sala de aula.

Por exemplo: podemos fazer pesquisas, podemos usar ele em situações de emergência, como mandar mensagens para pais, além disso, muitos alunos acabam faltando por estar doentes, e para não perder seus pontos, ele pode tirar foto das atividades que perdeu, para fazer em casa deixando o caderno completo. O celular pode também nos auxiliar nos estudos, usando as aplicações de ensino e até nos ajuda nas correções de textos escritos, mais não é só isso, ele pode nos dar informações rápidas nos permitindo o acesso a vídeos diversos sobre a matéria, não te deixando em dúvida sobre os materiais difíceis. Como falar, quem aqui não tem uma memória ruim, eu mesma vivo esquecendo os trabalhos e atividades que o professor passou, por isso é muito bom, e prático, ter uma agenda no celular com informações que você provavelmente esquecerá.

Por isso eu sou a favor do celular na sala de aula, no entanto nos devemos lembrar que o celular pode ser uma distração, então não só os professores mais os pais devem ensinar regras claras e impor limites para que o celular não seja um problema.

Então eu acho, que uma lei que não permita o uso do celular na sala de aula, e que não permita levar o celular para a escola é absurdamente ridículo.

Quadro 39 - Descrição do texto de aluna S

<p align="center">O celular na sala de aula</p> <p align="center">Um amigo ou inimigo?</p> <p>O celular na sala de aula, é um tema que gera muitos debates entre alunos, professores e até pais, uns falam que o celular é importante para o aprendizado já outros falam que é uma grande distração.</p> <p>Na minha opinião, o celular pode sim ser um aliado ótimo na sala de aula.</p> <p>Por exemplo: podemos fazer pesquisas, podemos usar ele em situações de emergência, como mandar mensagens pessoais para os pais, além disso, muitos alunos acabam faltando por estar doentes, e para não perder seus pontos, ele pode tirar foto das atividades que perdeu, para fazer em casa deixando o caderno completo. O celular pode também nos auxiliar nos estudos, usando os aplicativos de ensino e até nos ajuda nas correções de escritas, mais não é só isso, ele pode nos dar informações rápidas nos permitindo o acesso a vídeos diversos sobre a materia, não te deixando em duvidas sobre as materias difíceis, e vamos falar, quem aqui não tem uma memória ruim, eu mesmo vivo esquecendo os trabalhos e atividades que o professor passou, porisso é muito bom, e pratico, ter uma agenda no celular com informações que você provavelmente esqueceria.</p> <p>Porisso eu sou a favor do celular na sala de aula, no entanto, nos devemos reconhecer que o celular pode ser uma distração, então não só os professores mais os pais devem ensinar regras claras e impor limites para que o celular não seja um problema.</p> <p>Então eu acho, que uma lei que não permiti o uso do celular na sala de aula, e que não permita levar o celular para a escola é absurdamente ridículo.</p>
--

Fonte: Dados da pesquisa

Além de apresentar um artigo de opinião com estrutura bem definida (título, parágrafo de introdução com tese, desenvolvimento com argumentos e conclusão retomando a tese inicial) a produção da aluna S nos mostra que o aprendizado sobre a construção da argumentação dos alunos atingiu em alguns os objetivos propostos.

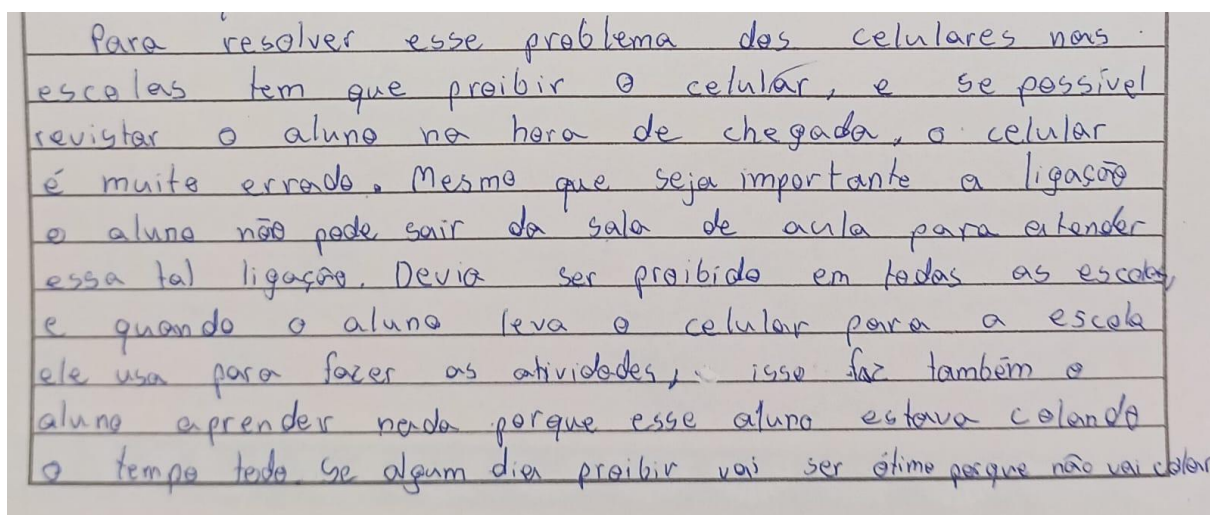
Nos parece que a estudante assimilou bem os conhecimentos debatidos em sala de aula e soube aplicá-los para a produção de um texto com um ponto de vista bastante claro. Também soube usar adequadamente operadores como: então, por isso, além disso, no entanto, mas etc.

Destacamos também que, na conclusão, a estudante propôs uma intervenção ao sugerir que os pais devem impor limites, impedindo que o celular se torne um problema. A aluna apresenta uma contra-argumentação sólida, o que contribui para sua argumentação, segundo Koch e Elias (2006) é também uma estratégia argumentativa o “levantamento de argumentos favoráveis e contrários para uma tomada de posição, a defesa de um ponto de vista, uma avaliação” (Koch; Elias, 2006, p.192)

O argumento contrário é, em conclusão, rebatido com a declaração clara de que uma lei contra o uso do celular em sala de aula é, para a estudante, “absurdamente ridícula”.

A indicação de uma proposta de intervenção também aparece em outros textos, como o do aluno R, da imagem abaixo:

Figura 54 - Exemplo de texto de aluno R



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 40 - Descrição do texto de aluno R

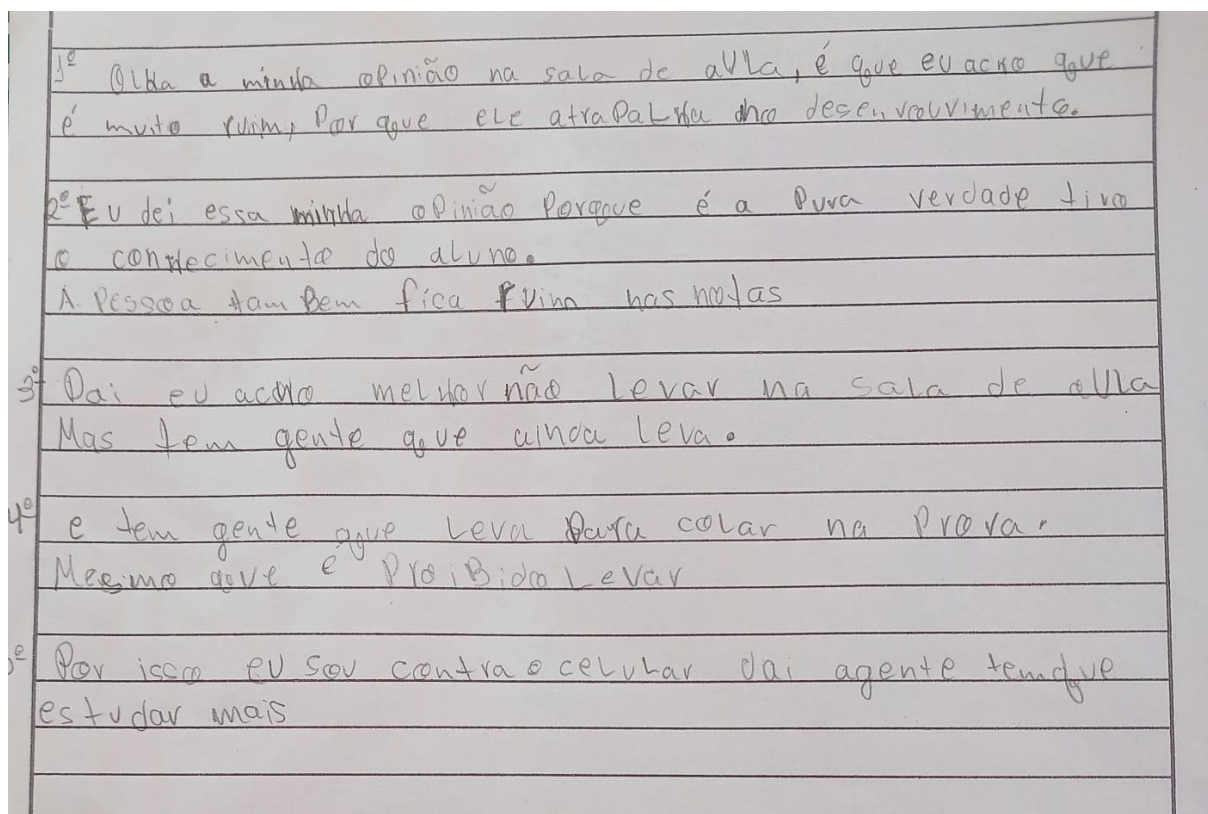
Para resolver esse problema dos celulares nas escolas tem que proibir o celular, e se possível revistar o aluno na hora de chegada. o celular é muito errado. Mesmo que seja importante a ligação o aluno não pode sair da sala de aula para atender essa tal ligação: Devia ser proibido em todas as escolas, e quando o aluno leva o celular para a escola ele usa para fazer as atividades, isso faz também o aluno aprender nada porque esse aluno estava colando o tempo todo se algum dia proibir vai ser ótimo porque não vai colar.

Fonte: Dados da pesquisa

Além da proposta de intervenção (neste caso a proibição completa do uso do celular) podemos notar o uso correto de operadores como o “mesmo que” que também introduz um contra-argumento, como no texto anterior. A aplicação de conectivos como esse foi um dos pontos de grande destaque em muitos textos produzidos, diferentemente das produções iniciais diagnósticas.

Até mesmo em textos que pecaram em relação à adequação ao gênero proposto, pode-se perceber uma certa compreensão dos valores e da importância dos operadores argumentativos. Vejamos o texto a seguir:

Figura 55 - Exemplo de texto de aluno P



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 41 - Descrição do texto do aluno P

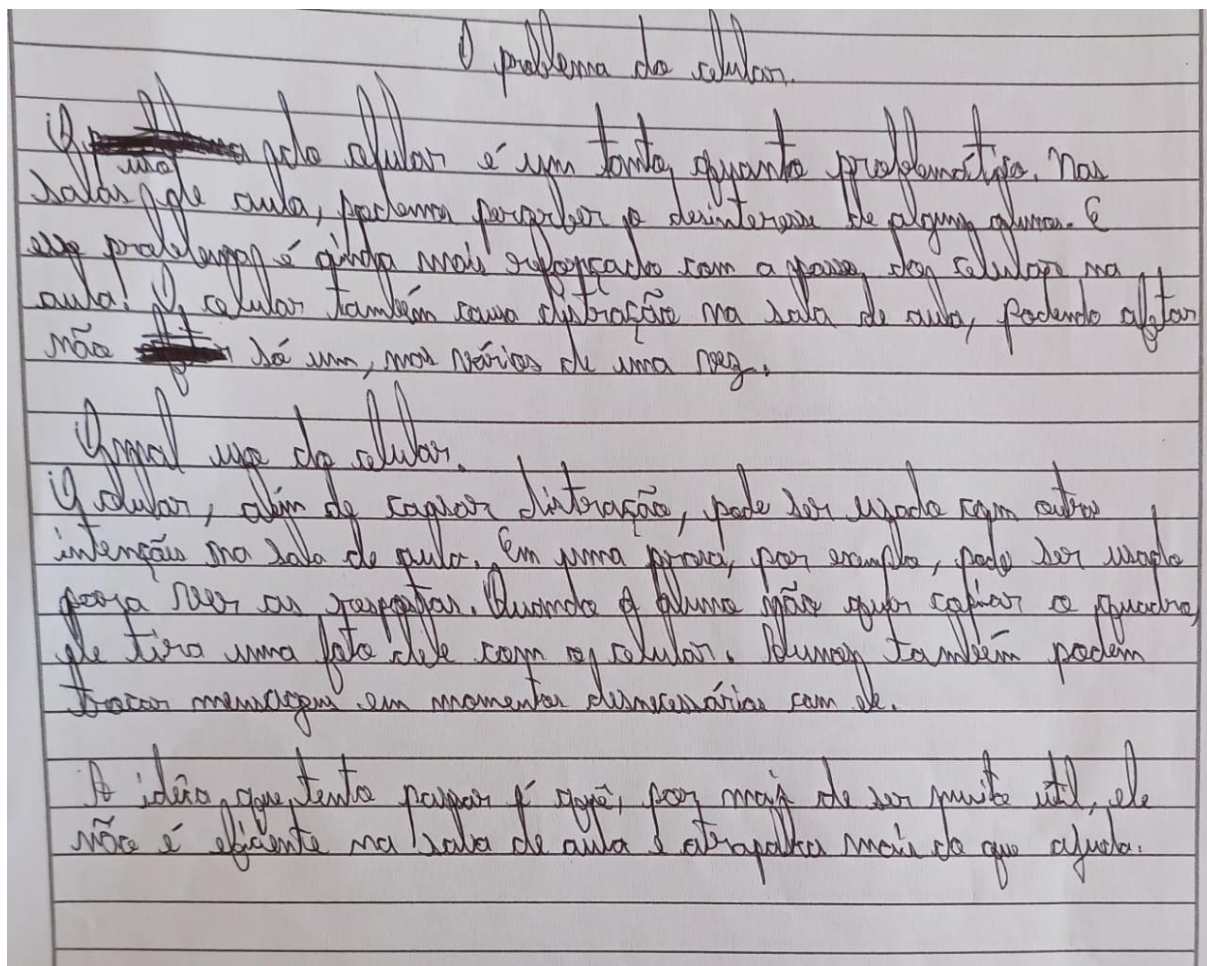
- | |
|---|
| <p>1º Olha a minha opinião na sala de aula, é que eu acho que é muito ruim, Por que ele atrapalha no desenvolvimento.</p> <p>2º Eu dei essa minha opinião porque é a pura verdade tiro o conhecimento do aluno. A pessoa também fica ruim nas notas.</p> <p>3º Dai eu acho melhor não levar na sala de aula mas tem gente que ainda leva.</p> <p>4º e tem gente que leva para colar na prova. Mesmo que é proibido levar</p> <p>5º Por isso eu sou contra o celular dai agente tem que estudar mais</p> |
|---|

Fonte: Dados da pesquisa

Embora não tenha conseguido construir um texto com argumentos mais sólidos ou utilizado outras estratégias argumentativas como as já comentadas até aqui, o estudante P conseguiu usar de forma correta os elementos de conexão entre os enunciados trabalhados em sala de aula: porque, e, mas, mesmo que e por isso, o que nos indica uma aprendizagem significativa do sentido destes elementos, já utilizados em sua oralidade.

Em se tratando dos pontos de vista assumidos, salientamos que cerca de 80% dos alunos mantiveram uma opinião contrária ao uso do celular em sala de aula. Destacamos, entre eles, o texto produzido pelo aluno G, visualizado abaixo:

Figura 56 - Exemplo de texto de aluno G



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 42 - Descrição do texto do aluno G

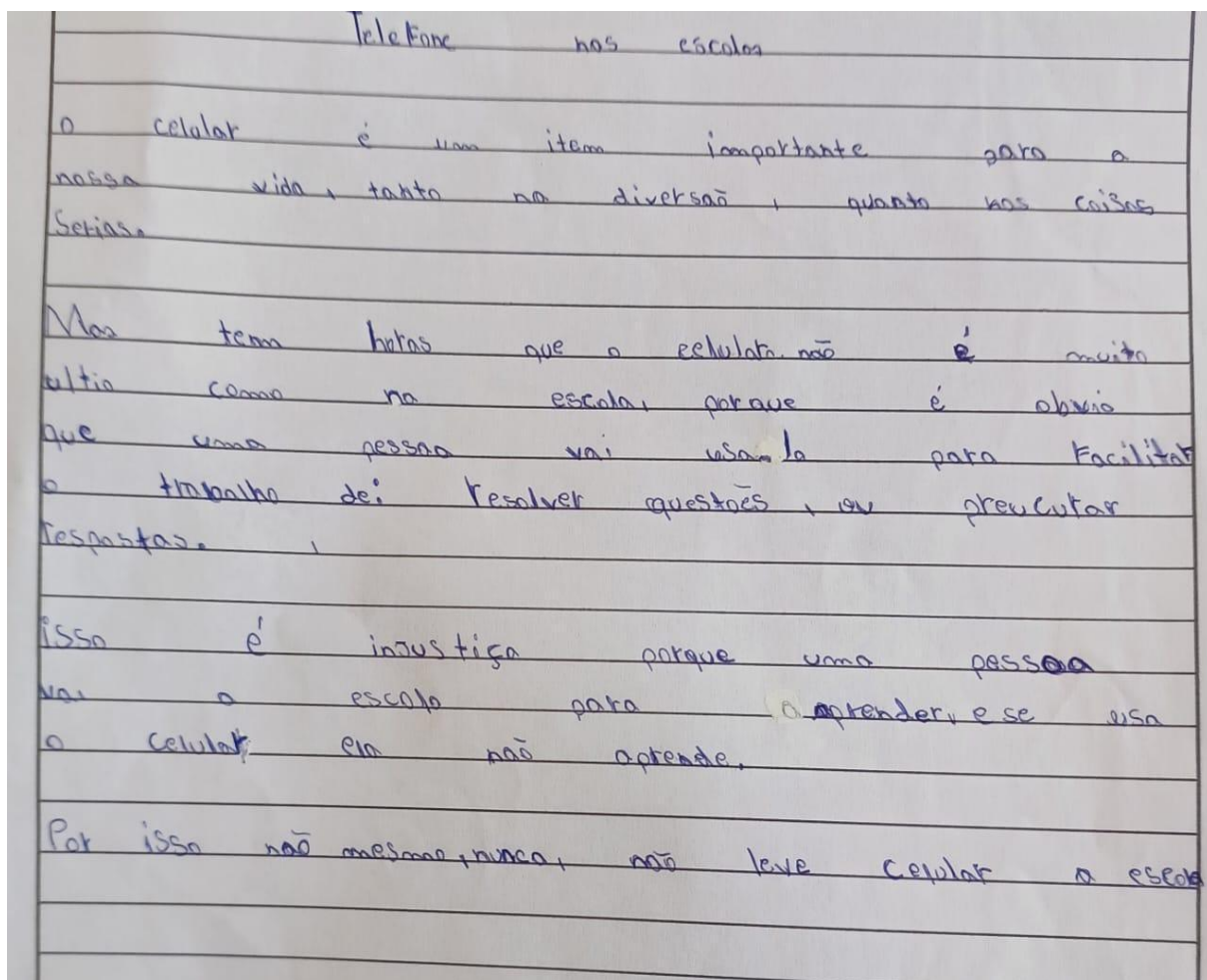
O problema do celular
<p>O uso do celular é um tanto quanto problemático. Nas salas de aula, podemos perceber o desinteresse de alguns alunos. E esse problema é ainda mais reforçado com a posse do celular na aula. O celular também como distração na sala de aula, podendo afetar não só um, mas vários de uma vez.</p>
<p>O mal uso do celular.</p> <p>O celular, além de causar distração, pode ser usado com outras intenções na sala de aula. Em uma prova, por exemplo, pode ser usado para ver as respostas. Quando o aluno não quer copiar o quadro, ele tira uma foto dele com o celular. Alunos também podem trocar mensagens em momentos desnecessários com ele.</p>
<p>A ideia que tento passar é que, por mais de ser muito útil, ele não é eficiente na sala de aula e atrapalha mais do que ajuda.</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Após as discussões feitas nos módulos, o aluno manteve seu ponto de vista inicial, contrário ao uso do celular em sala de aula, contudo, podemos notar um texto argumentativamente mais consciente, já que o aluno apresenta os “dois lados” da temática, sem que o texto se mostre pouco persuasivo. O uso de exemplos, operadores argumentativos coerentes (destaque para a expressão “por mais de ser muito útil”) e contra-argumentos tornam o seu texto, embora bastante conciso, efetivo quanto à tomada de decisão apresentada.

O mesmo acontece com o texto do aluno P abaixo, em que a opinião contrária ao uso do celular em sala de aula é apresentada de maneira objetiva, mas com desenvolvimento do raciocínio e da argumentação muito mais coerentes que o texto produzido no momento de diagnóstico.

Figura 57 - Exemplo de texto de aluno P



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 43 - Descrição do texto do aluno P

Telefone nas escolas
O celular é um item importante para a nossa vida, tanto na diversão, quanto nas coisas serias.
Mas tem horas que o celular não é muito ultio como na escola, porque é obvio que uma pessoa vai usa-lo para facilitar o trabalho de: resolver questões, ou procurar respostas.
isso é injustiça porque uma pessoa vai a escola para aprender, e se usa o celular ela não aprende.
Por isso não mesmo, nunca, não leve celular a escola

Fonte: Dados da pesquisa

Notamos, neste texto, uma introdução coerente (apontando a importância do celular) seguida de uma tese objetiva e clara, seguida pelo operador de oposição “mas” que introduz o pensamento de que na escola o aparelho não é tão útil. Além do uso desta estratégia argumentativa, o aluno deixa sua opinião expressa de maneira efusiva com expressões como “isso é injustiça”, “não mesmo” e “nunca” e expressões modalizadoras, como “é óbvio”, determinadas por Koch e Elias (2016), como “articuladores modalizadores”, segundo as autoras:

Podemos recorrer a articuladores para avaliar o que foi dito como verdadeiro, obrigatório ou duvidoso. Esses elementos assumem, assim, a função de modalizadores. Contribuem para a expressão dessa avaliação os advérbios ou expressões adverbiais, principalmente os de modo, conforme denominação da gramática tradicional. (Koch; Elias, 2016, p.143)

Por fim, pudemos perceber em muitos textos que o trabalho com a sequência didática, a apresentação do gênero artigo de opinião e sua estrutura, as discussões em sala de aula sobre argumentação, bem como o uso do fanzine como auxiliador para a busca de novos conhecimentos foram essenciais na reescrita de alguns alunos. Os três textos abaixo exemplificam essas conclusões. Analisamos abaixo o texto da aluna S:

Figura 58 - Exemplo de texto de aluna S

O uso dos celulares nas escolas, quando não gerido corretamente, pode causar sérios malefícios, afetando a concentração dos alunos, o aprendizado, a interação social e até a saúde física e mental. Para garantir um ambiente mais produtivo e saudável, é imprescindível que as instituições de ensino estabeleçam regras claras e incentivem o uso consciente dessa ferramenta, de modo que a tecnologia seja aliada e não um obstáculo ao desenvolvimento dos alunos.

Esses são alguns dos fatores que prejudica a concentração, o uso do mesmo pode diminuir a interação social entre os estudantes.

Entre tantos problemas e impactos negativos existem também a indisciplina, ansiedade, dores no corpo, distúrbios que afetam a qualidade do sono, e abre portas para o cyberbullying entre tantos outros malefícios.

Contudo existem muitas maneiras para que as distrações sejam evitadas, atualmente já é possível configurar os celulares para um uso planejado supervisionando por educadores, limitando a utilização e o tempo de tela, a fim de reduzir o uso e evitar regras afetando o aluno de forma consciente, assim sua ferramenta trará eficiência, o que resultaria na eficácia de sua função.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 44 - Descrição do texto da aluna S

O uso dos celulares nas escolas, quando não gerido corretamente, pode causar sérios malefícios, afetando a concentração dos alunos, o aprendizado, a interação social e até a saúde física e mental. Para garantir um ambiente mais produtivo e saudável, é imprescindível que as instituições de ensino estabeleçam regras claras e incentivem o uso consciente dessa ferramenta, de modo que a tecnologia seja aliada e não um obstáculo ao desenvolvimento dos alunos.

Esses são alguns dos fatores que prejudica a concentração, o uso do mesmo pode diminuir a interação social entre os estudantes.

Entre tantos problemas e impactos negativos existem também a indisciplina, ansiedade, dores no corpo, distúrbios que afetam a qualidade do sono, e abre portas para o cyberbullying entre tantos outros malefícios.

Contudo existem meios possíveis para que as distrações sejam evitadas, atualmente já é possível configurar os eletrônicos para um uso planejado supervisionado por educadores, limitando a utilização e o tempo de tela, a fins responsáveis e sites seguros ofertando o acesso de forma conciente, assim sua serventia traria eficiência, o que resultaria na eficácia de sua função.

Fonte: Dados da pesquisa

O texto mantém uma linha argumentativa coerente, com a defesa de que o uso dos celulares, sem a devida gestão, pode trazer malefícios. A argumentação é feita de maneira a evidenciar tanto os prejuízos do uso descontrolado dos celulares na sala de aula quanto as possíveis soluções para transformar essa ferramenta em um recurso positivo para o ambiente escolar.

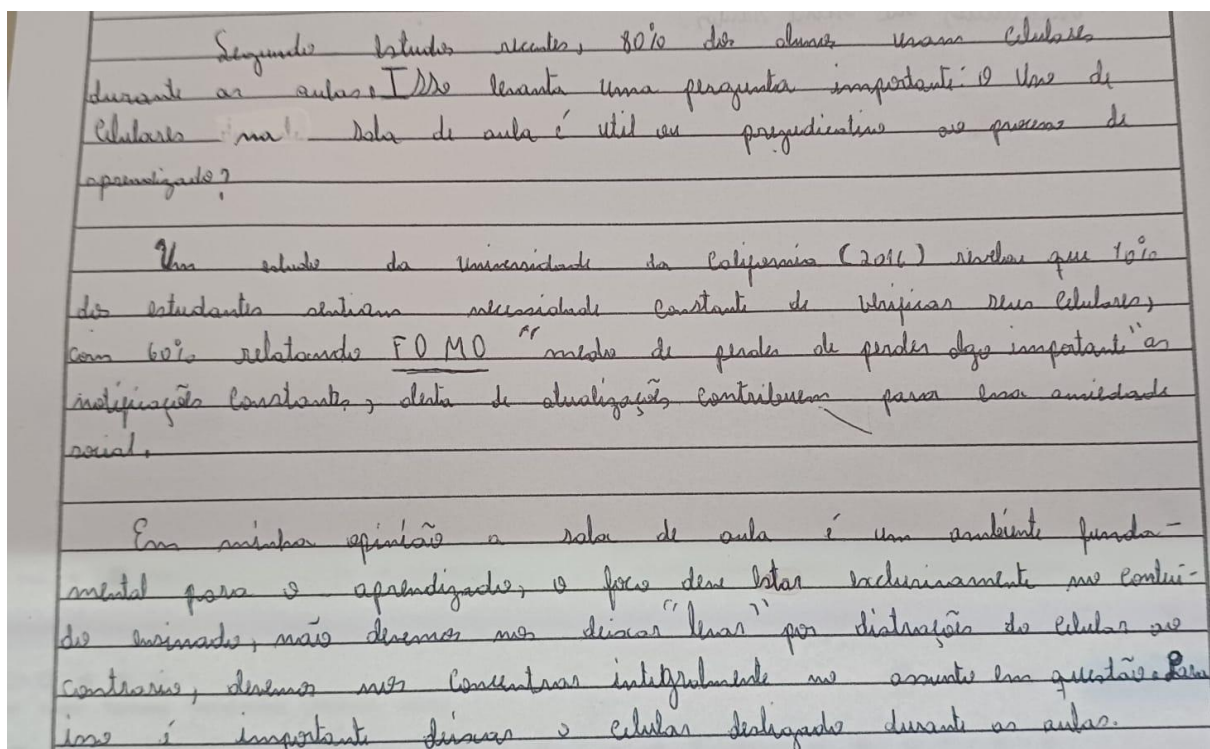
Assim como textos já analisados, aqui encontramos também o uso de operadores argumentativos e expressões modalizadoras, como é o caso do "é imprescindível". Este modalizador expressa necessidade e urgência. Ao afirmar que é "imprescindível" que as instituições de ensino estabeleçam regras claras, o aluno transmite a ideia de que essa ação é fundamental para um ambiente produtivo e saudável.

No desenvolvimento do texto podemos notar que a estudante se preocupou em justificar seu ponto de vista se valendo de conhecimentos adquiridos durante as aulas. Ao citar problemas como indisciplina, ansiedade, dores no corpo, distúrbios no sono e o cyberbullying, ficam nítidos que a atenção às discussões promovidas e o seu desejo de convencer o leitor a compartilhar de suas ideias.

Assim, o texto apresenta uma argumentação estruturada, com operadores argumentativos que ajudam a conectar as ideias, modalizadores que ajustam a intensidade das afirmações e argumentos que sustentam seu ponto de vista.

A aluna E também conseguiu produzir um artigo de opinião (trecho de texto que se segue) condizente com a estrutura apresentada nas aulas, alguns trechos demonstram que a estudante pretendeu convencer o leitor e trazer elementos consistentes para apoiar sua argumentação:

Figura 59 - Exemplo de texto de aluna E



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 45 - Descrição do texto da aluna E

Segundo estudos recentes, 80% dos alunos usam celulares durante as aulas. Isso levanta uma pergunta importante: O uso de celulares na sala de aula é útil ou prejudicativo ao processo de aprendizado?

Um estudo da Universidade da Califórnia (2016) revelou que 10% dos estudantes sentiam necessidade constante de verificar seus celulares, com 60% relatando FOMO "medo de perder de perder algo importante" as notificações constantes, alerta de atualizações contribuem para essa ansiedade social.

Em minha opinião a sala de aula é um ambiente fundamental para o aprendizado, o foco deve estar exclusivamente no conteúdo ensinado, não devemos nos deixar "levar" por distrações do celular ao contrário, devemos nos concentrar integralmente no assunto em questão. Para isso é importante deixar o celular desligado durante as aulas.

Fonte: Dados da pesquisa

Percebe-se que a estudante se atentou em buscar dados e pesquisas relevantes que orientassem sua argumentação. A introdução bem escrita e a tese apresentada de forma clara favorecem o entendimento do leitor. O uso dos dados estatísticos no início do texto vem de encontro ao que indicam Koch e Elias (2016) como estratégias para iniciar uma argumentação, segundo as autoras:

O fato é um elemento que pertence à esfera da realidade, é um dado preciso que pode ser configurado, por exemplo, na forma de um acontecimento, de dados numéricos, de uma narrativa etc [...] O fato assume grande valor no início de uma argumentação, uma vez que possibilita ancorar a reflexão em algo cuja existência pode ser constatada, valendo, portanto, como prova. (Koch; Elias, 2016, p.163)

A argumentação é estruturada para primeiro apresentar um dado alarmante sobre o uso dos celulares, depois conectar isso a um problema real (distrações e ansiedade social) e, por fim, apresentar uma solução simples e direta (desligar o celular durante as aulas).

A estrutura do texto e as escolhas linguísticas se alinham com os princípios defendidos por Koch e Elias (2016), que destacam a importância de uma argumentação bem fundamentada, lógica e persuasiva, capaz de envolver o interlocutor e convencê-lo da validade da proposta apresentada.

Por fim, o artigo produzido pela aluna J nos serviu também como análise, sua produção está, na íntegra, na imagem abaixo:

Figura 60 - Exemplo de texto de aluna J

① uso descontrolado do celular nas escolas

① século XXI tem sido marcado pelo avanço da tecnologia, cada vez mais novas invenções têm feito parte da rotina das pessoas, principalmente com a criação dos celulares, pois esta inovação trouxe conforto para seus usuários. Porém, o uso exagerado tem sido prejudicial na vida das pessoas.

Nas escolas é comum o uso excessivo dos telefones em salas de aula, e isso pode causar muitos danos na vida dos alunos, inclusive prejudicar na comunicação entre crianças e jovens, produzindo efeitos negativos na vida social, pessoal e familiar.

Outros tipos de problemas são a falta de atenção nas aulas e o aumento da ansiedade e depressão. A falta de concentração nas aulas pode acabar comprometendo o aprendizado do aluno e o aumento da ansiedade e depressão o leva a um estado de sofrimento e gera disfunção escolar e familiar.

Em resumo o uso descontrolado do celular acarreta vários problemas ruins para o estudante. Logo na vida escolar, este uso deve ser permitido apenas para fins educativos, sendo penalizado o aluno que vier a desobedecer, e orientado quanto a importância da dedicação na vida escolar.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 46 - Descrição do texto da aluna J

O século XXI tem sido marcado pelo o avanço da tecnologia, cada vez mais novas invenções têm feito parte da rotina das pessoas, principalmente com a criação dos celulares, pois esta inovação trouxe conforto para seus usuários. Porém, o uso exagerado tem sido prejudicial na vida das pessoas.

Nas escolas é comum o uso excessivo dos telefones em sala de aula, e isso pode causar muitos danos na vida dos alunos, inclusive prejuízos na comunicação entre crianças e jovens, produzindo efeitos negativos na vida social, pessoal e familiar.

Outros tipos de problemas são a falta de atenção nas aulas e o aumento da ansiedade e depressão. A falta de concentração nas aulas pode acabar comprometendo o aprendizado do aluno e o aumento da ansiedade e depressão o leva a um estado de sofrimento e gera disfunção escolar e familiar.

Em resumo o uso descontrolado do celular acarreta vários problemas ruins para o estudante, Logo no meio escolar, este uso deve ser permitido apenas para fins educativos, sendo penalizado o aluno que vier a desobedecer, e orientado quanto a importância da dedicação na vida escolar.

Fonte: Dados da pesquisa

A aluna começa o seu texto com uma breve contextualização sobre o avanço da tecnologia no século XXI, mencionando o celular como uma invenção que trouxe conforto. Isso serve como uma introdução ao tema, destacando que, embora a tecnologia traga benefícios, ela também gera problemas. Aqui a aluna usa muito bem já no primeiro parágrafo o operador “porém” para introduzir seu ponto de vista.

Para reforçar sua argumentação, a aluna vem citando aspectos negativos causados pelo uso excessivo de celulares. São citados problemas como a falta de atenção nas aulas, aumento da ansiedade e da depressão. A falta de concentração nas aulas é associada ao comprometimento do aprendizado, e a ansiedade e depressão são apresentadas como fontes de sofrimento e de disfunção escolar e familiar.

Em conclusão, assim como outros textos analisados, a aluna propõe que o uso de celulares nas escolas seja restrito a fins educativos, e que os alunos que desobedecerem a essa regra sejam penalizados.

Ao verificarmos as produções reescritas e entregues pelos alunos, pudemos perceber uma evolução no que tange ao comprometimento com a opinião veiculada, com o uso das palavras adequadas à função comunicativa do gênero e com o desejo real de convencer o outro de determinado ponto de vista.

Em linhas gerais, ao propormos atividades com o artigo de opinião e visando a promoção de um ambiente de discussão, diálogo e tomada de decisão, os benefícios do trabalho com a argumentação, já nesta etapa do ensino fundamental, nos foram aparentes e nos indicam um aprendizado efetivo e que pode, conseqüentemente, favorecer o trabalho com o texto argumentativo em anos e séries posteriores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado com artigo de opinião nas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental foi uma experiência extremamente enriquecedora tanto para os alunos quanto para o desenvolvimento de suas habilidades de argumentação. Pudemos perceber que, mesmo diante das dificuldades de escrita e leitura de alguns alunos das turmas em estudo, no decorrer da sequência didática, os estudantes se mostravam cada vez mais familiarizados com a argumentação e como ela pode se desenvolver na linguagem.

Ao longo da atividade, os estudantes demonstraram um bom engajamento na compreensão dos diferentes pontos de vista apresentados nos artigos, o que contribuiu para o amadurecimento do pensamento crítico e na importância na tomada de decisões.

Também, o uso do fanzine em momento da sequência se mostrou uma ótima ferramenta de desenvolvimento do pensamento crítico e uma estratégia favorável para a produção de conhecimento sobre a temática proposta e sobre o meio em que estão inseridos.

Mesmo com o tempo reduzido de aplicação das atividades em sala de aula, observamos uma evolução na capacidade de análise, sendo que os alunos foram capazes de identificar argumentos, analisar a coerência das ideias apresentadas e expressar suas próprias opiniões de maneira mais clara.

A pesquisa aqui apresentada, fundamentada no uso dos gêneros em sala de aula e na aplicação de sequência didática, nos parece uma ótima alternativa para introduzir o trabalho com a argumentação no ensino fundamental, favorecendo uma aprendizagem que se estenderá até o final da vida escolar dos estudantes.

Em suma, o trabalho com os artigos de opinião foi uma iniciativa muito positiva, pois estimulou o interesse dos alunos por temas atuais e relevantes, ao mesmo tempo em que contribuiu para o aprimoramento das competências avaliadas. Esse tipo de atividade certamente deve ser mantida e ampliada, pois contribui para a formação de alunos mais críticos, reflexivos e preparados para os desafios da sociedade contemporânea. Por fim, esperamos que este trabalho auxilie como um recurso didático que ajude tanto alunos/as quanto professores/as.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eduardo de Moura. **Instrumentos digitais para a pesquisa interdisciplinar** (Apresentação de trabalho-conferência ou palestra), 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **ReVEL**, vol. 7, n. 13, 2009.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2021. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

Acesso em: 10 jan. 2024.

CADOR, Amir Brito. **A publicação como prática artística. Dossiê fanzines, artezines e biograficizines: publicações mutantes [ebook]** Goiânia: Cegraf UFG, 2021.

CAMPOS, Cláudia Mendes. O percurso de Ducrot na teoria da argumentação na língua. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/968>. Acesso em: 18 jan. 2025

CAMPOS, Fernanda Ricardo. abraFANZINE: da publicação independente à sala de aula. **Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 65-77, fev. 2016. ISSN 1809-8150. Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/10053>>. Acesso em: 18 maio 2025. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1809-8150.5.10.65-77>.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.

COSTA VAL, Maria das Graças. **Redação e textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CRUZ, Elaine Cristina da Silva; DUARTE, Fabíola Jerônimo; FILHO, José Moacir Soares. **O trabalho com os gêneros textuais em sala de aula**. Anais IV SINALGE... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/27546>>. Acesso em 07 fev. 2025.

DOLZ, J. ; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Gêneros Oraís e escritos na escola. Trad. e org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

Ducrot, Oswald. **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad del Valle, 1988. (Tradução de Ana Beatriz Campo e Emma Rodríguez)

Ducrot, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

EMEDIATO, Wander. **A fórmula do texto. Redação, Argumentação e Leitura. Técnicas inéditas de redação para alunos de graduação e ensino médio**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

FEITOZA, Cláudia de Jesus Abreu; MENDES, Maria Helena Peçanha. Um estudo do gênero artigo de opinião: procedimentos para torná-lo um objeto ensinável. **Horizontes**, v. 28, n. 2, p. 51-61, jul./dez.2010

FIORIN, José. Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. José Elias Costa. 3. Ed. São Paulo: Artmed, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos [ebook]**. São Paulo: Editora Contexto, 1997. ISBN 9786555413885. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555413885>

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça; Elias, Vanda Maria. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LARA, Graça Muniz Proença. **Mídia, gênero do discurso e transgressão**. CALIGRAMA, Belo Horizonte: 2005.

LEAL, Telma Ferraz. **Produção de textos na escola: a argumentação em textos produzidos por crianças**. (Tese) Doutorado em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.

MACHADO, Irene. **Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin**. Língua e Literatura, n.22, p.89-105, 1996.

MAGALHÃES, Henrique. **Fanzine: comunicação popular e resistência cultural. Visualidades** – Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual, Dossiê HQ, v. 7, n. 1, p. 100-115, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18121/10810>

MARCONI, Marina de Andrade Marconi; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 1ª ed. Editora Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita - atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez: 2010.

MATEI, Maria Helena Correa da Silva. **A argumentatividade e os princípios textuais: Intencionalidade e Aceitabilidade.** VERBUM, n.11.p.78-86, 2016.

MENEGUSSI, Eliana Ribeiro da Silva. **Uso de operadores argumentativos e diversificação dos tipos de argumentos em textos de alunos do 9º ano.** Dissertação de Mestrado em Letras – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2021.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais.** Minas Gerais, 2018. Disponível em: <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/> Acesso em: 17.abr.2024.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação - **Revista Contextual. SIMAVE 2023.** v.4 – Juiz de Fora: 2023.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação - **Revista da escola – Equipe Pedagógica língua portuguesa. SIMAVE 2023.** v.1 – Juiz de Fora: 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde (Claves); Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP); Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

RESULTADOS PROEB. Plataforma SIMAVE, 2022. Disponível em: <https://simave.educacao.mg.gov.br/#!/pagina-inicial> Acesso em: 2. ago. 2022.

RESULTADOS 1ª AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA 2023. Plataforma SIMAVE, 2024. Disponível em: <https://simave.educacao.mg.gov.br/#!/pagina-inicial> Acesso em 5.abr.2024.

PEREIRA, Daniela Reischak. **Fanzine Pedagógico: venha fazer um fanzine na aula de literatura.** [S.l.: s.n.], 2018.

PINHO, Manuela Antunes de. **Produção textual no gênero digital – Caminhos para o ensino de operadores argumentativos no uso em comentários de postagem.** Dissertação de Mestrado em Letras – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos.** 6. ed. reimpressão. São Paulo: Atlas, 2011.

SCHWARZBOLD, Caroline. **Uma abordagem dos operadores argumentativos em artigos de opinião: Uma proposta de sequência didática para o 9º ano.** Dissertação de Mestrado em Letras – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

SILVA, Adilson Ventura da. **A poesia em Ducrot.** 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SOUSA, Diego El Khouri. **Zine, arte, resistência e ações pedagógicas.** Série Quiosque. João Pessoa. Marca da Fantasia: 2022.

UBER, Terezinha de Jesus Bauer. **O trabalho com o artigo de opinião.** 2008. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_terezinha_jesus_bauer_uber.pdf. Acesso em: jul.2024

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

CONVIDAMOS o(a) senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar de uma pesquisa científica.

Por favor, leia este documento com bastante atenção e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine na linha “Assinatura do participante”, no ponto 8.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

- 1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *Victor Gabriel Nogueira Brito.*
- 1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: *Luciano Lima Souza*

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA

A argumentatividade em fanzines: Um estudo de caso com alunos do 7º ano em uma escola pública do Vale do Jequitinhonha.

2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

Pelos resultados de testes e minha experiência em ensino, observei que os alunos dos últimos anos (especialmente do 9º ano) têm dificuldade em entender questões argumentativas e não desenvolveram bem essas habilidades conforme descrito na BNCC. Isso indica que as dificuldades aparecem porque não trabalhamos adequadamente a argumentação desde os anos iniciais do ensino fundamental. Por isso, proponho focar no 7º ano usando um tipo de texto comum entre jovens, mas ainda pouco explorado, que pode ajudar a resolver esse problema.

2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

Estamos fazendo esta pesquisa para analisar como os alunos do 7º ano de uma escola pública do Vale do Jequitinhonha produzem textos, especialmente focando na argumentação, ao discutir o gênero fanzine e seu impacto nas práticas educativas. Além disso, queremos sugerir uma atividade com esse gênero que possa ajudar a desenvolver habilidades de argumentação no 7º ano do Ensino Fundamental.

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO:

Vamos fazer uma revisão de textos que explicam teoricamente o uso de diferentes tipos de textos e a argumentação na sala de aula. Também vamos aplicar um questionário sobre o perfil socioeconômico dos alunos, e analisar os resultados de uma atividade inicial e de uma atividade de intervenção usando o fanzine para trabalhar argumentação.

3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

Em duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental em escola pública do Vale do Jequitinhonha. Nas aulas de Língua Portuguesa durante o segundo semestre do ano de 2024.

3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

50 minutos (tempo de cada aula)

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

☒ MÍNIMO ☐ MODERADO ☐ ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

Os riscos são mínimos, contudo, o que pode acontecer é que alguns alunos podem se sentir constrangidos ao responderem alguma questão do questionário ou das atividades propostas. Podem, também, sentirem-se incomodados com alguma parte da pesquisa ou com vergonha de trabalharem em grupos ou de exporem sua opinião.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Toda a pesquisa será feita de maneira transparente e em comum acordo com os participantes. Será preservada a opinião, espaço e tempo do aluno, respeitando-se as especificidades de cada um. Vale ainda enfatizar que a participação é voluntária e, em hipótese alguma, os nomes dos envolvidos serão revelados; os nomes reais serão substituídos por nomes fictícios, mantendo assim o anonimato.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Esperamos que a pesquisa possa fazer com que os alunos compreendam a importância da argumentação e adquiram competências e habilidades argumentativas de maneira mais autônoma e objetiva, favorecendo o ensino-aprendizagem.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Compreendemos que esta pesquisa poderá favorecer o trabalho pedagógico dos professores, oportunizar novas estratégias de ensino e criar condições para aprimorar ações pedagógicas. Também acreditamos que este trabalho contribuirá na produção do conhecimento científico educacional, mais precisamente no tocante as práticas educacionais voltadas para o estudo dos gêneros argumentativos e do uso dos gêneros em sala de aula.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: Nenhum dos dois. A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se você acabar gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: Não. Você só precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: Nenhum.

6.7. O que acontecerá com os dados que você fornecer nessa pesquisa?

R: Eles serão reunidos com os dados fornecidos por outras pessoas e analisados para gerar o resultado do estudo. Depois disso, poderão ser apresentados em eventos científicos ou constar em publicações, como Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses, artigos em revistas, livros, reportagens, etc.

6.8. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Em geral, não. O(A) pesquisador(a) tem a obrigação de garantir a sua privacidade e o sigilo dos seus dados. Porém, a depender do tipo de pesquisa, ele(a) pode pedir para te identificar e ligar os dados fornecidos por você ao seu nome, foto, ou até produzir um áudio ou vídeo com você. Nesse caso, a decisão é sua em aceitar ou não. Ele precisará te oferecer um documento chamado "Termo de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos". Se você não aceitar a exposição ou a divulgação das suas informações, não o assine.

6.9. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.

6.10. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Há, também uma cartilha específica para tratar sobre os direitos dos participantes. Todos esses documento podem ser encontrados no nosso site (www2.uesb.br/comitedeetica).

6.11. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: **Victor Gabriel Nogueira Brito.**

Endereço: **Rua Adilson de Oliveira, 129 - Bairro Laranjeiras - Almenara(MG).**

Fone: 33 988938779 / **E-mail:** victor.nogueira@educacao.mg.gov.br

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

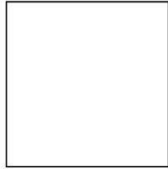
☐ **em participar do presente estudo;**

☐ **com a participação da pessoa pela qual sou responsável.**

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de _____

*Assinatura do(a) participante (ou da
resposta ou do responsável)*



*Impressão Digital
(Se for o caso)*

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

_____, _____ de _____ de _____

Rubricas:

APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

50 minutos (tempo de cada aula)

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA? (Riscos da pesquisa)

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, podemos dizer que o risco é

☒ MÍNIMO

☐ MODERADO

☐ ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

Os riscos são mínimos, contudo, o que pode acontecer é que alguns alunos podem se sentir constrangidos ao responderem alguma questão do questionário ou das atividades propostas. Podem, também, sentirem-se incomodados com alguma parte da pesquisa ou com vergonha de trabalharem em grupos ou de exporem sua opinião.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Toda a pesquisa será feita de maneira transparente e em comum acordo com os participantes. Será preservada a opinião, espaço e tempo do aluno, respeitando-se as especificidades de cada um. Vale ainda enfatizar que a participação é voluntária e, em hipótese alguma, os nomes dos envolvidos serão revelados; os nomes reais serão substituídos por nomes fictícios, mantendo assim o anonimato.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Esperamos que a pesquisa possa fazer com que os alunos compreendam a importância da argumentação e adquiram competências e habilidades argumentativas de maneira mais autônoma e objetiva, favorecendo o ensino-aprendizagem.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Compreendemos que esta pesquisa poderá favorecer o trabalho pedagógico dos professores, oportunizar novas estratégias de ensino e criar condições para aprimorar ações pedagógicas. Também acreditamos que este trabalho contribuirá na produção do conhecimento científico educacional, mais precisamente no tocante as práticas educacionais voltadas para o estudo dos gêneros argumentativos e do uso dos gêneros em sala de aula.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE VOCÊ E O SEU RESPONSÁVEL PODEM QUERER SABER: (Direitos dos participantes)

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: Nenhum dos dois. A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 2

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

(Para participantes entre 12 e 17 anos de idade)

Olá!

Gostaríamos de te CONVIDAR para participar de uma pesquisa científica.

Por favor, leia este documento, com atenção, e me diga se você concorda. Se concordar, assine na caixa onde tem escrito “Rubrica” em todas as páginas e, também, lá no final, na linha “Assinatura do Participante”.

O seu pai, mãe ou outro responsável precisará ler e assinar um documento bem parecido com este, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que o pesquisador lhe entregará. Sem isso você não pode participar da pesquisa, ok?! Desde já, obrigado!

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *Victor Gabriel Nogueira Brito*

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: Luciano Lima Souza,

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA

Argumentatividade em Fanzines: um estudo de caso com alunos do 7º ano em uma escola pública do Vale do Jequitinhonha.

2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

Pelos resultados de testes e minha experiência em ensino, observei que os alunos dos últimos anos (especialmente do 9º ano) têm dificuldade em entender questões argumentativas e não desenvolveram bem essas habilidades conforme descrito na BNCC. Isso indica que as dificuldades aparecem porque não trabalhamos adequadamente a argumentação desde os anos iniciais do ensino fundamental. Por isso, proponho focar no 7º ano usando um tipo de texto comum entre jovens, mas ainda pouco explorado, que pode ajudar a resolver esse problema.

2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

Estamos fazendo esta pesquisa para analisar como os alunos do 7º ano de uma escola pública do Vale do Jequitinhonha produzem textos, especialmente focando na argumentação, ao discutir o gênero fanzine e seu impacto nas práticas educativas. Além disso, queremos sugerir uma atividade com esse gênero que possa ajudar a desenvolver habilidades de argumentação no 7º ano do Ensino Fundamental..

3. O QUE VOCÊ TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO:

Vamos fazer uma revisão de textos que explicam teoricamente o uso de diferentes tipos de textos e a argumentação na sala de aula. Também vamos aplicar um questionário sobre o perfil socioeconômico dos alunos, e analisar os resultados de uma atividade inicial e de uma atividade de intervenção usando o fanzine para trabalhar argumentação..

3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

Em duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental em escola pública do Vale do Jequitinhonha. No segundo semestre do ano de 2024.

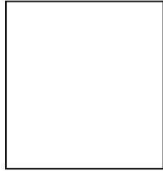
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 1

Assinatura do(a) participante



Impressão Digital
(Se for o caso)

9. COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro conhecer todos os meus deveres e os direitos dos participantes e dos seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro, também, ter feito todos os esclarecimentos pertinentes a todos os envolvidos direta ou indiretamente na pesquisa, e reafirmo que o início da coleta de dados ocorrerá apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o protocolo do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa competente.

LOCAL, Clique aqui para inserir uma data.

Assinatura do(a) pesquisador

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Rubricas:

R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: Nenhum.

6.7. O que acontecerá com os dados que você fornecer nessa pesquisa?

R: Eles serão reunidos com os dados fornecidos por outras pessoas e analisados para gerar o resultado do estudo. Depois disso, poderão ser apresentados em eventos científicos ou constar em publicações, como Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses, artigos em revistas, livros, reportagens, etc.

6.8. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Em geral, não. O(A) pesquisador(a) tem a obrigação de garantir a sua privacidade e o sigilo dos seus dados. Porém, a depender do tipo de pesquisa, ele(a) pode pedir para te identificar e ligar os dados fornecidos por você ao seu nome, foto, ou até produzir um áudio ou vídeo com você. Nesse caso, a decisão é sua em aceitar ou não. Ele precisará te oferecer um documento chamado "Termo de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos". Se você não aceitar a exposição ou a divulgação das suas informações, não o assine.

6.9. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.

6.10. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.

6.11. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: **Victor Gabriel Nogueira Brito**

Endereço: Rua Adilson de Oliveira, 129 - Bairro Laranjeiras - Almenara/MG.

Fone: 33 988938779 / E-mail: victor.nogueira@educacao.mg.gov.br

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 17:00

8. ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante)

Declaro que estou ciente e concordo em participar deste estudo. Além disso, confirmo ter recebido uma via deste Termo de Assentimento e asseguro que tive a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

_____, ____ de ____ de ____

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 3

APÊNDICE C – SEQUÊNCIA DIDÁTICA: ARTIGO DE OPINIÃO

Apresentação Inicial

Inicialmente, sugere-se que os alunos sejam organizados em círculo, de maneira que possam observar bem os colegas e o professor. Em seguida, o professor deve questionar os alunos sobre “ter opinião” a partir das seguintes questões: “Você acha que tem opinião?” e “Você acha que sabe expor sua opinião de maneira adequada”?

É importante que o professor possa mediar as discussões e as respostas, ou modificar a pergunta de modo que os estudantes a compreendam. Dê tempo para que os alunos respondam às questões. Este é um momento de socialização sobre o que os alunos pensam ou sabem a respeito de “ter opinião”.

Dizer que os alunos vão produzir, nas próximas aulas, um gênero textual que tem tudo a ver com expor uma ideia e uma opinião. Explicar que vão aprender como se estrutura o gênero e verão exemplos trazidos pelo professor.

Por fim, o professor apresenta a imagem abaixo, (uma capa de um Fanzine) que se relaciona com a temática que pretende desenvolver na produção inicial. Neste caso, as discussões se organizarão a respeito do polêmico uso do celular em sala de aula. Se possível apresente a imagem no data show ou de forma impressa para todos, deixem que comentem sobre o que eles acreditam que seja o assunto retratado na imagem.



Fonte: O autor

Questões a serem discutidas:

- 1 - O que você entende que está acontecendo na imagem?
- 2 - O que representam as imagens dentro do balão de pensamento da estudante?
- 3 - Você acha que é possível pensar em tecnologia e aplicativos no ambiente em que ela se encontra?
- 4 - Por que você acha que ela está pensando sobre isso?
- 5 - O que sugere o título “ATENÇÃO!!”?

Produção Inicial

- Comentar com os alunos que eles precisarão produzir um texto que expresse a opinião deles sobre uma questão polêmica: “O uso do celular em sala de aula”.
- Mostrar um trecho do artigo “Abominável Mundo Novo” explicando o texto e dizendo porque ele se classifica como um Artigo de Opinião.

Abominável Mundo Novo - Lira Neto

A cena me deixou terrificado. Há poucos dias, visitei uma escola paulistana de ensino fundamental, em um bairro de classe média da cidade. Cheguei à hora do intervalo e deparei-me com um quadro que parecia retirado de algum episódio de “Black Mirror”, a série televisiva que explora os aspectos mais sinistros do impacto da tecnologia sobre o mundo contemporâneo.

Espalhados pelo pátio, recostados nas paredes, sentados ao chão, divididos em pequenos grupos, praticamente todos os alunos mantinham os olhos presos às telinhas dos respectivos celulares. Eram dezenas de crianças e pré-adolescentes. De ombros arqueados, quase nenhum olhava diretamente para o outro. Boa parte deles utilizava fones de ouvidos.

Muitos movimentavam os polegares freneticamente, digitando algo nos minúsculos teclados virtuais, enquanto caminhavam às cegas, sem olhar para a frente. Outros, imóveis, nucas curvadas, retinas fixas nos aparelhinhos, mantinham o semblante vazio, uma expressão de ausência e torpor.

Estavam fisicamente juntos, mas separados por uma barreira invisível. Naquelas mentes e corpos em formação, a criatividade, a energia e o fulgor tão típicos à idade pareciam tragados pela entropia de um assustador buraco negro. A imagem me provocou tamanho abalo que, nos dias posteriores, arrisquei-me a investigar um pouco mais o fenômeno.

Disponível em: NETO, Lira Neto. Abominável mundo novo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 out. 2017.

- Após a leitura, fazer uma discussão oral sobre o texto lido. Questionar os alunos sobre o problema encontrado pelo articulista. Perguntar se conseguem encontrar alguma resposta ou justificativa para o problema. Averiguar se eles julgam a opinião do autor como algo comum a muitas pessoas. É importante que as perguntas sejam feitas da maneira mais clara possível, numa linguagem que facilite a compreensão dos estudantes. Exemplos: “Por que você acha que ele ficou assustado com a cena?”, “Você acha que outras pessoas pensam como ele?”

- Solicitar que produzam um Artigo de Opinião sobre a temática debatida e entreguem ao professor.

Módulo 1 - O Artigo de Opinião

- Apresentar para os alunos o que é o gênero em estudo, de forma clara e objetiva. Utilizar o vídeo “Artigo de Opinião - Como Fazer?” disponível no youtube. É importante que o professor detalhe o conteúdo durante a apresentação do vídeo, explicando o que é introdução, tese, proposta de intervenção, entre outros conceitos aos quais os estudantes não estejam familiarizados.

Vídeo disponível em: [ARTIGO DE OPINIÃO - Como fazer?](#)

- Em seguida, é necessário comentar sobre os artigos que eles produziram. Mostrar trechos, sem expor os autores e comentar sobre os erros mais comuns encontrados.
- É importante que a discussão seja feita de maneira dialogada, dando espaço para que os alunos comentem sobre os trechos e exponham a sua opinião.
- A partir da apresentação do gênero, questionar os alunos sobre o que significa persuadir, pode-se tomar como base a definição do dicionário e mais uma vez questionar se, a partir dos trechos exemplificados, eles estão argumentando corretamente. Questionar se acham que com o texto que produziram eles foram persuasivos como solicitado no artigo de opinião.

Questões para serem respondidas:

- 1 - Como você avaliaria o texto que você escreveu?
- 2 - Você acha que escreveu o que você realmente pensa, ou poderia escrever melhor?
- 3 - Você acha que o texto que você escreveu é persuasivo? Por quê?

- Ao final das discussões é importante que os estudantes compreendam que é necessário assumir um ponto de vista para persuadir o interlocutor, que é preciso dar exemplos, justificar o pensamento, e ser o mais direto e claro possível, a fim de construir uma boa argumentação.

Módulo 2 - Escolhendo elementos e argumentos (Gameificação)

- Comentar com os alunos que na produção de um texto precisamos saber utilizar bem as palavras, entre elas, os conectivos. Organizar a turma em grupos e propor o jogo a seguir.

Jogo: "Mudando o Sentido"

Objetivo: Entender como os operadores argumentativos alteram o sentido das frases.

Material Necessário:

- Fichas com operadores argumentativos
- Fichas com frases diversas
- Divida a turma em grupos e entregue para cada grupo cartões com os seguintes operadores: MAS, PORTANTO, PORQUE, E, APESAR DE (ou outros à escolha)
- Em uma caixa coloque as fichas com as frases seguintes: (pode-se acrescentar quantas mais quiser)
 - Eu não vou à escola hoje.
 - Eu amo sorvete de chocolate
 - As salas de aula estão muito limpas.

- O carro do meu pai está na oficina.
 - Às vezes eu fico triste.
- Cada grupo deve sortear um operador entre as fichas dadas e formar uma sentença em que ele apareça junto à frase sorteada a cada rodada pelo professor. Por exemplo, caso o primeiro grupo sorteie o operador “MAS” e o segundo sorteie o operador “PORTANTO” e a frase sorteada seja “Eu amo sorvete de chocolate” os alunos podem construir sentenças como “Eu amo sorvete de chocolate, mas ele é muito calórico” ou “Eu amo sorvete de chocolate, portanto compro todos os dias.”
- A cada rodada o professor pontua a equipe que conseguir fazer coerentemente o uso do operador.
- Também é interessante comentar com os estudantes as mudanças ocorridas em caso da mudança do operador mesmo em frases totalmente iguais, o que pode gerar enunciados muitas vezes sem coerência. Por exemplo: “Eu amo sorvete de chocolate porque ele é muito calórico” ou “Eu amo sorvete de chocolate, mas eu compro todos os dias.”
- Explicar que o enunciado pode mudar completamente o sentido dependendo do operador escolhido.
- Em seguida, entregar aos alunos as atividades 1 e 2 abaixo:

ATIVIDADE 1

Complete as frases abaixo com o operador argumentativo que considerar mais adequado entre as opções: **(mas, porém, portanto, porque, entretanto, além disso, logo, ou seja, embora)** e depois explique o sentido que cada um deu à frase.

1. Eu estudei bastante para a prova; _____, acho que o meu resultado será maravilhoso.
2. Eu não estudei muito para a prova; _____, acho que o meu resultado será maravilhoso.
3. Ele se preparou bastante para a apresentação; _____, não conseguiu se expressar bem.
4. O clima está mudando rapidamente; _____, precisamos preservar o meio ambiente.
5. A aula foi muito divertida hoje ; _____, a merenda estava deliciosa.
6. Achemos a aula muito interessante; _____, todos estavam prestando atenção.

ATIVIDADE 2

Atividade: Escolha o Melhor Argumento

Leia cada proposição e escolha o argumento que melhor a sustenta. Justifique sua escolha.

1. Proposição: A prática de esportes deve ser incentivada nas escolas.

- A) O esporte ensina disciplina e trabalho em equipe.
- B) Muitas pessoas não gostam de esportes.
- C) O esporte pode ser caro.

2. Proposição: O uso de bicicletas é uma alternativa sustentável de transporte.

- A) Bicicletas são mais lentas do que carros.
- B) O uso de bicicletas reduz a emissão de poluentes.
- C) Nem todo mundo tem uma bicicleta.

3. Proposição: A leitura é essencial para o desenvolvimento pessoal.

- A) Muitas pessoas preferem ver filmes do que ler.
- B) A leitura estimula a criatividade e o pensamento crítico.
- C) Alguns livros são muito longos.

4. Proposição: O trabalho remoto traz benefícios para as empresas.

- A) Os funcionários podem se distrair em casa.
- B) O trabalho remoto pode reduzir custos operacionais.
- C) Algumas pessoas preferem trabalhar no escritório.

5. Proposição: O consumo de alimentos orgânicos é importante para a saúde.

- A) Alimentos orgânicos são geralmente mais caros.
- B) Eles contêm menos pesticidas e aditivos químicos.
- C) Nem todos os alimentos orgânicos têm sabor melhor.

- Pedir que os estudantes entreguem as atividades respondidas.
- Comentar com os alunos que na questão 1 é possível utilizar diferentes operadores e produzir sentidos diferentes, exemplificar.
- Promover uma discussão em relação à atividade 2, dizendo que é possível também relacionar os argumentos às proposições através de diferentes operadores.

Exemplos:

A prática de esportes deve ser incentivada nas escolas, porque o esporte ensina disciplina e trabalho em equipe.

A prática de esportes deve ser incentivada nas escolas, mesmo que muitas pessoas não gostem de esportes.

A prática de esportes deve ser incentivada nas escolas, mas ele pode ser muito caro.

Módulo 3 - O fanzine e o ponto de vista

- Retomar a capa de fanzine mostrada no início das atividades. Comentar com os alunos brevemente do que se trata o gênero e passar a análise e leitura compartilhada dos textos e imagens que formam a revista. A partir deles procura-se discutir sobre o tema “O celular na sala de aula” de modo que os

estudantes possam construir conhecimentos a respeito da temática e sobre importância de ter posicionamento crítico.

- É interessante que o fanzine seja mostrado a todos os estudantes, apresentado em data show ou de forma impressa. Através das discussões propostas pelo fanzine, deseja-se construir um debate que apresente as visões sobre a questão polêmica de uma maneira criativa, objetiva e interessante.

- Mostrar imagem da página 1: (Celular com aspecto monstruoso x Celular com aspecto angelical)



Criado por IA - Via Meta.



Criado por IA - via Meta

Questionamentos:

- 1 - O que você acredita que as imagens querem retratar?
 - 2 - Com qual das imagens você concorda mais? Por quê?
 - 3 - Dê um exemplo de uma justificativa que possa transformar o celular em um monstro.
 - 4 - Dê um exemplo de uma justificativa que possa transformar o celular em um anjo.
- Discutir sobre a página com recortes de capas de revistas.



Disponível em: <https://angloresolve.plurall.net/press/question/7327127>



Disponível em: <https://macmagazine.com.br/post/2008/06/30/iphone-e-novamente-materia-da-epoca-desta-vez-virou-capa/> Acesso em 08/08/2024

Questões:

Qual capa de revista parece dizer algo positivo sobre o celular? Justifique.

Qual capa parece mostrar algo negativo sobre o celular? Justifique

Porque você acha que o autor quis colocar estas duas imagens uma ao lado da outra?

- Apresentar página com colagens e citações:

(Colagens de celulares, bombas e corações)

(Frases: “Ei, Se liga!” “Eu sei usar!” “ A tecnologia mudou o mundo” “Quem doma a quem?”

“A tecnologia move o mundo” - Steve Jobs

Questões:

1 - O que mais te chama a atenção nesta página?

2 - Você acha que o celular doma o homem ou o homem doma o celular?

3 - Você acha que sabe usar a tecnologia da forma correta? Justifique.

- Apresentar página com poema e comentário pessoal:

O Menino e o Poder

"O menino vai para a escola,
Com a cabeça cheia de sonho,
E o professor lhe diz:
- Aprenda, menino, a regra,
E não se esqueça do dever.

“Mas o menino olha pela janela,
E vê o mundo lá fora,
E pensa: - Que regra é essa,
Que me impede de voar?”

Carlos Drummond de Andrade

E se a gente fica aqui só na escola, o celular não pode ser uma ferramenta legal pra gente ver o mundo lá fora?

Eu acho que é importante a gente ter celular!

Você que está lendo essa revista, já parou pra pensar?

Eu ando voando no mundo, você anda voando pra qual lugar?

Tá dormindo? Tá sonhando? Tá acordado?

Tô falando com você ou com o seu celular?

- Você acha que esta página critica ou apoia o uso do celular na escola? Justifique.

- Podemos dizer que o autor soube expor sua ideias de uma maneira interessante? Como ele fez isso?

- Que outros tipos de textos você pensa que o autor poderia utilizar para falar sobre este assunto no seu fanzine?

Módulo 4 - Retomando o Artigo de Opinião

- Apresentar novamente o gênero Artigo de Opinião

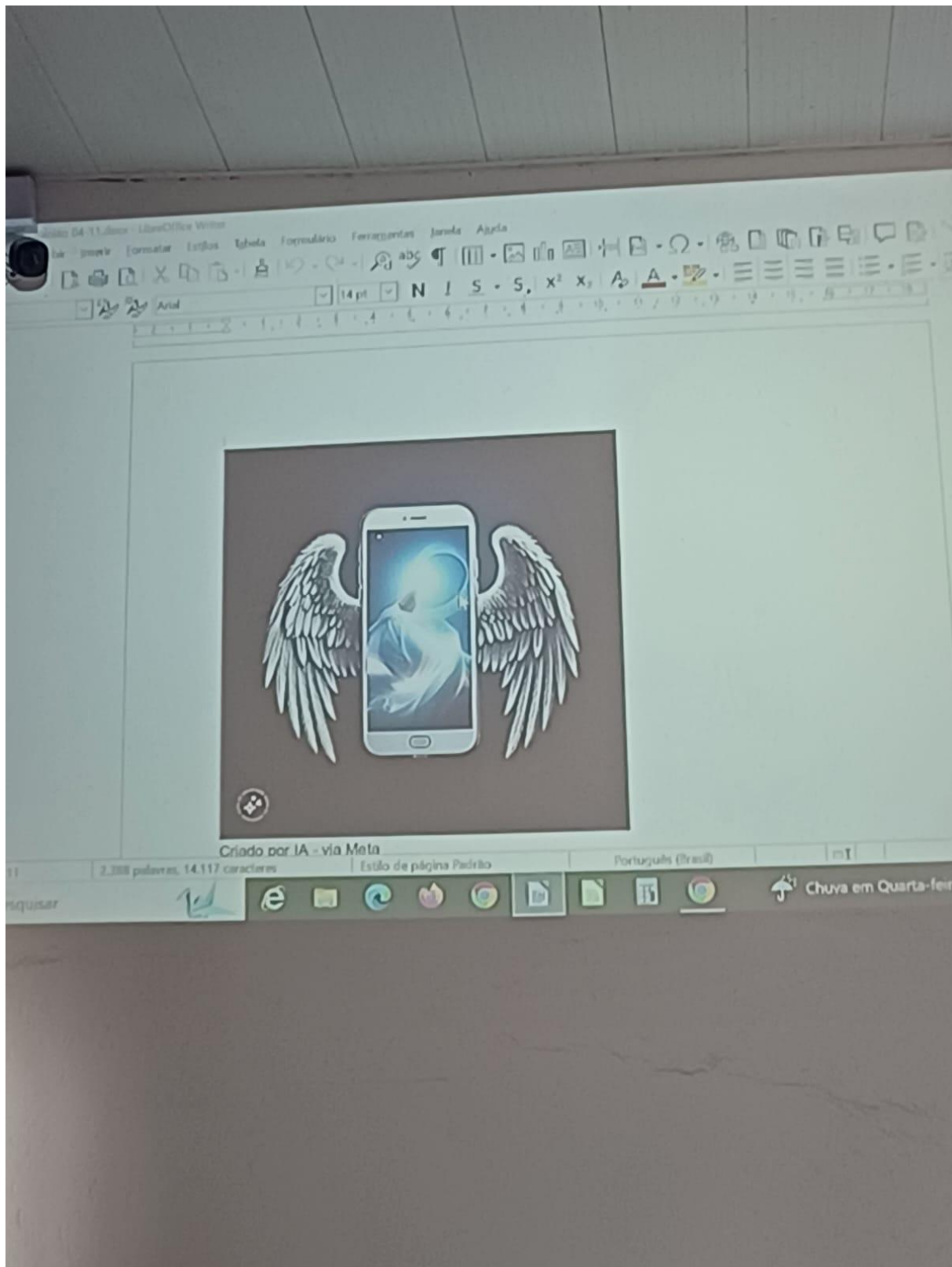
- Relembrar as principais características do gênero e as partes principais de sua estrutura.
- Explicar que eles irão reescrever o artigo que fizeram levando em consideração todo o conteúdo visto e debatido nas últimas aulas.
- Abrir um espaço para que possam expor sobre o que acharam mais interessante nas discussões das aulas.
- Solicitar que preparem-se e, se possível, pesquisem mais em casa sobre o assunto, assumindo definitivamente um ponto de vista que será defendido na produção final.

Produção Final - Essa é minha opinião!

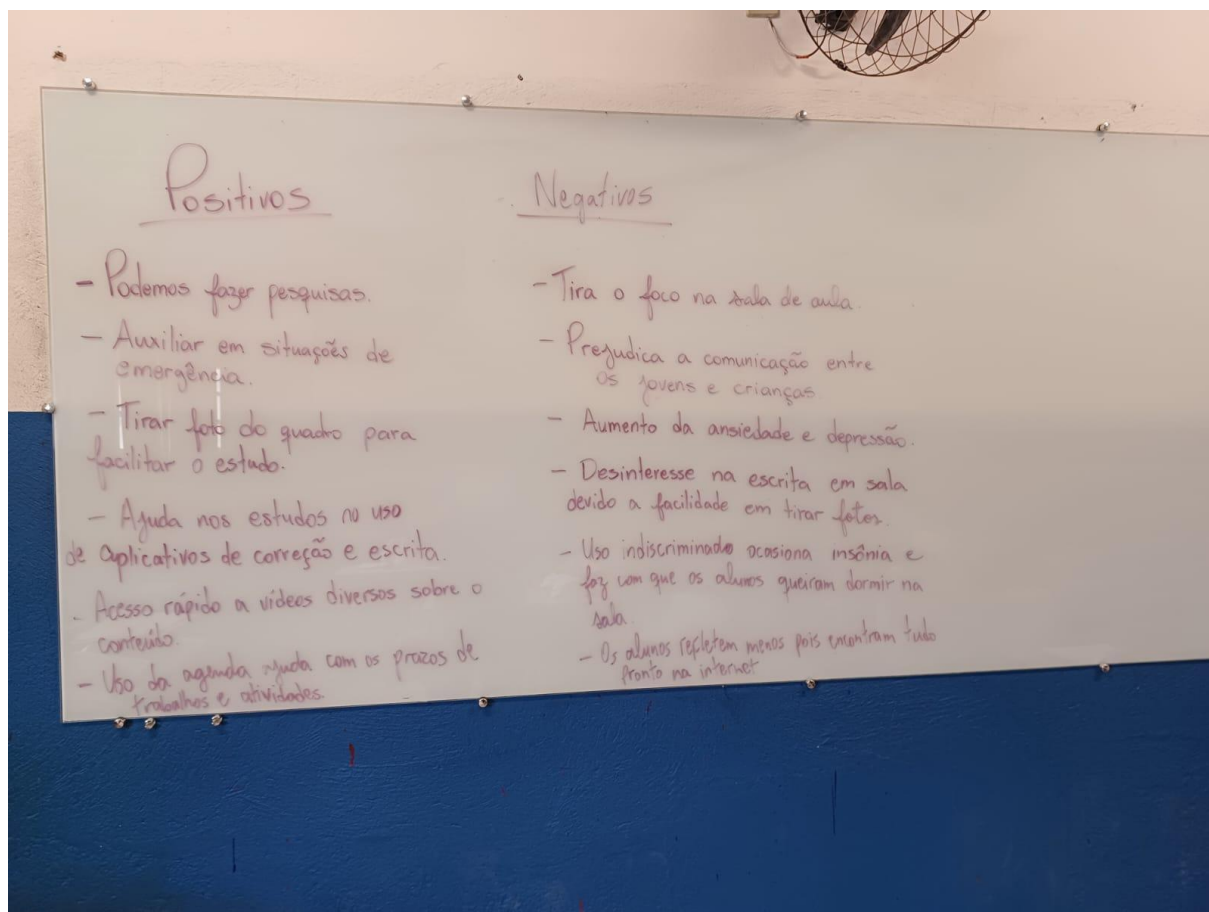
- Os estudantes devem produzir um artigo de opinião sobre a temática “ O uso do celular em sala de aula”
- Encerrar o trabalho com a apresentação dos artigos produzidos sugerindo uma discussão sobre os recursos que cada aluno utilizou na defesa do seu ponto de vista.

ANEXOS

ANEXO I



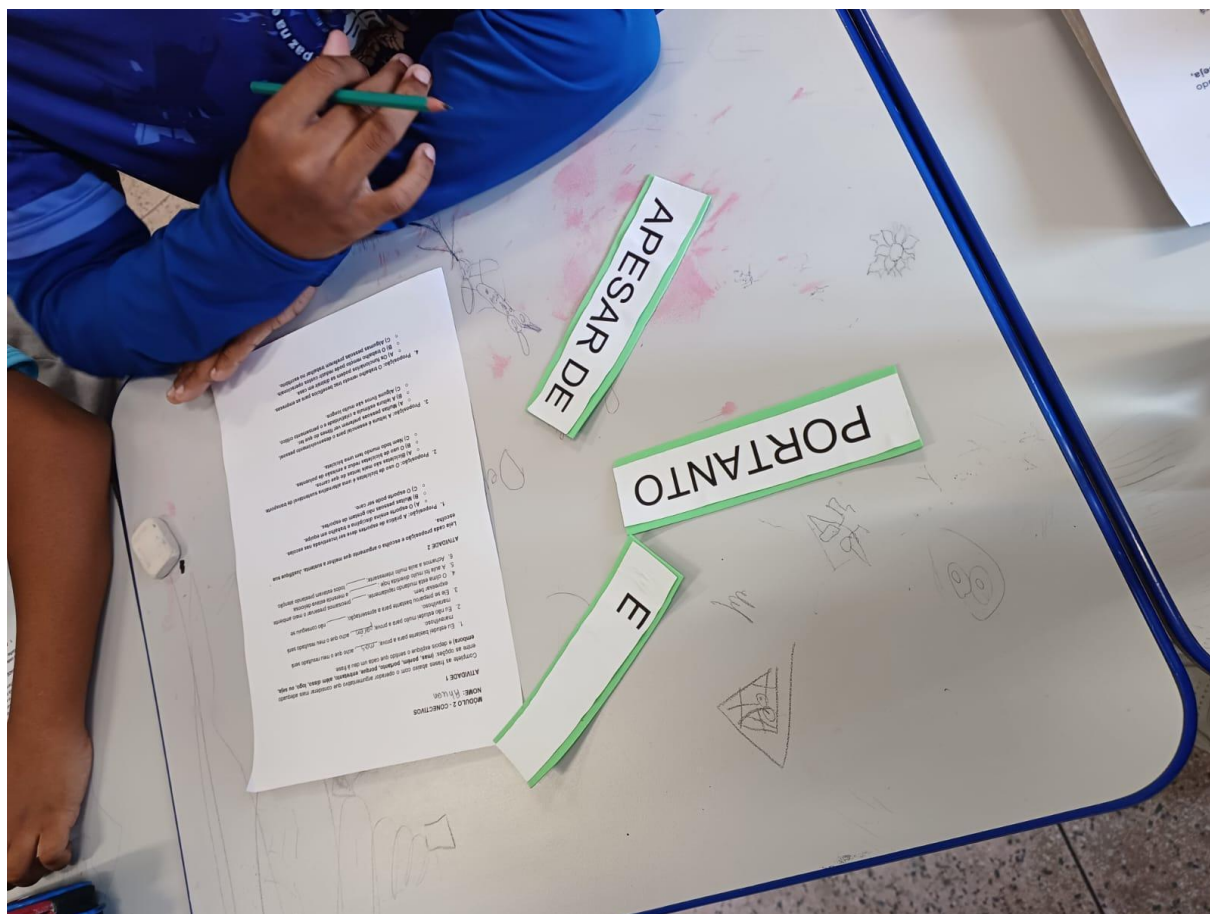
ANEXO II



ANEXO III



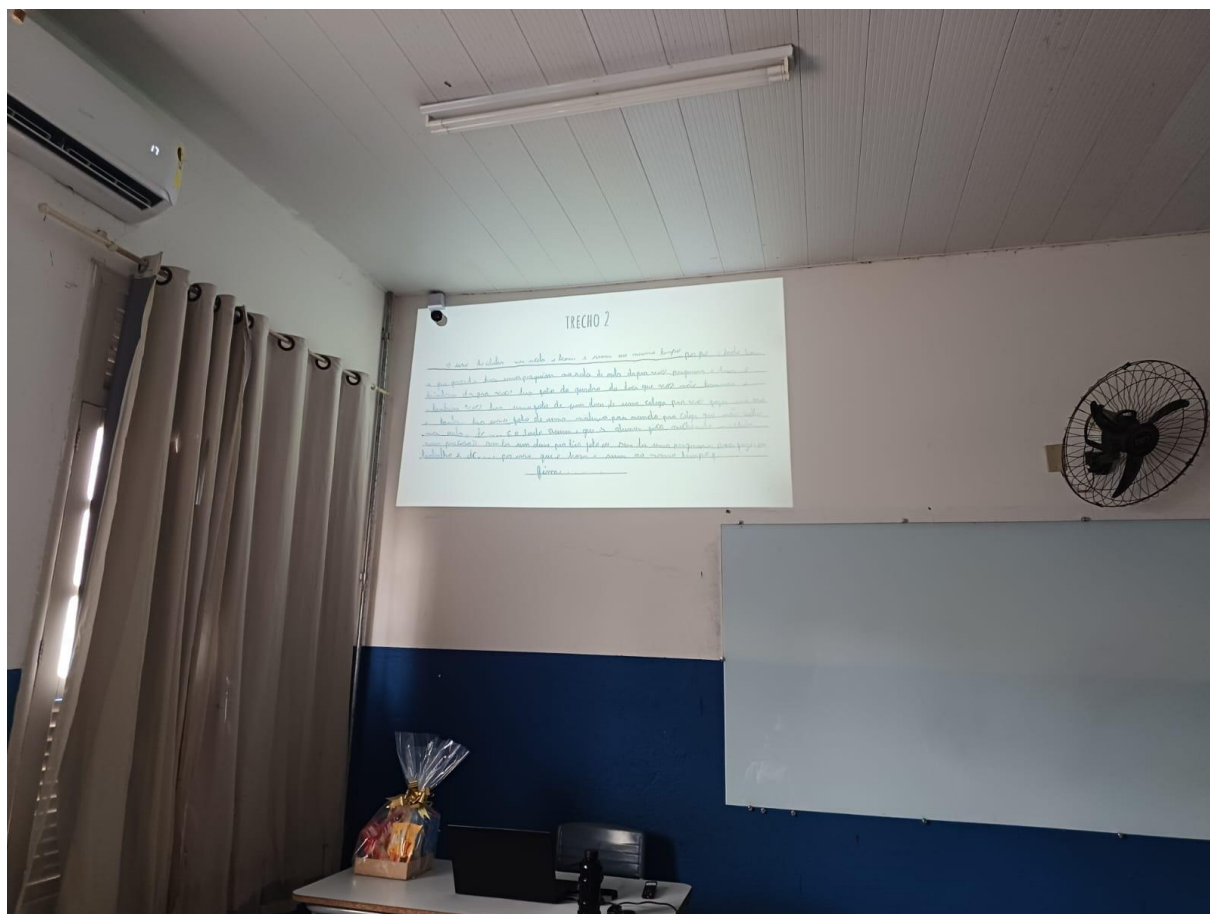
ANEXO IV



ANEXO V



ANEXO VI



ANEXO VII